

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – UDESC
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO – FAED/UDESC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO DA INFORMAÇÃO- PPGInfo**

ALINE FERREIRA

**MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO E O PROTAGONISMO SOCIAL PARA
MULHERES FEMINISTAS NEGRAS E LÉSBICAS: COMBATE ÀS VIOLÊNCIAS
DE RAÇA, GÊNERO E SEXUALIDADE**

FLORIANÓPOLIS - SC

2023

ALINE FERREIRA

**MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO E O PROTAGONISMO SOCIAL PARA
MULHERES FEMINISTAS NEGRAS E LÉSBICAS: COMBATE ÀS VIOLÊNCIAS
DE RAÇA, GÊNERO E SEXUALIDADE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação – PPGInfo, do Centro de Ciências Humanas e da Educação – FAED, da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre Gestão de Unidades de Informação.

Orientadora: Profa. Dra. Daniella Camara Pizarro.

FLORIANÓPOLIS – SC

2023

**Ficha catalográfica gerada pelo programa de geração automática da
Biblioteca Setorial do FAED/UESC,
com os dados fornecidos pelo (a) autor (a).**

Ferreira, Aline-

Mediação da informação e o protagonismo social para mulheres
feministas negras e lésbicas: combate às violências de raça, gênero e
sexualidade / Aline Ferreira. – 2023.

150 p.

Orientador: Daniela Camara Pizarro.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado de Santa
Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de
Pós-Graduação profissional em Gestão da Informação, Florianópolis,
2023.

1. Mediação da Informação. 2. Representações Sociais. 3. Feminismo
Negro Lésbico. 4. Ciência da Informação. 5. Biblioteconomia I. Daniela
Camara Pizarro. II. Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de
Ciências Humanas e da Educação, Programa de Pós-Graduação
Profissional em Gestão da Informação. III. Título.

ALINE FERREIRA

**MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO E O PROTAGONISMO SOCIAL PARA
MULHERES FEMINISTAS NEGRAS E LÉSBICAS: COMBATE ÀS VIOLÊNCIAS
DE RAÇA, GÊNERO E SEXUALIDADE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação, do Centro de Ciências Humanas e da Educação – FAED, da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Gestão da Informação.

BANCA EXAMINADORA

Daniella Camara Pizarro, Doutora.
Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc)

Membros:

Franciéle Carneiro Garcês da Silva, Doutora.
Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc)

Ana Claudia Borges Campos, Doutora.
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

Florianópolis, 11 de julho de 2023.

Dedico este trabalho à minha filha Alissa Amínata, que é a continuação da minha ancestralidade, mulher preta.

Com todo meu amor, dor e luta, na esperança de inspirá-la e poder retribuir a força que me manteve firme, vinda de seu olhar terno.

Agradecimentos

Agradeço muito por cada pessoa que esteve ao meu lado, desde antes de eu ingressar no mestrado, já me incentivavam e me davam força.

Agradeço primeiramente aos meus pais, que sempre acreditaram e acreditam em mim.

Agradeço aos meus irmãos por ouvirem os desabafos, choros e risos, sempre me incentivando.

A cada amiga, amigo e amores pelo caminho que também em certo momento me inspiraram e me fortaleceram.

Gratidão à minha orientadora, sempre paciente, atenciosa e enxergando em mim potencial.

Nesses dois anos muito aconteceu, minha visão de mundo mudou e agradeço ao Universo por isso.

Mas principalmente, agradeço aos meus Orixás, ao meu povo da rua, que diante de tanta adversidade, tanta dificuldade que tive neste trajeto, nunca me desampararam e nem me deixaram desistir.

Iansã movimentando sempre e abrindo os caminhos para mim, e me mantendo em pé.

Gratidão à minha cria, por ela eu não paro.

“Eles combinaram de nos matar,
E a gente combinamo de não morrer”.
(Conceição Evaristo)

RESUMO

Mediação da Informação vem sendo amplamente discutida dentro das áreas da Ciência da Informação e especialmente na Biblioteconomia, tanto quanto em temas de investigação científica como no âmbito acadêmico. Compreende-se que qualquer tipo de mediação, e como tratamos neste trabalho, a mediação da informação, é um processo que se dá justamente na relação entre técnica e fatores humanos, que possibilitam tanto a produção quanto o compartilhamento destes elementos informacionais, gerando um conhecimento. O presente trabalho tem como objetivo geral compreender os desafios de raça, gênero e sexualidade que mulheres feministas negras e lésbicas enfrentam na sociedade cuja mediação da informação pode subsidiar no combate às violências e exclusões; a partir de suas representações sociais. Neste trabalho, abordamos sobre a importância da mediação da informação tornando o protagonismo social de mulheres negras feministas e lésbicas como primeiro plano e colocando-as em seu lugar de enunciação, pois por muitos anos mulheres negras e pertencentes a comunidade LGBTQIAP+ e grupos de vulnerabilidade social, não eram representadas nos movimentos feministas. Por isso foram criados movimentos e coletivos com o propósito de representações de seus direitos e suas necessidades reais, o Feminismo Negro. O trabalho aborda inicialmente em sua fundamentação teórico conceitual sobre Mediação da Informação e Protagonismo Social, em seguida sobre Feminismo Negro e Interseccionalidade e finaliza discorrendo sobre a Teoria das Representações Sociais. A pesquisa é na área das ciências sociais aplicadas e de caráter social, uma pesquisa qualitativa e aplicada quanto ao problema, exploratória e descritiva quanto aos objetivos e bibliográfica e documental quanto aos procedimentos técnicos. O universo da pesquisa será a Coletiva Visibilidade Lésbica Floripa- Mudiá, a metodologia utilizada é o DSC – Discurso do Sujeito Coletivo através de entrevistas com 06 mulheres negras e lésbicas que compõem a Mudiá, com perguntas abertas, pois é uma abordagem para que expressem seus sentimentos em suas falas que são matérias discursivas, em uma escala coletiva e social, a partir das entrevistas foi desenvolvido um único discurso compondo as ideias principais de todas estas mulheres. E como produto final apresenta-se uma cartilha onde apontam os desafios e os combates às violências.

Palavras-chave: Mediação da Informação. Representações Sociais. Feminismo Negro Lésbico. Ciência da Informação. Biblioteconomia.

ABSTRACT

Information Mediation has been widely accepted within the areas of Information Science and especially in Library Science, both with regard to scientific research topics and in the academic field. It is understood that any type of mediation, and as we deal with in this work, the mediation of information, is a process that takes place precisely in the relationship between technique and human factors, which enable both the production and sharing of these informational elements, generating knowledge. The present work has the general objective of understanding the challenges of race, gender and sexuality that black and lesbian feminist women face in society whose mediation of information can subsidize the fight against violence and exclusion; from their social representations. In this work, we approach the importance of information mediation, making the social protagonism of black feminist and lesbian women a foreground and working them in their place of enunciation, since for many years black women belonging to the LGBTQIAP+ community and groups of social vulnerability, were not represented in feminist movements. For this reason, movements and collectives were created with the purpose of representing their rights and their real needs, Black Feminism. The work initially deals with its conceptual foundation on Mediation of Information and Social Protagonism, then on Black Feminism and Intersectionality and ends by discussing the Theory of Social Representations. The research is in the area of applied social sciences and of a social character, a qualitative and applied research regarding the problem, exploratory and descriptive regarding the objectives and bibliographical and documental regarding the technical procedures. The research universe will be the Floripa-Mudiá Lesbian Visibility Collective, the methodology used is the DCS – Collective Subject Discourse through interviews with 06 black and lesbian women who make up Mudiá, with open questions, as it is an approach for them to express their feelings in their speeches that are discursive subjects, in a collective and social scale, from the interviews a unique speech was developed composing the main ideas of all these women. And as a final product, a booklet is presented in which to point out the challenges and the fight against violence.

Keywords: Mediation of Information. Social Representations. Black Lesbian Feminism. Information Science. Librarianship.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AC	Ancoragem
DSC	Discurso do Sujeito Coletivo
ECH	Expressões-chave
GLS	Gays, Lésbicas e Simpatizantes
IC	Ideia Central
LGBT	Lésbicas, Gays, Travestis, Transgêneros e Transsexuais
LGBTQIAP+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Queer, Travestis, Transgêneros, Transexuais, Intersexual, Assexuado, Pansexual e demais grupos e variações de sexualidades
ODS	Objetivos de Desenvolvimento Sustentável
ONG	Organização Não Governamental
SC	Santa Catarina
STF	Supremo Tribunal Federal
TRS	Teoria das Representações Sociais

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
1.1	OBJETIVOS.....	17
1.1.1	<i>Objetivo Geral</i>	17
1.1.2	<i>Objetivos Específicos</i>	17
3	FEMINISMO NEGRO E INTERSECCIONALIDADE	29
4	CONSTRUÇÃO SOCIAL DA REALIDADE E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	39
5	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	45
6	REPRESENTAÇÃO SOCIAL SOBRE PROTAGONISMO SOCIAL PARA MULHERES FEMINISTAS NEGRAS LÉSBICAS A PARTIR DO DSC	54
6.1	DESAFIOS DO RACISMO: VIOLÊNCIA E OPRESSÃO	56
6.2	DESAFIOS DE GÊNERO: A DESVALORIZAÇÃO CONTÍNUA DA MULHER NEGRA	60
6.3	DESAFIOS DA SEXUALIDADE: A VISIBILIDADE LÉSBICA	62
6.4	DESAFIOS DE RAÇA, GÊNERO E SEXUALIDADE: A INTERSECCIONALIDADE.....	66
7	PRODUTO: CARTILHA DE COMBATE AOS DESAFIOS DE RAÇA, GÊNERO E SEXUALIDADE	69
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	77
<u> </u>	REFERÊNCIAS	80
<u> </u>	APENDICE A - QUESTIONÁRIO DE CARACTERIZAÇÃO	86
<u> </u>	APENDICE B - ROTEIRO DAS ENTREVISTAS	89
<u> </u>	APÊNDICE C – ESTATUTO DA COLETIVA VISIBILIDADE LÉSBICA FLORIPA – MUDIÁ	90
<u> </u>	APÊNDICE D – DECLARAÇÃO DE CIÊNCIA E CONCORDÂNCIA ENTRE INSTITUIÇÕES	99
<u> </u>	APÊNDICE E - CONSENTIMENTO PARA FOTOGRAFIAS, VÍDEOS E GRAVAÇÕES	100
<u> </u>	APÊNDICE F – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	101
<u> </u>	APÊNDICE G – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS	103
<u> </u>	APÊNDICE H – INSTRUMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS	120

1 INTRODUÇÃO

No atual contexto da sociedade, a informação e o conhecimento atingiram um patamar importante na satisfação das necessidades humanas em termos de bens e serviços gerados em ambientes que produzem, tratam e disseminam informações e conhecimentos. Assim, a informação foi sendo monopolizada e manipulada por uma elite econômica branca dominante, portanto, percebo que está relacionado ao apelo social atual.

Nesse sentido, posso afirmar que esta estrutura social criada, onde esse determinante grupo detém a informação, em todos os campos, está retirando o lugar de enunciação¹ e empoderamento de outros grupos, sendo estes comumente grupos de vulnerabilidade socioeconômica, especificamente como no caso desta pesquisa, as mulheres negras feministas e lésbicas.

Durante muito tempo pessoas negras foram invisibilizadas como protagonistas de sua própria história, assim, se criou uma compreensão onde os indivíduos, os principais agentes, sempre foram homens brancos burgueses, heterossexuais e cisgêneros².

Desse modo, automaticamente, foi construído o retrato da pessoa negra com uma imagem marginalizada e inferiorizada, pautada no racismo e nas desigualdades oriundas de diversos anos de exploração e da escravidão negra no Brasil, além das desigualdades relativas às mulheres que foram oprimidas durante a longa conquista da cidadania. (PEREIRA, 2021).

Houve assim, um retardo na representação histórica deste grupo de pessoas, pois a subsequente abolição sem acolhida da pessoa negra no mercado de trabalho e sem que fossem propiciadas a elas as mínimas condições de subsistência corroboraram para tal retardo.

A urgência do estudo de mediação da informação e protagonismo social estão intrinsecamente ligados à capacidade de escuta, e, assim, dar visibilidade e ser assertivo com a informação a partir das mulheres feministas negras e lésbicas

¹ Lugar de enunciação ou *lócus* de enunciação é reunir as experiências vividas que vêm sido reconhecidas nos trabalhos de estudos decoloniais a partir do feminismo negro e do direito de fala de mulheres negras. (NASCIMENTO, 2021)

² Pessoa em constante reconstrução social, que tem o sexo de nascimento conectado com o gênero masculino ou feminino, enxergando-se biológica e socialmente como homem ou como mulher. (SANTOS *et al.*, 2017)

trabalhando na linha de frente do seu próprio sentido de viver como protagonista de sua própria pesquisa e de seu próprio fazer conhecimento.

Um novo cenário surge, e, então, através dele, cada dia mais, a necessidade da mediação da informação. Esta mediação nada mais é que uma ação de interferência e apropriação da informação, tanto coletiva quanto individualmente.

O conhecimento é dinâmico e está em constante mudança, assim como a sociedade, e é papel da pessoa profissional da informação como mediadora disseminar, veicular, e, de certa forma, filtrar as informações que bombardeiam o indivíduo diariamente,

Percebo que existe um controle e manipulação da informação desde a forma como um serviço é estruturado, até à execução de ações como a exemplo, o serviço de “educação do usuário”, pois são ações assim, que estão intrinsecamente relacionadas à mediação.

Compreendo este fazer mediação como informação em estado de compartilhamento (GOMES, 2017), é saber direcionar e tratar a disseminação da desinformação, de forma em que a comunidade ou grupo em que esta pessoa mediadora esteja inserida, não seja prejudicada, diminuída ou ofuscada.

Atrelado a isto, está o protagonismo social que nos traz reflexões acerca da sua relação com a mediação da informação, e, por isso, torna-se fundamental no contexto sociopolítico atual. Bem como, tal ideia remete à dimensão social da ética e da moralidade, pois, são valores morais e normas que definem costumes e as relações dos grupos ou indivíduos na sociedade.

Segundo Gomes (2019, p. 12):

O protagonismo representa, em sua essência, uma ação de resistência contra a opressão, discriminação, *apartheid* social, rejeição, desrespeito e negação ao diferente, por esta razão, não se pode falar em protagonismo, omitindo-se que este ao mesmo que resulta da ação mediadora também a impulsiona e, por conseguinte, também reflete na dimensão política desta ação.

O protagonismo social tem como papel principal a representatividade, resistência e cultura. Assim sendo, o protagonismo social é uma conduta moral que traz voz às minorias, à grupos de pessoas socialmente vulnerabilizadas e tornam-se agentes transformadores de sua própria história, conforme explica Gomes (2019, p. 15):

Assim, pode-se defender que o protagonismo é social, além de representar

uma conduta assumida, uma postura, um modo de ser e estar no mundo, que envolve as diversas esferas e dimensões da vida social, incluindo a dimensão cultural, compreendendo-se cultura como produção humana, na qual se inclui o objeto informação.

Nesse sentido, as buscas das mulheres negras pelo reconhecimento mesmo dentro do Movimento Feminista vêm de décadas atrás, onde percebo que seus direitos e suas reais necessidades não eram discutidas, tão pouco, colocadas em evidência. Pois, aquele grupo de mulheres não reconhecia seus próprios privilégios, e, que outras mulheres ali presentes, negras e lésbicas não eram ouvidas.

Dessa forma, as mulheres negras e lésbicas denunciavam suas exclusões do Movimento Feminista, que passou a ser visto não apenas como pensamento feminista, mas como pensamento feminista branco (PISCITELLI, 2008).

Apesar do Movimento Feminista apresentar várias vertentes teóricas, tais como os feminismos liberal, socialista (e marxista) e radical, trabalhavam argumentos diferentes em relação às causas e soluções da opressão. Assim, as mulheres negras acabavam sofrendo a mesma crítica, que era a de “[...] priorizar as experiências e condições de vida das mulheres brancas, heterossexuais, da classe média e generalizando-as, de forma inapropriada e perigosa, para as outras mulheres”. (CARDOSO, 2012, p. 80).

Desse modo, as mulheres negras, bem como várias outras mulheres, não se sentiam representadas pelo feminismo hegemônico, que pregava um feminismo unificado e falava de uma mulher universal e de uma opressão comum a todas. Havia sim, uma opressão histórica baseada em gênero, mas essa não era a única forma de violência a que as mulheres estavam sujeitas (BARBOSA, 2016).

Engana-se quem entende o feminismo como algo hegemônico e unificado, dentro do movimento existem muitas singularidades, e, tais diferenças, acabaram gerando um conflito dentro do próprio movimento. Pois, o feminismo, o pensamento e a realidade da mulher branca e heterossexual, não é o mesmo pensamento e necessidade da mulher negra, indígena, lésbica, de baixa renda, entre outras.

Assim, surgiu então o Feminismo Negro, que abarca tantas destas mulheres que não se viam representadas, mesmo estando dentro de coletivos, coletivas, ONG's, ou movimentos feministas, o que chamo de “diferença dentro da diferença”, pois houve esta necessidade.

Entendo a mediação da informação como meio da apropriação do protagonismo e como base do processo de conscientização, domínio dos

conhecimentos e do exercício da crítica, que são elementos fundamentais para a formação dos indivíduos protagonistas nestes grupos de vulnerabilidade, como trata este trabalho, de mulheres feministas negras e lésbicas.

Neste sentido, a presente pesquisa trata da temática da mediação da informação e seu objetivo principal, que é o protagonismo social para identificar como podem ajudar as mulheres negras e lésbicas a sobrepujar os desafios de raça, gênero e sexualidade impostas pela sociedade.

Realizada a partir do universo de estudo, a Coletiva Visibilidade Lésbica Floripa – MUDIÁ, que é uma coletiva³ feminista, anti-LGBTfóbica, antissexista, antipatriarcal, antirracista, anticapacitista, antifascista e anticapitalista de âmbito regional (Grande Florianópolis/SC), constituída por mulheres lésbicas, negras e brancas. A MUDIÁ atua para a visibilidade, articulação, organização, disseminação, produção e busca de soluções para as demandas das mulheres lésbicas de Florianópolis/SC e região.

Ao analisar o referencial teórico, nas buscas que realizei até aqui, as dúvidas que surgem cada vez com mais frequência, observando o cotidiano, tanto meu quanto de outras mulheres negras e lésbicas, percebo que este trabalho se justifica pela relevância da mediação da informação e do protagonismo social para mulheres feministas negras lésbicas e seus desafios de raça, gênero e sexualidade. Por serem - por muitas das vezes imperceptivelmente -, um grupo de pessoas excluídas, tiradas de evidência da sociedade, discriminadas e vítimas de violência sociocultural constante, traz à luz a urgência deste estudo.

Em tempo, trago aqui sobre a relevância da Agenda 2030 (NAÇÕES UNIDAS, 2023) dentro da Ciência da Informação e da Biblioteconomia desenvolvendo projetos alinhados com as Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), além de que é o acesso público à informação permite que as pessoas tenham a consciência de que podem melhorar suas vidas. As comunidades que têm acesso à informação relevante, de qualidade e no tempo certo estão melhores posicionadas para erradicar a pobreza e a desigualdade, proporcionar educação de qualidade e promover a saúde, a cultura a pesquisa e a inovação, saindo da condição de subalternidade.

Pensar esta temática, que se torna ainda mais relevante quando é vista a necessidade de ainda mais estudos dentro da Ciência da Informação e da Biblioteconomia, quando percebo que existem pouquíssimas pesquisas nas áreas

³ Por questões de gênero e feminismo, o grupo optou por chamar-se Coletiva (substantivo feminino). Portanto, optou-se por manter a grafia “coletiva”, respeitando assim, a escolha da Mudiá.

sobre feminismo negro, mulheres negras, relações raciais, estudos de gênero e orientações sexuais.

Tenho a consciência de que estamos findando a Década dos Afrodescendentes, que é uma década inteira dedicada a reconhecer que os povos afrodescendentes, negros, representam um grupo que precisa ter seus direitos humanos protegidos e promovidos. (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2023).

Compreendi a importância e o quão essencial é o encontro do objeto informação e este grupo social, mediando informações que delas possam se apropriar e conquistar seu lugar de enunciação. Deste modo, justifico que a pesquisa para além de garantir que este encontro signifique uma valorização destas mulheres feministas negras e lésbicas e a inclusão delas na sociedade, assegurando respeito e oportunidades por meio de políticas públicas e total extinção do racismo, machismo e homofobia.

As contribuições do tema em questão para a área da Biblioteconomia e da Ciência da Informação trarão assuntos relativamente novos para dentro da área para discussões, reflexões e o agir, que penso ser necessário à pessoa Bibliotecária enquanto “profissional da informação” estar inserida nestes grupos como mediadora, facilitadora, como alguém que luta em conjunto pelas causas do bem coletivo de muitos grupos de vulnerabilidade, cumprindo com seu papel ético-profissional.

Compreendi também, a necessidade de pessoas Bibliotecárias cumprirem com seu papel social para além do trabalho autocentrado do processamento técnico e voltar seu olhar para a mediação da informação, auxiliando diretamente no desenvolvimento do protagonismo social a partir da entrega à sociedade de maneiras em que diferentes grupos construam suas próprias histórias, fazerem-se presentes e sendo ouvidas em todos os lugares de direito, dever e que queiram estar.

Assim sendo, me situo neste contexto: mulher feminista negra, lésbica e bibliotecária que busca respostas às inquietações e inseguranças pessoais e profissionais. Compreendo o meu papel na sociedade, e meu valor histórico, pois antes de mim, para que eu aqui estivesse, muitas vieram e lutaram. Tenho minha continuação, uma filha negra, e pretendo deixar esta pesquisa com tamanha relevância para as próximas mulheres feministas negras e lésbicas darem a continuidade e mudar esta sociedade que não reconhece muitos grupos sociais e seus desafios e pertencimentos.

Tem-se como problema de pesquisa, então: **Quais são os desafios de raça, gênero e sexualidade que mulheres feministas negras lésbicas enfrentam na sociedade cuja mediação da informação pode subsidiar no combate às violências e exclusões?**

1.1 OBJETIVOS

Para direcionar esta pesquisa, proponho como objetivo geral e objetivos específicos:

1.1.1 Objetivo Geral

A presente pesquisa tem como objetivo geral: compreender os desafios de raça, gênero e sexualidade que mulheres feministas negras e lésbicas enfrentam na sociedade cuja mediação da informação pode subsidiar no combate às violências e exclusões.

1.1.2 Objetivos Específicos

A partir deste objetivo geral proposto desmembro os objetivos específicos para chegar à resposta da pergunta, que são:

- a) Identificar a relevância da mediação da informação na área da Ciência da Informação e da Biblioteconomia;
- b) Coletar discursos de mulheres negras e lésbicas com vistas a expressar a representação social desta coletiva acerca dos desafios que elas enfrentam no combate aos preconceitos de raça, gênero e sexualidade através de entrevistas com as membras da Coletiva Visibilidade Lésbica Floripa - MUDIÁ;
- c) Identificar os desafios de raça, gênero e sexualidade enfrentados por mulheres feministas negras e lésbicas;
- d) Desenvolver uma cartilha para fortalecimento da autonomia das mulheres negras e lésbicas, a qual por meio da mediação da informação, colabore no combate às violências e exclusões.

Nas próximas seções abordarei na revisão de literatura um pouco mais do que já foi explanado até aqui. A estrutura do trabalho é composta inicialmente por uma fundamentação teórico-conceitual a partir de uma pesquisa exploratória e descritiva sobre as temáticas desta pesquisa que são Mediação da Informação e Protagonismo Social na Ciência da Informação e Biblioteconomia, e Feminismo Negro e Interseccionalidade⁴.

Posteriormente, apresentarei uma fundamentação teórico-metodológica onde trabalharei a Construção Social da Realidade e as Representações Sociais. Esta fundamentação tem por objetivo fortalecer minha visão para realizar a análise dos dados e dos discursos que serão coletados, e por fim apresentarei a metodologia e os percursos metodológicos do trabalho.

⁴ Interseccionalidade é o estudo da sobreposição ou intersecção de identidades sociais e sistemas relacionados de opressão, dominação ou discriminação. (SARDENBERG, 2015).

2 MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO E PROTAGONISMO SOCIAL NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E BIBLIOTECONOMIA

Mediação da Informação vem sendo amplamente discutida dentro das áreas da Ciência da Informação e especialmente na Biblioteconomia, tanto quanto em temas de investigação científica como no âmbito acadêmico. A mediação, ou o ato de mediar, não é um ato “concreto”, ela só ocorre quando há interferência de alguém, e, nesse sentido, compreende-se informação como um ato a ser realizado. (ALMEIDA JUNIOR; SANTOS, 2014).

A mediação da informação se constitui pela interação entre a pessoa profissional da informação, a pessoa bibliotecária, com usuárias no processo do contato e aquisição da informação, no entanto, acredito que mediação da informação vai muito além do contato com o indivíduo.

Segundo Almeida Júnior (2009, p. 92), o conceito de mediação da informação é:

Toda interferência – realizada pelo profissional da informação -, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; que propicia a apropriação de informação que satisfaça, plena ou parcialmente, uma necessidade informacional.

Nesse sentido, compreendo que qualquer tipo de mediação, e, como tratamos neste trabalho, a mediação da informação, é um processo que ocorre justamente na relação entre técnica e fatores humanos, que possibilitam tanto a produção quanto o compartilhamento destes elementos informacionais, gerando conhecimento (GOMES, 2008).

Esta mediação da informação é baseada em práticas de comunicação, ou seja, o fator humano, que a partir de sua bagagem cultural e dos processos técnicos de compartilhamento, transmitem informações que geram significados.

O movimento onde pessoas interagem entre si, mas também com informações, constitui o processo de construção do conhecimento, onde a partir de suas possibilidades cognitivas, se apropriem dos conteúdos acessados (GOMES, 2008). Desse modo, o processo de construção do conhecimento, se dá a partir da transmissão da informação, o enfoque da Ciência da Informação:

Portanto, o processo de construção do conhecimento está associado ao conteúdo simbólico da informação e se dá e passagem mediada pelos

suportes de registro e por uma condição de solidão tanto para o emissor (autor) quanto para o receptor (leitor) da informação (GOMES, 2008).

Gomes (2008) afirma ainda que o conhecimento resulta de um ato humano que se apoia nos recursos tecnológicos de extensão da memória. Deste conhecimento adquirido geram os discursos, constituídos em comunicação verbal e em textos escritos formais e informais, que surgem em situações de comunicações culturais.

“A informação harmoniza o mundo” (BARRETO, 2001, p. 4). Nesse sentido, compreendo a informação como um fenômeno no processo de comunicação que se efetiva entre o emissor e o receptor de determinada mensagem, e como afirma o autor acima citado, é a informação que gera o conhecimento e relaciona cada indivíduo e a sua liberdade de decisão, ou seja, a apropriação do conhecimento direciona a sua vivência e sua natureza. (BARRETO, 2001).

Rememoro assim, o objetivo final deste trabalho, o desenvolvimento de uma cartilha a partir dos discursos que serão analisados de mulheres feministas negras lésbicas a fim de torná-la um recurso de estudo que auxiliará na exclusão das violências e promoção de seus protagonismos.

Compreendo então, que a mediação como um processo realizado por mediadoras que podem ser tanto humanos como softwares, realizado via internet ou pessoalmente (FACHIN, 2013), cada vez mais esta massa informacional aumenta e está em constante mudança, principalmente com o fácil acesso à internet, todas as pessoas podem ser produtoras, mediadoras e usuárias da informação.

Almeida Junior (2009, p. 11) ainda conceitua o ambiente informacional onde ocorre esta mediação como sendo:

O conceito de mediação da informação que formulamos tem como base a apropriação e a interferência e esta se dá em vários âmbitos: do usuário, do profissional da informação, do suporte informacional, do produtor da informação, das mídias, dos meios, dos equipamentos informacionais etc.

A demanda por múltiplas funcionalidades da pessoa mediadora aumentou com o constante crescimento do consumo de informações pela sociedade, e uma delas, onde está o enfoque principal é o atendimento diversificado, entendido também como personalizado para cada usuário, almejando sanar suas necessidades específicas (FACHIN, 2013).

Nesse sentido, o processo de mediação “é algo natural, [...] temos como ator-chave o ser humano, que, com seus conhecimentos explícitos e tácitos, é um elo capaz de proporcionar o encontro entre geradores e receptores da informação.”. (QUADROS, 2001, p. 11).

Tratar o conceito de mediação na relação das pessoas com o ambiente em que estão inseridas e na sua interação com o mundo se dá a partir do momento em que compreendemos o processo histórico, social e cultural que nos cercam. (FARIAS, 2015).

Para Brito, Belluzzo e Almeida Junior (2021, p. 324):

A mediação da informação, no contexto da Ciência da Informação, dialoga com áreas como a educação e a cultura, e, vem ao longo dos anos, ampliando e aprimorando suas bases teóricas. A biblioteca é um dos espaços em que a mediação se encontra, a priori, podendo mediar as necessidades de seus interagentes.

Desse modo percebo a importância da educação e cultura para a formação dos indivíduos durante o processo de construção de suas autonomias, caráter e capacidade crítica e de socialização.

De acordo Gomes (2014, 2016), a mediação da informação é baseada em cinco dimensões, que são categorias integrantes do conceito de mediação consciente da informação proposto por Almeida Junior, que se articuladas e desenvolvidas em conjunto, tornam a mediação realmente efetiva.

As cinco dimensões implicam em dialógica, estética, ética, formativa e política (GOMES, 2019). Uma está atrelada a outra, e acontecem gradualmente, como a dimensão dialógica, que é o momento de interação, de interlocução e de trocas de informações entre pessoas.

Ocupo da transmissão cultural e dos processos de compartilhamento por meio dos quais os indivíduos podem gerar significações, a mediação da informação exporá a dimensão dialógica. A partir do processo dialógico ocorre o encontro, a manifestação e a interlocução entre diferentes indivíduos sociais.

Almeida Junior (2009) e Gomes (2020) permitem que situemos a mediação da informação pautada na dialogia, como uma ação dialética que promove um espaço crítico através da explanação e da verbalização de algum processo ou problema, que permitirá assim, o receptor desta mensagem tomar consciência e assim dar apoio e suporte significativo à apropriação da informação.

Percebo ainda mais a importância da dimensão dialógica a partir das palavras de Gomes (2020, p. 12), que afirma:

Sem a dialogia não é possível realizar a mediação da informação. Desse modo, um mediador consciente do significado da ação mediadora, passa a considerar e desenvolver o processo dialógico, buscando observar e compreender as singularidades dos sujeitos envolvidos na ação de interferência, assegurado a todos o espaço de voz, de modo que estejam envolvidos e protagonizando a ação.

Desse modo compreendo que tanto a pessoa mediadora quanto o indivíduo em busca de informação, podem se abrir e conversar mutuamente, assim, o ambiente onde ocorre a mediação deve ser um espaço respeitoso e acolhedor, além do preparo desta pessoa mediadora em respeitar as diferenças e estimular a expressão e manifestação gerando uma ambiência confortável. Neste processo é que se atinge a segunda dimensão, a estética.

A dimensão estética, está intrinsecamente ligada à dimensão ética. A dimensão estética nos mostra que a partir do momento em que se atinge a consciência crítica, atinge também o autoconhecimento, ficando então mais evidente suas potencialidades, e, é desenvolvido então, estratégias de exploração destas.

Nesse sentido:

um aspecto importante da **dimensão estética**, que se evidencia quando a mediação da informação sustenta a construção do sentimento de pertença, promovendo o encontro promissor com a informação, que consiste em cultivar o terreno seminal ao desenvolvimento intelectual e a geração do conhecimento, evidenciando que este sempre está associado às partilhas coletivas, sendo que, quando essas partilhas se tornam mais claras e vivenciadas com intensidade, o estímulo à criatividade é mais forte, tornando mais evidente a potência dos processos sócio-interacionistas para o alargamento dos saberes e conhecimentos. (GOMES, 2020, p. 14).

Intensificar diálogos é o que promove a ação mediadora a alcançar a dimensão estética, que está atrelada ao movimento multidisciplinar e multidirecional da Ciência da Informação e da Biblioteconomia, pois gera experiências ao acesso, contato e encontro com a informação.

Ao alcançar a dimensão estética, que é a beleza de adquirir conhecimentos, o prazer de construir e alcançar objetivos, informações e conhecimentos, há a necessidade latente de alcançar a dimensão ética, que é o encontro do conhecimento com o respeito e a diversidade.

A dimensão ética, é relacionada com a dimensão estética, pelo fato de quando usuárias e mediadoras atingem o autoconhecimento, isto demanda conhecer o contexto em que estão inseridas e a forma como devem agir.

A ética na mediação da informação nada mais é que a exigência da necessidade de uma postura profissional, uma postura que já vem desde sua formação em Biblioteconomia, e, tal postura, é a de abertura e acolhimento ao diferente (GOMES, 2019).

Desperta então a necessidade de formação e qualificação da pessoa profissional mediadora e da usuária, esta é a dimensão formativa. Desta forma a autora Gomes (2019, p. 18) destaca:

No entanto, ressalta-se que mesmo não ocorrendo atividades planejadas e sistematizadas de formação e qualificação, o próprio encontro com o conhecimento em estado de compartilhamento (informação) é potencializador da formação e da qualificação.

Estas ações humanas de caráter formativo, acabam por promover a transformação nos indivíduos que utilizam das unidades de informação e profissionais da informação mediadoras, pois toda e qualquer atividade de mediação acaba por inventar e reinventar cada pessoa quando ela se apropria de determinadas informações.

Partindo deste pressuposto, temos então uma quinta dimensão, a dimensão política. Tal dimensão permite que a profissional mediadora se aproxime do objeto informação e se torne protagonista da mediação.

A mediação da informação tem como foco o atendimento e está apoiada e se posiciona na valorização dos interesses coletivos. Após articuladas todas as dimensões: dialógica, estética, ética e formativa, alcança-se então, a política. Esta dimensão permite a tomada de decisões de forma coerente e responsável deixando a neutralidade (GOMES, 2020).

Na perspectiva de Gomes (2020, p. 18):

A **dimensão política** da mediação da informação contribui para a uma sociedade ativa na construção humanizadora do mundo porque, ao ser alcançada, ela impulsiona a adoção da luta pelo respeito à alteridade, pelo fundamento democrático do livre pensar, pelo combate à desinformação e às informações falsas, pela resistência quanto à redução do espaço crítico e da ação e pelo fortalecimento da justiça e inclusão social, como fundamentais à existência humana, ao cuidado com o outro, com o meio e com o projeto civilizatório.

A pessoa bibliotecária deve ter plena consciência de que seu papel ao trabalhar com informação é característico da estrutura social vigente, bem como assumir a relação da sua área de conhecimento, de trabalho e campo de atuação com as questões sociais, compreendendo e atuando pela educação de forma política como transformadoras sociais.

Tais dimensões são fundamentos e contribuições da Ciência da Informação ao desenvolvimento do protagonismo social (GOMES, 2020). A autora afirma que “somente ao alcançar totalmente todas estas cinco dimensões da mediação da informação em conjunto, ocorre a chamada apropriação da informação” (GOMES, 2019, p. 16).

A apropriação da informação, acontece quando alguém recebe a informação sobre determinado assunto, às compreende e transforma em seus próprios conhecimentos e a partir deste processo, reproduz demais informações acerca deste determinado tema em voga.

Esta apropriação da informação leva à conscientização, autoconhecimento, domínio de conhecimentos e exercício da crítica, alcançando assim o protagonismo social, que é a riqueza da mediação da informação, o seu principal objetivo. (GOMES, 2019).

Compreendo então, que a pessoa bibliotecária deve ter capacidade de ouvir e dialogar de forma sensível, além de ter princípios implícitos em seu caráter de não censurar e nem permitir a censura, e, quanto ao acesso à informação, com respeito, ao livre pensar e a todos os direitos sociais, além de utilizar veementemente do juramento profissional e deste seu princípio de ser comprometido em entregar à pessoa usuária da melhor maneira a informação mais verdadeira e precisa.

Observo desse modo, o Código de Ética da *American Library Association* – ALA, de uma perspectiva ético-construtivista onde os princípios desse código “[...] estão expressos em formulações amplas para orientar a tomada de decisão ética. Essas formulações fornecem uma estrutura, elas não podem e não ditam condutas para proteger situações particulares” (SOUZA, 2002, p. 69).

Ainda, o Código de Ética e Deontologia do Bibliotecário, afirma:

Art. 2º – A profissão de Bibliotecário tem natureza sociocultural e suas principais características são a prestação de serviços de informação à sociedade e a garantia de acesso indiscriminado aos mesmos, livre de quaisquer embargos.

Parágrafo único – O bibliotecário repudia todas as formas de censura e ingerência política, apoia a oferta de serviços público e gratuitos, promove e incentiva o uso de coleções, produtos e serviços de bibliotecas e de outras unidades de informação, segundo o conceito de acesso aberto e universal. [...]. Art. 4º – O objeto de trabalho do bibliotecário é a informação, artefato cultural aqui conceituado como conhecimento estruturado sob as formas escrita, oral, gestual, audiovisual e digital, por meio da articulação de linguagens natural e/ou artificial. (CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECOLOGIA, 2018).

Considero, também, a possibilidade de que a pessoa mediadora possa vir a manipular as informações, pois a mediação exige interferência direta de profissionais da informação, e, diante deste risco, é necessário então, a formação ético-política da pessoa bibliotecária, que estará realizando uma ação/mediação consciente que deve ser construída de maneira em que esteja implícita na formação de cada profissional. Nesse sentido:

A consciência e a competência para interferir evitando a manipulação são dependentes da conduta ética associada à busca de identificação de sinais que indiquem o grau de conforto, confiança, cumplicidade e cooperação que se pode gerar na ação mediadora (GOMES, 2016 p. 103).

Entendo aqui, a importância das dimensões estéticas e éticas, pois no caráter formativo de profissionais, os levam a um aperfeiçoamento, formação e qualificação. Deste modo, é em si o encontro do conhecimento em estado de compartilhamento como um todo, pois a informação sistematiza e potencializa a formação e a qualificação ético-política da pessoa bibliotecária. (GOMES, 2019)

Assim, “para abordar o protagonismo social, analisando sua relação com a informação, situa-se a mediação como ação central que coloca a informação em favor do desenvolvimento do protagonismo.” (GOMES, 2019, p. 11).

O protagonismo é social, envolve várias dimensões culturais, um modo de existência, resistência e consciência que exige determinada tomada de decisão frente à obstáculos impostos pela sociedade no cotidiano de cada indivíduo (PERROTTI, 2017).

A protagonista, sua ação está ligada a um ativismo que por vezes provoca reações contrárias, adversas e arbitrarias (GOMES, 2019). No entanto, por ser uma protagonista, compreende o caráter político da sua ação, e entende desse modo o agir como elemento de transformação, se mantendo na resistência potencialmente transformadora (ARENDDT, 2007).

Gomes (2019, p. 13) nos convida a expandir o olhar em torno da seguinte reflexão:

Em sua raiz conceitual, protagonismo se relaciona à conduta de resistência e combate, de enfrentamento de antagonismos (que lutam contra) que afetam a todos na sociedade. [...] Enfim, o protagonista é aquele que age, que reage, que se ergue, que se coloca em relação aos interesses do coletivo.

Reflieto uma característica que deve ser observada na pessoa protagonista que é a de considerar mais importante derrotar o adversário e “vencer a luta” do que conviver frente às injustiças sociais, surgindo então a ideia de construção e afirmação do espaço público, de convívio (PERROTTI, 2017).

Perrotti (2017, p. 15) ainda traz à luz a afirmação de que “protagonistas assumem a luta pela construção, pela criação, como atitude face ao mundo. Lutar, mais que enfrentamento “contra”, é modo de ser e de estar, de produzir e cuidar de um mundo comum, habitável e convivial.”

Nesse mesmo sentido, compreendo que para o protagonista importa reagir, lutar e superar o fazer vazio e sem significação, abandona assim uma condição de vítima imposta pela sociedade e assume uma posição de “agente transformador do seu próprio sentido de viver.”. (GOMES, 2019, p. 14).

A primeira ação para que a pessoa protagonista se torne agente transformadora de sua vida, esfera de convivência social, de seus grupos e de sua comunidade, é através da apropriação da informação. Ainda em conformidade com Gomes (2019) sendo ela o sustentáculo do processo de conscientização, de domínio do conhecimento e de exercício da crítica, que são elementos essenciais à construção do indivíduo protagonista.

Barreto (2001) afirma que a informação em fluxo, o que vai gerar tal apropriação, não é apenas a transmissão de informação, mas também uma contínua interação entre a pessoa mediadora e a mediada, para compreensão, troca, diálogo e poder passar de uma para a outra o conhecimento de forma que a receptora possa apropriar-se e empoderar-se.

Ainda considero o alerta de Almeida Junior (2009) de que há uma linha tênue entre interferência e manipulação da informação, sendo a pessoa mediadora agente que intervirá no processo de apropriação da informação para a promoção do protagonismo, observo a importância de realizar uma mediação mais consciente da informação, o que colocará cada vez mais em evidência as relações entre informação e protagonismo social.

A mediação da informação visa o atendimento para a satisfação das necessidades informacionais das pessoas e busca o desenvolvimento de atividades que possam despertar ou ampliar o senso crítico em relação ao universo informacional, possibilitando-as uma condição de protagonismo social.

A mediação da informação tanto satisfaz, como gera necessidades informacionais, pois possibilita a construção do conhecimento mediante à apropriação da informação. A mediação da informação deriva da interação entre a profissional da informação e usuária, sendo o processo de mediação envolto na difusão da apropriação da informação que desenvolve o senso crítico do mediado por meio da interação.

Conhecer o fluxo informacional é essencial para identificar as necessidades dos usuários e, dessa forma, fornecer um efetivo acesso à informação, que faça a diferença na vida do indivíduo encarcerado, provendo os meios para a reflexão e conscientização sobre sua conduta na sociedade. (GOMES, 2016, p. 11)

Além disso, a mediação permite uma comunicação, chamada de interlocução com os mais variados grupos sociais, possibilita que a informação possa atuar e tornar-se um diferencial para pessoas que vivem sob a exclusão informacional, como é o caso de muitas mulheres negras e lésbicas que vivem em situação de vulnerabilidade social (SANTOS; DUARTE; LIMA, 2014).

Não existe uma fórmula para a mediação e cada ação deve ser planejada e desenvolvida especificamente para aquele indivíduo, de acordo com a necessidade que é observada dialogando com esta pessoa. Assim, é preciso enxergar a pessoa em busca de sua necessidade informacional como um cidadão ativo, que procura, avalia e utiliza as informações conforme sua realidade, acendo assim à pessoa mediadora, saber oferecer-lhe da melhor forma, com os melhores recursos que esta possa utilizar para aplicar em sua vida a informação adquirida.

Nessa perspectiva, há uma relação entre a vulnerabilidade social e a mediação da informação, sendo a última um mecanismo para o fortalecimento de cada indivíduo, como é o caso da tratativa deste trabalho, mulheres feministas negras e lésbicas, que com vistas às violências de raça, gênero e sexualidade enfrentadas no cotidiano, acabam por possuir a capacidade de liberdade limitada. (MACKLIN, 2004).

Afirmo que a mediação da informação consciente tem como norte a intencionalidade de estar a serviço do protagonismo social. Compreendo desta maneira a influência do feminismo na representação social das mulheres, no caso

deste trabalho, das mulheres negras e lésbicas, que sofrem e sofreram maior opressões da sociedade, deve-se levar em conta uma práxis social e política.

Assim, anseio por poder proporcionar através da ação mediadora cada vez maiores mudanças na representação da característica feminina negra e nas características das mulheres que se reconhecem como lésbicas, e protagonizá-las através de estudos que as afastem dos rótulos.

Desta maneira, os conceitos de raça e feminismo são centrais nesta pesquisa e ajudam a tratar do conceito de interseccionalidade, assim aproprio-me da fala de Joel Rufino dos Santos (1996) que afirma que não há raça, mas sim relações raciais, logo, negro é povo, é social, mas que luta contra o racismo independentemente de sua afirmação, justifico novamente aqui a relevância do Protagonismo Social e desta pesquisa para as populações subalternizadas.

A partir destas afirmações, reforço agora a importância do papel da mulher negra na construção político-econômica social, na participação e criação de movimentos onde traziam e trazem à tona seus protagonismos, seus lugares de enunciação, apropriações de informações através da ação mediadora, e mesmo assim, sendo desconsideradas como indivíduos epistêmicos, por conta do racismo e do sexismo, sofrendo epistemicídio, memoricídio, o apartheid epistêmico, capitalismo social, branquitude, dentre outras formas de opressão, além da social e as mulheres lésbicas ainda sofrem com a lesbofobia, assuntos que abordarei na próxima sessão.

3 FEMINISMO NEGRO E INTERSECCIONALIDADE

No século XX houve muitos acontecimentos que fizeram com que homens e mulheres negras saíssem das sombras e começassem a percorrer seus próprios caminhos, escrever e contar suas próprias histórias, isto, juntamente com a explosão do Feminismo Negro em meados da década de 1960 e 1970 (MELO; ALVES; BRASILEIRO, 2019)

Estes acontecimentos popularizaram-se rapidamente e fizeram com que os grupos heteronormativos⁵ da sociedade se sentissem incomodados e reagissem com inúmeras tentativas de censuras, calúnias e difamações alegando que aquelas pessoas negras estavam contando uma ficção sobre sua própria história, não a verdade. Fato este com intuito de desestabilizar e gerar dúvida na narrativa das pessoas negras que estavam protagonizando suas ações (MELO; ALVES; BRASILEIRO, 2019).

Percebi nesse sentido, como a colonialidade está para as condições simbólicas e epistemológicas, tanto que se fundamenta classificando a raça/etnia da população mundial, principalmente da população negra, legitimando a escravidão e condicionando estas pessoas a situações de trabalho com menor remuneração e valorização (ANDRADE, 2018).

Assim sendo, afirmo que o conceito de raça e gênero⁶ estão ligados à construção da identidade, e dentro das práticas informacionais nas ciências humanas e sociais destacando seu caráter de ator protagonista, deste conceito (MELO; ALVES; BRASILEIRO, 2019).

A pessoa negra é uma construção social, negro não é uma raça, pois a rigor, raça não existe, assim, o lugar da pessoa negra é configurado para fixá-lo a partir do fenótipo, classe social, populismo, ancestralidade, descendência e sua própria identidade, a forma como se identifica. (GUERREIRO RAMOS, 1957).

⁵ Refere-se ao conceito de que apenas os relacionamentos entre pessoas de sexos opostos ou heterossexuais são normais ou corretos, impõe-se isso como norma da sociedade e marginaliza as orientações sexuais que se diferem da heterossexual. (DICIO, 2022).

⁶ O conceito de raça vem do italiano *razza*, que descende do latim *ratio*, cujo significado é sorte, categoria, espécie. No caso desta pesquisa, trata-se de pessoas negras, assim, filósofos hierarquizaram as chamadas raças, ou seja, de classificaram-nas “numa escala de valores superiores e inferiores, criando uma relação intrínseca entre o corpo, os traços físicos, a cor da pele e as qualidades intelectuais, culturais, morais e estéticas.” (MUNANGA, 2010, p. 187). Enquanto gênero significa que homens e mulheres são produtos da realidade social e não decorrência da anatomia de seus corpos. O conceito de gênero foi elaborado para evidenciar que o sexo anatômico não é o elemento definidor das condutas da espécie humana (BRASIL, 2009).

A população negra sempre sofreu o apartheid epistêmico e o memoricídio de forma intencional, a fim de apagar suas histórias, ancestralidades, para que a população não se reconheça como tal, facilitando assim, o processo de inferiorização, e automaticamente de justificar absurdamente a escravidão e os atos da população branca, a elite colonizadora coibir, subalternizar, inferiorizar e marginalizar as pessoas negras. Como exemplo é o banimento da presença dessas pessoas na arte, filosofia, cultura, política, ciência e espaços urbanos é, com intento de apagar as diferenças dos indivíduos a partir das políticas do esquecimento (POLLAK, 1989).

Parto deste pressuposto, afirmando que não são poucas as autoras que vêm desdobrando esforços para publicar cada vez mais sobre feminismo, mas há cada vez mais urgência de aumentar este leque principalmente para a literatura feminista negra, que trata do lugar de enunciação da mulher negra, que é desconsiderada, desvalorizada nos instrumentos de representação do conhecimento nos âmbitos culturais, sociais, políticos, intelectuais e comportamentais (REIS; SANTOS, 2019)

Mas para além do epistemicídio causado pela colonialidade, percebo na população negra, sobretudo nas mulheres. Ao pensar nas mulheres negras lésbicas faço uma relação da colonialidade com a colonialidade do ser, que “trata da dimensão que relaciona colonialidade com não existência, com a negação de si que se manifesta de várias formas.” (ANDRADE, 2018, p. 77).

E é nesse sentido que compreendo informação como instrumento fundamental na construção ético-moral, informativa e educacional da sociedade, pois pode servir tanto para reforçar estereótipos e a opressão, quanto para legitimar movimentos revolucionários e de resistência (MELO; ALVES; BRASILEIRO, 2019).

Nós, mulheres negras, somos originárias de uma cultura violada, folclorizada, marginalizada e vista como primitiva, pensando pela ótica remanescente do período colonial que permanece até hoje no imaginário social. Entendo a partir daí que a objetificação das mulheres negras, vistas como derrotadas neste contexto de conquista e dominação, que a apropriação social e cultural das mulheres negras é um dos momentos mais emblemáticos de afirmação.

Portanto, a luta das mulheres negras não é apenas superar as desigualdades de gênero, mas também de ideologias geradas pela hegemonia masculina e embranquecida que nos impõe uma perspectiva feminista onde não entende gênero como uma variante, apenas na teoria. A partir deste ponto de vista, trago Sueli Carneiro (2020, p. 2) e sua certa observação:

[...] um feminismo negro construído no contexto de sociedades multirraciais, pluriculturais e racistas – como são as sociedades latino-americanas – tem como principal eixo articulador o racismo e seu impacto sobre as relações de gênero, uma vez que ele determina a própria hierarquia de gênero em nossa sociedade.

Este novo olhar feminista antirracista, faz com que as mulheres tenham papel central e Movimentos e Coletivas, para Carneiro (2020) o atual movimento de mulheres negras que traz para a política articulações de gênero, raça e classe social fortalece a bandeira levantada pelos Movimentos Negros historicamente e traz mais representatividade para suas reivindicações e feminização das propostas.

Diante disto, sintetizo aqui a importância dos movimentos sociais, que em meados da década de 1970, foram criados com a intenção de servirem como atores políticos, que representassem uma parcela da população que não estava sendo representada, a parcela da população preta. Assim surgiu o primeiro movimento negro, definido por Gomes (2012, p. 23) como:

Entendemos como movimento negro um conjunto de entidades, tais como grupo políticos, acadêmicos, culturais, religiosos e artísticos, com o objetivo de superação do racismo e da discriminação racial, bem como de valorização e afirmação da história e das culturas negras no Brasil.

Movimentos sociais são mediadores de saberes e contam com a contribuição de educadores, pesquisadores, lideranças e outras. Além de que é “importante lembrar, ainda, que muito do conhecimento emancipatório produzido pela sociologia, antropologia e educação no Brasil se deve ao papel educativo desempenhado pelos movimentos sociais.” (ANDRADE, 2018, p. 79).

Quando abordo as pautas dos movimentos sociais, trago uma das precursora do movimento negro no Brasil: Lélia Gonzalez. A filósofa, educadora e pesquisadora, ao lado de outros militantes, fundou em 1978 o Movimento Negro Unificado contra a Discriminação Racial (MNUCDR), mais tarde reduzida para MNU – Movimento Negro Unificado. Que em seu manifesto trazia denúncias do mito da democracia racial, exigia o fim da discriminação e violência sofrida pelas pessoas negras, além de reivindicar políticas públicas da comunidade negra (MERCIER, 2020).

Já dentro do movimento negro, Lélia chamou a atenção para pautas não abordadas e o silenciamento das mulheres no grupo, nas palavras dela “os companheiros do movimento reproduzem as práticas sexistas do patriarcado

dominante e tratam de excluir-nos dos espaços de decisão.” (GONZALEZ, 2018, p. 315).

Foi então, justamente pela dificuldade em falar e serem ouvidas, que militantes negras perceberam a necessidade de criar e participar efetivamente de um movimento feminista. Contudo, nesses espaços elas também encontraram dificuldades, como a omissão do racismo e das consequências na vida de mulheres negras, era um feminismo que transmitia a “cosmovisão eurocêntrica e o neocolonialismo.”. (GONZALEZ, 2018, p. 309).

O movimento feminista, sempre lutou pelas causas da mulher branca, heterossexual e de uma classe social mais elevada, invisibilizando, digo melhor, negando, causas como racismo, classe social e sexualidade, justamente porque as mulheres brancas se privilegiam do trabalho de mulheres negras (assim como as exploram). Isso significa privilégio racial branco, por isso que o feminismo branco está em desacordo com as pautas de mulheres negras. Daí surge a necessidade de o feminismo negro emergir, e foi ganhando forma conforme as mulheres negras exigiam ter voz⁷.

Quando ativistas brancas começaram a impedir debates que surgiam com o objetivo de propor medidas efetivas de enfrentamento às condições de exclusão e subalternidade em que mulheres negras se encontravam, Lélia Gonzalez – pioneira – começou a questionar o caráter classicista e racista do feminismo hegemônico e defender a descolonização do feminismo e assim, fundou um novo “Feminismo Afrolationoamericano”, protagonizado por mulheres negras e indígenas; (MERCIER, 2020).

Apesar das poucas e honrosas exceções para entender a situação da mulher negra [...], poderíamos dizer que a dependência cultural é uma das características do movimento de mulheres em nosso país. As intelectuais e ativistas tendem a reproduzir a postura do feminismo europeu e norte-americano ao minimizar, ou até mesmo deixar de reconhecer, as especificidades da natureza da experiência do patriarcalismo por parte de mulheres negras, indígenas e de países antes colonizados. (GONZALEZ, 2008, p. 36).

⁷ É preciso entender, desse modo, como os privilégios de branquitude afetam as pessoas negras mesmo nas lutas feministas, pois as pessoas desenvolveram atitudes e comportamentos sociais de ideologia do branqueamento, que interiorizam marcas invisíveis no imaginário e representações coletivas, desse modo lembra-se do mito da “democracia racial” que se estabeleceu como discurso buscando incluir os indivíduos em “nações democráticas no mundo” e “foi a partir desse conceito que os estudos sobre relações raciais se voltaram a entender se existia ou não preconceito racial”. (SILVA, 2019, p. 34).

Lélia Gonzalez se opunha às bases teóricas branco-europeias, e construía novas epistemologias que valorizavam a história e a cultura de mulheres Latino-Americanas e Caribenhas (MERCIER, 2020). Nesse sentido desenvolveu o termo “Amefricanidade”, e pondera:

O caráter tonal e rítmico das línguas africanas trazidas para o Novo Mundo, além da ausência de certas consoantes [...] apontam um aspecto pouco explorado na influência negra na formação histórico cultural do continente como um todo [...]. Desnecessário dizer o quanto tudo isso é encoberto pelo véu ideológico do branqueamento, é recalcado por classificações eurocêntricas do tipo “cultura popular e folclore nacional”, etc., que minimizam a contribuição negra. (GONZALEZ, 2018, p. 322).

Desse modo, ao propor um marco conceitual que representasse e compreendesse a identidade brasileira – Amefricanidade -, Lélia desenvolveu uma visão com caráter multirracial e pluricultural do feminismo (LITERAFRO, 2022).

O movimento feminista caracteriza-se por ter duas frentes, uma é a teórica, onde produz e constrói sua própria reflexão crítica e a prática, nas ações nas lutas e resistências (MELO; ALVES; BRASILEIRO, 2019). Vale destacar que os papéis designados a homens e mulheres negras, não são biológicas ou naturais, foram socialmente impostas às eles por meio de costumes e cultura que se perpetuou com os anos com o objetivo de legitimar a desigualdade e discriminação.

Nesse mesmo sentido, bell hooks⁸ nos traz a mesma visão, pois o feminismo norte americano também estava mudando, pois pensadoras feministas estavam reconhecendo a realidade de raça e racismo (HOOKS, 2020).

Mulheres negras por todo o país estavam fazendo críticas e exigindo o reconhecimento de que o preconceito racial moldava o pensamento feminista, de como mulheres negras ao falar de raça não estavam tirando o foco do movimento em gênero. A duas categorias sociais em que as mulheres negras se encontravam – gênero e raça – colocavam essas mulheres em lugar de sub-representação, e um dos princípios do feminismo negro é justamente transformar este lugar e condição em que mulheres negras encontram-se na sociedade (ASSIS, 2019).

bell hooks (2020, p. 92) nos contextualiza:

⁸ Este trabalho respeita a escolha da autora em empregar seu pseudônimo com letras minúsculas, prática que surge como posicionamento político da autora que busca romper com as convenções linguísticas e acadêmicas, dando enfoque ao seu trabalho e não à sua pessoa.

Procurávamos estabelecer políticas concretas de sororidade entre mulheres brancas e mulheres não brancas se as brancas não fossem capazes e abrir mão da supremacia branca, se o movimento feminista não fosse fundamentalmente antirracista.

As intervenções em relação à raça fortaleceram o movimento das mulheres e desenvolveu o feminismo negro que não coloca os interesses ou privilégios acima de nada. Superar a negação da raça, abordada e observada dentro dos movimentos, ajudou as mulheres a encarar a realidade das diferenças em todos os níveis (HOOKS, 2020).

Movimentos, grupos e coletivos de Feministas Negras proporcionam fortalecimento coletivo, acesso à informação e ao conhecimento, mediação da informação, acesso a diferentes fontes de informação e derruba barreiras informacionais (MELO; ALVES; BRASILEIRO, 2019).

Nesse sentido, trago aqui Angela Davis, que sempre afirmou não ser possível ser feminista sem ser antirracista, anticapitalista ou abolicionista, pois é necessário possuir ativismo frente a todas estas lutas (HIRANO, 2021). Para Assis (2019), dentro da concepção da mulher negra, muitas vezes negra e lésbica, como eu trato nesta pesquisa, não há possibilidade em ser feminista sem ser antirracista.

Angela Davis nos apresenta uma perspectiva de feminismo interseccional das mulheres negras, a partir do momento em que se embasa e se aprofunda nos estudos sobre Interseccionalidade, que envolve pensar o conhecimento situado de mulheres negras (HIRANO, 2021).

Ou seja, interseccionalidade no feminismo é pensar as violências físicas, psicológicas, sociais, sexuais e institucionais em que mulheres negras estão historicamente sujeitas, pelo fato de serem mulheres, negras e muitas delas lésbicas e assim vê-las como protagonistas de suas próprias histórias e os contextos de lutas e resistência. Sobre o termo Interseccionalidade:

Assim, atualmente, ele é usado para se referir não apenas às resistências das mulheres negras, mas também para abranger um grupo significativo de pessoas em contexto de marginalização, violência e luta por direitos sociais. (HIRANO, 2021).

Angela Davis (2016) aborda em seu livro lançado pela primeira vez em 1981, exatamente que a interseccionalidade é justamente a intersecção entre nuances de

violências existentes entre ser mulher, negra, periférica e no caso desta pesquisa, lésbica.

Embora seu conceito seja atribuído a Kimberlé Crenshaw (2002), em meados do século XIX, Sojourner Truth já apontava para a importância do rompimento com a visão essencialista de gênero. Assim:

Os essencialismos ocorrem quando as categorias sociais são tomadas como universais. Ao tomar o feminino como universal, se estabelece um modo único de ser mulher e uma demanda política que atenda a esse feminismo, desconsiderando as peculiaridades dos demais grupos, em especial os mais inferiorizados, como as mulheres negras. (WESCHENFELDER; FABRIS, 2019, p. 04)

Interseccionalidade teve seu conceito sistematizado dentro da área jurídica, área de formação de Kimberlé Crenshaw, em meados dos anos 1990, e, a autora propõe o termo a ser usado como uma metodologia a ser usada contra as violências contra as mulheres nas comunidades negras, além de discutir “sobre a localização interseccional das mulheres negras e sua marginalização estrutural”. (ASSIS, 2019, p. 19).

Desde então o termo demarca o paradigma teórico e metodológico da tradição feminista negra, promovendo intervenções políticas e letramento jurídicos sobre quais condições estruturais o racismo, o sexismo e violências correlatas se sobrepõem, discriminam e criam encargos singulares às mulheres negras. (CRENSHAW, 1989, p. 54).

O conceito de interseccionalidade desenvolvido se faz para entender como as categorias sociais de diferentes grupos estão relacionadas. Além disso, posso dizer que é um conceito de extrema relevância no desenvolvimento do Feminismo Negro. Além de que o “conceito de interseccionalidade, veio questionar a primazia da categoria analítica gênero, produzindo assim sua intersecção com outras categorias de análise, tais como classe e raça”. (MELO; ALVES; BRASILEIRO, 2019, p. 06)

Cardoso (2012) ainda nos faz compreender melhor a estas categorias sociais no âmbito da interseccionalidade:

[...] a abordagem interseccional tem dupla função: permite o enfrentamento das discriminações de forma mais eficiente e, ao mesmo tempo, pode orientar as demandas por políticas públicas inclusivas baseadas nas necessidades reais das mulheres a serem por elas beneficiadas. (CARDOSO, 2012, p. 54-55).

A interseccionalidade é uma das bases conceituais da teoria feminista negra, sendo um apoio de muita importância para o desenvolvimento do movimento, pois possibilita o entendimento do processo de dominação e de resistência, a partir das várias categorias sociais, em especial gênero, raça, orientação sexual e classe (CARDOSO, 2012).

O feminismo negro contribui e contribuiu para o desenvolvimento do pensamento social de mulheres negras desde o momento em que foi pensado na criação deste coletivo para representações de suas identidades, abrangendo todas as mulheres, negras, não brancas, indígenas, homossexuais, dentre outras.

Para além da raça, a sexualidade é trazida para discussão por Audre Lorde, escritora norte-americana e ativista dos direitos das mulheres e homossexuais, onde a autora traz reflexões sobre a importância em falar sobre sexualidade entre as mulheres negras feministas e suas diversidades (ASSIS, 2019).

Dentro da comunidade lésbica eu sou negra, e dentro da comunidade negra eu sou lésbica. Qualquer ataque contra pessoas negras é uma questão lésbica e gay, porque eu e centenas de outras mulheres negras somos partes da comunidade lésbica. Qualquer ataque contra lésbicas e gays é uma questão negra, porque centenas de lésbicas e homens gays são negros. Não há hierarquias de opressão. (LORDE, 1984, p. 07).

Akotirene (2018) discute assim, em seus trabalhos como o feminismo negro e a interseccionalidade se cruzam a fim de combater com o racismo, com o patriarcado branco cisgênero e capitalismo, sendo que a interseccionalidade vêm para cada vez mais incluir e ser incorporada no cotidiano das pessoas que fazem parte da comunidade LGBTQIAP+⁹ e das minorias em geral.

Assim, anseio por constatar cada vez mais mudanças na representação da característica feminina negra, e protagonizá-las através de estudos que as afastem dos rótulos literários que por anos as representaram de forma indevida, e torná-las referências em suas áreas de pesquisa, mas para isto, precisa de uma mudança que inicie dentro da Ciência da Informação e nas formas que estas literaturas e pesquisas serão recuperadas e entregues às pessoas usuárias das unidades de informação (REIS; SANTOS, 2019).

⁹ Sigla para designar pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis, transgêneres, queer, intersexo, asexuades, pansexuais e demais grupos e variações de sexualidade.

Com vistas à proposta deste trabalhos, reconheço que a visibilidade lésbica ainda é uma temática deixada de lado, uma temática que gera desconforto na sociedade patriarcal, em relação aos relacionamentos afetivos das mulheres nesta sociedade contemporânea. Verifico então, a necessidade de partir da Ciência da Informação e Biblioteconomia tal reconhecimento, a partir de meios de acolhimento e de qualidade no atendimento de cada pessoa usuária, a fim de atendê-la da forma que ela sinta-se representada.

A comunidade LGBTQIAP+ nem sempre foi conhecida por esta sigla, anteriormente outras nomenclaturas (siglas) eram usadas para se referir ou definir pessoas homossexuais, uma das siglas que perdurou por anos e ficou bastante conhecida no Brasil, foi a GLS, que significava Gays, Lésbicas e Simpatizantes, pois acreditava incluir todas as pessoas.

Com o passar dos anos, pessoas travestis reivindicaram seu lugar na sigla, e então passou a ser LGBT, significando Lésbicas, Gays, Bissexuais e Travestis. Percebo nesta transição o ênfase no “L”, que significa mulheres lésbicas, muito invisibilizadas por décadas (ROMEIRO; SANTOS, 2020).

Desde então, as siglas foram sendo alteradas para que pudessemos cada vez mais incluir todos os tipos de pessoas, e, como nós sabemos, a sexualidade é identitária, abrangendo todas as formas que as pessoas se indentificam. Atualmente, a sigla usada, a mais inclusiva até o momento, é a LGBTQIAP+.

Cada letra representa um grupo de pessoas e como elas se indentificam: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais (pode-se incluir Transgêneros e Travestis), Queer, Intersexual, Assexual, Pansexual e o “+” representa os demais grupos e variações de sexualidades (ROMEIRO; SANTOS, 2020).

Desse modo, compreendo como a interseccionalidade se objetiva conforme estes grupos sociais de mulheres negras e lésbicas, como ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, patriarcalismo, opressão de classe, homofobia e demais sistemas de discriminação desenvolvem desigualdades básicas que relativizam as posições destas mulheres negras lésbicas (CRENSHAW, 2002).

Assim, a interseccionalidade busca, a partir de seu fundamento, encontrar consequências estruturais para a solução destes problemas. Observei a partir de estudos de especialistas evidenciados aqui, a mediação da informação e seu objetivo, a promoção do protagonismo social e das representações sociais, como um meio com grandes chances de alcançar respostas a estas questões de interpretação da mulher

negra lésbica na sociedade e fazer com que a transformação social aconteça a partir delas.

É evidente a pouca existência de trabalhos dentro da Ciência da Informação e da Biblioteconomia que tratam de assuntos sobre feminismo negro e sobre mulheres lésbicas, principalmente quando trata-se de mediação da informação. Alguns livros começaram a surgir atualmente pelo Selo Nyota que tratam das questões das mulheres e da homossexualidade e suas representatividades, mas ainda são poucos.

Além do fato de a maioria das autoras serem brancas¹⁰ na área que pesquisam sobre estas temáticas, desse modo trago aqui a importância de pesquisarmos ainda mais sobre o feminismo negro e interseccionalidade e as questões das mulheres lésbicas para além somente do homem gay, afim de promover o protagonismo social destas.

¹⁰ Pensando no protagonismo social através da mediação da informação e no tema desta pesquisa, trago aqui o conceito onde encontro-me, de “negro-tema”, onde considero-me tema de pesquisa como mulher negra, e aquela para qual minha análise se volta. (CARDOSO, 2014).

4 CONSTRUÇÃO SOCIAL DA REALIDADE E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

O conceito de representações sociais foi proposto por Moscovici em 1961, onde ele destacava a importância de estudar “[...] o processo de compreensão do real, das condutas e da linguagem conexa, por uma concepção elaborada no quadro de uma ciência particular” (MOSCOVICI, 1961, p. 1). O autor acreditava que a psicologia social era uma disciplina com potencial de encontrar soluções tanto para questões como racismo, todo tipo de discriminação e o totalitarismo comunista, quanto para os problemas políticos, econômicos e industriais da época (ALMEIDA; SANTOS; TRINDADE, 2014).

“As Representações Sociais são tanto conservadoras como inovadoras, estruturadas com uma lógica singular que permite a um determinado grupo social compreender o mundo que o rodeia e a lidar com os problemas que nele identifica.”. (ALMEIDA; SANTOS; TRINDADE, 2014, p. 12).

A Teoria das representações sociais é o estudo dos fenômenos sociais, ligada à sociologia, filosofia, antropologia e psicologia. Neste sentido, a Fenomenologia, área da filosofia que Moscovici se interessou profundamente por várias razões, corrobora com o conceito, conforme elucidado por Marková (2017, p. 366):

A fenomenologia é holística e não fragmenta o mundo em elementos. A consciência humana é intencional e direcionada a objetos e a outros seres humanos. A fenomenologia está preocupada com os conteúdos da experiência, que incluem imaginação, julgamentos, emoções, consciência do eu e do outro e interações.

Pautado na Fenomenologia, evoluiu a Teoria das Representações Sociais (TRS), uma teoria que operacionaliza um conceito que visa a “[...] trabalhar com o pensamento social em sua dinâmica e diversidade.”. (ARRUDA, 2002, p. 129). Marková (2006) partindo do pressuposto que representar significa pensar, considera que as representações sociais são como pensamentos em movimento.

Nas palavras de Moscovici (2009, p. 21), representação social é um sistema de valores, ideias e práticas, com uma dupla função:

[...] primeiro estabelecer uma ordem que possibilitará às pessoas orientar-se em seu mundo material e social e controlá-lo; e, em segundo lugar, possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código para nomear e classificar, sem

ambiguidade, os vários aspectos de seu mundo e da sua história individual e social.

As representações sociais nos possibilitam reconhecer, através de sistemas cognitivos, a presença de estereótipos, opiniões, crenças, valores e normas, o que podem servir para determinar atitudes de uma sociedade, tanto positivas quanto negativas.

A construção da realidade social tem relação com as representações sociais produzidas por indivíduos sociais em seus contextos. Tais representações são produções mentais que se originam e se transformam nesta realidade, e, advém de um forte processo de socialização que recai sobre os indivíduos e os fazem refletir e atuar em suas vidas cotidianas. (SILVA, 2011, p. 68–69),

Neste sentido, para Elias (1994), a compreensão do indivíduo e da sociedade ocorre quando se entende que um não existe sem o outro, deste modo, sendo a sociedade uma rede de funções e relações interdependentes, em que cada indivíduo exerce um papel, ou seja, uma cadeia de dependência funcional na qual os indivíduos estão permanentemente ligados, são um elo que as ligam uns nos outros.

Para o Elias (1994, p. 23):

E é a essa rede de funções que as pessoas desempenham umas em relação às outras, a ela e nada mais que chamamos de “sociedade”. Ela representa um tipo especial de esfera. Suas estruturas são o que denominamos “estruturas sociais”. E, ao falarmos em “leis sociais” ou “regularidades sociais”, não nos referimos a outra coisa senão isto: às leis autônomas das relações entre as pessoas individualmente consideradas.

Esta interdependência é resultado da coexistência dos indivíduos e do meio social a partir de um processo contínuo que transforma cada indivíduo, suas emoções, modos, condutas, personalidade e os padrões.

Algo que existe independentemente dos indivíduos e das relações humanas e vice e versa. É pensado em sociedade como ainda para Elias (1994, p.25) “E, tanto num grupo quanto no outro, certos campos de fatos são inabordáveis pelo pensamento. Tanto num quanto noutro, abre-se um intransponível abismo mental entre os fenômenos sociais e mentais.” O mesmo autor, em seguida, ainda nos contempla com a seguinte exemplificação: “Não se compreende uma melodia examinando-se cada uma de suas notas separadamente (ELIAS, 1994, p. 25), sem relação com as demais.”.

Destaco que para Berger e Luckmann (2007) a construção social da realidade faz referência às teorias do construcionismo e da sociologia do conhecimento. Tais teorias abordam os processos subjetivos dos indivíduos como realidades objetivas.

A construção social da realidade está relacionada com nossa realidade da vida cotidiana, pois esta exige um estado de consciência constante que torna os atos e hábitos normais e evidentes, constituindo uma atitude natural desenvolvida a partir de padrões que se impõem e tornam-se objetificações de linguagens gerando significados ao indivíduo em sua vida diária. (BERGUER; LUCKMANN, 2007, p. 38).

A realidade da vida cotidiana é partilhada com outros. Assim, quando conhece melhor o outro, diretamente conhece melhor a si mesmo. Deste modo, é na interação, acessibilidade e expressividade com o outro que desenvolvo quem “eu sou”, na interação social. (BERGUER; LUCKMAN, 2007). Ainda para os autores:

Minhas relações com os outros não se limitam aos conhecidos e contemporâneos. Relaciono-me também com os predecessores e sucessores, aqueles outros que me precederam e seguirão a mim na história geral de minha sociedade. (BERGUER; LUCKMANN, 2007, p. 53).

Para Silva (2011), a realidade da vida cotidiana pressupõe processos de interação e comunicação que possibilitam aos indivíduos compartilhar e experimentar outros indivíduos, uma troca de experiências. Pois, a posição social e a linguagem, possuem papéis decisivos que possibilitam a acumulação de conhecimentos sociais que podem ser transmitidos para outras gerações.

São através das interações socioculturais e psicológicas que os indivíduos em sua totalidade formam um ambiente social.

Assim como é impossível que o homem se desenvolva como homem no isolamento, igualmente é impossível que o homem isolado produza um ambiente humano. [...] A humanidade específica do homem e sua socialidade estão inextricavelmente entrelaçadas. O *Homo sapiens* é sempre *homo socius*. (BERGUER; LUCKMANN, 2007, p. 75)

Ainda sobre as representações sociais, Denise Jodelet, uma das principais teóricas da área, afirma que “[...] as representações sociais são uma forma de conhecimento socialmente elaborado e compartilhado, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”. (JODELET, 2002, p. 22).

Nesse sentido, a sociologia do conhecimento ocupa-se com tudo aquilo que é considerado conhecimento na sociedade (BERGER; LUCKMANN, 2007), é ela que busca compreender essa realidade, trata da construção social da realidade a partir do pressuposto que todo “[...] conhecimento humano desenvolve-se, transmite-se e mantém-se em situações sociais” (BERGER; LUCKMANN, 2007, p.14.).

Portanto, a sociologia do conhecimento trata da construção social da realidade, da análise e da articulação teórica desta. Deste modo, o indivíduo conhece a realidade mediante explicações vindas do processo de comunicação e do pensamento social. As representações sociais sintetizam estas explicações, fazendo referência ao senso comum (ARAYA UMAÑA, 2002).

Observo, nesse sentido, a relação de conhecimento com o senso comum. Moscovici (2009) afirma que o ato de compreender em si seria a mesma coisa que processar informações, tanto para cada indivíduo em particular, inserido em uma realidade social, que diariamente estão em contato com fenômenos, pessoas e acontecimentos, como para os cientistas. Compreendo então que a teoria das representações sociais fundamenta não somente o conhecimento universal reificado, o qual é imposto pela ciência, mas também o conhecimento consensual dos grupos sociais da vida cotidiana (BERGUER; LUCKMANN, 2007).

Deste modo “[...] a teoria das representações sociais é uma maneira particular de focar a construção social da realidade, buscando compreender os modos de conhecimento e os processos simbólicos em relação à conduta.” (SILVA, 2011, p. 70).

São as representações sociais que possibilitam a comunicação de uma comunidade, pois estas representações classificam vários aspectos do mundo e da história individual e social, elas transmitem à sociedade as necessidades de um determinado grupo, fazendo com que sejam observados pontos de vista nunca antes pensados (ARRUDA, 2002).

É a partir das representações sociais que os indivíduos produzem significados para compreender, avaliar, comunicar e atuar na realidade social (ARAYA UMAÑA, 2002). Ou seja, as representações sociais fazem com que o conhecimento concreto das múltiplas racionalidades e das experiências vividas revelem aspectos subvalorizados à ciência e fundamental para as subjetividades afetivas e culturais que ajudam a construir o saber (BERGUER; LUCKMANN, 2007).

Ademais, a sociedade, compreendida por Norbert Elias (1994, p. 18), é considerada em sua totalidade, mais ou menos completa, independente de como for

observada ou estudada, continua em aberto em uma esfera temporal em direção ao passado e ao futuro. Deste modo, a sociedade deve ser compreendida como processo de caminho entre ideias que a caracteriza e é composto por três momentos: exteriorização, objetivação e interiorização, há um processo dialético na construção social da realidade que surge da interação (BERGUER; LUCKMANN, 2007).

Moscovici (1961, p. 26) considera que:

O processo social no conjunto é um processo de familiarização pelo qual os objetos e os indivíduos vêm a ser compreendidos e distinguidos na base de modelos ou encontros anteriores. A predominância do passado sobre o presente, da resposta sobre o estímulo, da imagem sobre a "realidade" tem como única razão fazer com que ninguém ache nada de novo sob o sol. A familiaridade constitui ao mesmo tempo um estado das relações no grupo e uma norma de julgamento de tudo o que acontece.

As representações devem ser vistas como fenômenos que são descritos e estudados para serem compreendidos e comunicados. Moscovici (2009, p. 46) também nos explica que "[...] as representações sociais devem ser vistas como uma maneira específica de compreender e comunicar o que nós já sabemos". Elas ocupam com efeito uma posição entre conceitos, que têm o objetivo traduzir o sentido do mundo, e nele, através da ordem e das percepções, o reproduzir de forma que tenha significado.

Moscovici (2009) também afirma que as representações sociais emergem em momentos de crise e conflito, e, assim, determinam as condições em que são pensadas e constituídas. Principalmente quando existe uma insuficiência de informações para responder a uma pergunta ou formar uma ideia sobre algo, e mais atualmente para buscar representatividades e lutar por alguma causa ou um direito civil. Do mesmo modo quando há um distanciamento que preserva interesses particulares de um grupo e por fim pressão, esta pressão para que os indivíduos sejam capazes de estar em situações de responder a questões de interesse público, de dar voz a um grupo (ARAYA UMAÑA, 2002).

Na sociedade contemporânea, existe o saber prático e para fundamentá-lo, Moscovici (2009) baseou-se em dois processos sendo o primeiro a ancoragem, que compõe as representações e integra o objeto na leitura de mundo de um indivíduo; e o segundo a objetivação, que transforma algo abstrato e incompreensível em experiências concretas e perceptíveis. São mecanismos de um processo de pensamento baseado nas memórias passadas que criam as representações sociais.

Deste modo, compreendo que em cada indivíduo ao nascer, as representações serão assimiladas e ancoradas em uma realidade e respectivamente, como conceito serão objetivadas. Arruda (2002, p. 137) destaca que:

[...] A representação, portanto, repito, não é cópia da realidade, nem uma instância intermediária que transporta o objeto para perto/dentro do nosso espaço cognitivo. Ela é um processo que torna conceito e percepção intercambiáveis, uma vez que se engendram mutuamente, como no caso do inconsciente “agitado” ou do complexo visível a olho nu.

As representações sociais nada mais são do que a tradução de características do conhecimento (MOSCOVICI, 2009). Assim, este estudo parte das constatações que baseiam a compreensão da realidade destas.

Existem muitos grupos sociais, grupos diferentes possuem visões e características dispare, o que não necessariamente representam uma desigualdade, mas sim especificidades que não se assemelham, como nos grupos de minorias. A representação social é uma forma de conhecer as necessidades e a realidade destes grupos, e está em constante transformação, pois esta é dinâmica.

Tanto as representações sociais quanto as teorias feministas nascem na mesma conjuntura do degelo dos paradigmas ao qual atuam pois são marcados pelas necessidades de instrumentos conceituais (ARRUDA, 2002).

Deste modo, Arruda (2002, p. 134) considera que:

A representação social seria uma forma de conhecer típica dessas sociedades, cuja velocidade vertiginosa da informação obriga a um processamento constante do novo, que não abre espaço nem tempo para a cristalização de tradições, processamento que se esteia no olhar de quem vê. A representação social, portanto, não é uma cópia nem um reflexo, uma imagem fotográfica da realidade: é uma tradução, uma versão desta.

O objeto de estudo desta pesquisa, a Coletiva Visibilidade Lésbica MUDIÁ é dinâmica e móvel, está em constante mudança, e, assim, novas necessidades surgem constantemente diante da enorme massa de traduções e de informações que construímos uma sociedade de “sábios amadores.”. (MOSCOVICI, 1961).

Neste sentido, objetivo dar visibilidade a este grupo específico de mulheres feministas negras e lésbicas, afim de compreender, estudar e (re) conhecer seus desafios, uma vez que a comunicação é o berço das representações sociais e para fornecer elementos para a construção do saber prático.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa está enquadrada na área das ciências sociais aplicadas e tem caráter social, abordado na fundamentação teórico-metodológica onde foi analisado sobre a teoria das representações sociais. Neste sentido, para Minayo (1994, p. 15):

As Ciências Sociais, no entanto, possuem instrumentos e teorias capazes de fazer uma aproximação da suntuosidade que é a vida dos seres humanos em sociedades, ainda que de forma incompleta, imperfeita e insatisfatória. Para isso ela aborda o conjunto de expressões humanas constantes nas estruturas, nos processos, nos sujeitos, nos significados e nas representações.

Assim, compreendo que o objeto das ciências sociais é a interação entre a realidade socialmente construída com as pessoas. Sendo deste modo, uma pesquisa aplicada e de caráter essencialmente qualitativo quanto ao problema.

A metodologia qualitativa “[...] trabalha com valores, crenças, representações, hábitos, atitudes e opiniões e adequa-se a aprofundar a complexidade de fenômenos, fatos e processos particulares e específicos [...]”, por ser de abordagem qualitativa permite a análise do conteúdo das informações coletadas. (BRAGA, 2007, p. 28).

Como exploratória, a pesquisa tem como “[...] objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado.” (GIL, 2002, p. 41), e por proporcionar uma maior aproximação com um tema pouco explorado.

Optei pela pesquisa exploratória para que eu pudesse me familiarizar mais com o tema abordado, e realizei um estudo aprofundado sobre o assunto e o objetivo principal com maior precisão, pelo fato de o tema ser pouco explorado na literatura brasileira, de acordo com Pradanov e Freitas (2013, p. 128) “Determinamos um objeto de estudo, selecionamos as variáveis e definimos as formas de controle e de observação dos efeitos.”.

Caracterizei também a pesquisa como metodologia descritiva, pois irei observar, registrar e descrever fatos, sem interferir neles. É uma abordagem que visa o uso de técnicas padronizadas, para coletar os dados, como um questionário. Para Pradanov e Freitas: (2013, p. 52)

Tal pesquisa observa, registra, analisa e ordena dados, sem manipulá-los, isto é, sem interferência do pesquisador. Procura descobrir a frequência com

que um fato ocorre, sua natureza, suas características, causas, relações com outros fatos. Assim, para coletar tais dados, utiliza-se de técnicas específicas, dentre as quais se destacam a entrevista, o formulário, o questionário, o teste e a observação.

E a pesquisa utiliza ainda da abordagem bibliográfica e documental quanto aos procedimentos técnicos, pois segundo Gil (2002) será desenvolvida a partir de material publicado e outros materiais de fonte diversificada, como informações de sítios da *web*, informações divulgadas por universidades e materiais recém-publicados na área temática¹¹

Enquanto a pesquisa bibliográfica utiliza-se das contribuições de autores sobre determinado assunto, e a pesquisa documental baseia-se em materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, como por exemplo, registros fotográficos que poderão ser utilizados, vistas ao universo desta pesquisa. (PRADANOV; FREITAS, 2013).

Os documentos recebem duas classificações neste tipo de pesquisa, que para Gil (2008) são chamados de fontes de primeira mão e fontes de segunda mão. O autor ainda destaca sendo os documentos de primeira mão como os que não receberam qualquer tratamento analítico, como: documentos oficiais, reportagens de jornal, cartas, contratos, diários, filmes, fotografias, gravações etc. Os documentos de segunda mão são os que, de alguma forma, já foram analisados, tais como: relatórios de pesquisa, relatórios de empresas, tabelas estatísticas, entre outros.

Pradanov e Freitas (2013, p. 56) complementam explicando que:

Entendemos por documento qualquer registro que possa ser usado como fonte de informação, por meio de investigação, que engloba: observação (crítica dos dados na obra); leitura (crítica da garantia, da interpretação e do valor interno da obra); reflexão (crítica do processo e do conteúdo da obra); crítica (juízo fundamentado sobre o valor do material utilizável para o trabalho científico).

A pesquisa bibliográfica para Lakatos e Marconi (2010, p. 166) “[...] abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo [...]” e cuja finalidade é conhecer tudo aquilo que foi escrito, dito ou filmado acerca de determinado assunto. Destaco ainda que a pesquisa bibliográfica deve gerar conclusões inovadoras sobre o tema.

¹¹ Endereço da página na Rede Social Instagram da Mudiá:
<https://www.instagram.com/mudiacoletivalesbicafloripa/>

Nesse sentido,

[...] quando elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de: livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações, teses, material cartográfico, internet, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o assunto da pesquisa. (PRADANOV; FREITAS, 2013, p. 54)

Nesse tipo de pesquisa é importante verificar a veracidade das fontes e se possuem incoerências ou não, destacando que utilizei desta abordagem metodológica para construir meu referencial e fundamentação teórica.

Optei por não determinar um recorte temporal na pesquisa bibliográfica definida pelo fato de a temática exigir conceituações históricas, bem como conceitos e vivências atuais, assim, foi realizada uma busca sistemática em bases de dados, onde busquei conceitos históricos, e baseei minha escrita em textos e pesquisas atuais da área, sendo as bases pesquisadas: Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI); Base de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (BDTD/Capes); EBSCO Information Service; Portal de Periódicos CAPES; Scopus; Scielo; Anais do ENANCIB; Repositório da FEBAB; LESBOTECA e Selo Nyota.

Nestas bases de dados utilizei as palavras-chaves: Mediação da Informação; Protagonismo Social; Feminismo Negro, Mulheres Negras e Interseccionalidade. Relacionando estas palavras-chave, formei expressões de busca e utilizei o método de buscas booleanas, que são operadores que tornam as buscas mais precisas com AND, OR, e NOT combinando palavras-chave para alternância, adição ou rejeição de determinados materiais.

A expressões de busca que utilizei foram: “Mediação da Informação”; “Mediação da Informação” **AND** “Grupos de Vulnerabilidade Social”; “Protagonismo Social”; “Protagonismo Social” **AND** “Ciência da Informação” **AND** “Biblioteconomia”; “Feminismo Negro”; “Mulher negra” **AND** “Ciência da Informação” **OR** “Biblioteconomia”; “Mulheres negras” **AND** “Ciência da Informação” **OR** “Biblioteconomia”; “Feminismo Negro” **AND** “Lésbico” **AND** “Ciência da Informação” **OR** “Biblioteconomia”; “Mulheres Lésbicas” **AND** “Ciência da Informação” **OR** “Biblioteconomia”; “Interseccionalidade”.

Após a realização destas buscas e solapamento, os documentos selecionados e relevantes foram lidos com profundidade com o intuito de identificar os principais conceitos para a construção da fundamentação teórico-conceitual e teórico-metodológica da pesquisa e se necessário, será complementada com documentos, conceitos e assuntos relevantes recuperados na realização de buscas não sistemáticas.

O Universo da pesquisa são mulheres negras e lésbicas e será trabalhado a A Coletiva Visibilidade Lésbica Floripa- MUDIÁ, que é uma coletiva feminista, anti-LGBTfóbica, antissexista, antipatriarcal, antirracista, anticapacitista, antifascista e anticapitalista de âmbito regional (Grande Florianópolis), constituída por 17 mulheres Lésbicas e fundada no dia oito (8) de novembro de dois mil e dezenove, na cidade de Florianópolis, no Estado de Santa Catarina.

A MUDIÁ atua para a Visibilidade, Articulação, Organização, Disseminação, Produção e busca de soluções para as demandas das Lésbicas de Florianópolis e Região. A MUDIÁ vem para:

- Defender a democracia, a liberdade e o Estado democrático de direito, com plena inclusão da diversidade sexual e da equidade de direitos;
- Contribuir para a garantia dos direitos humanos, direitos sexuais e reprodutivos e o exercício pleno da cidadania das Lésbicas;
- Certificar a laicidade do Estado e do direito de crença e de não crença, para todas as pessoas, sem qualquer forma de discriminação e/ou perseguição religiosa;
- Dar visibilidade pública e política, de modo a evidenciar as experiências - afetivas, físicas, sociais, étnicas, culturais, acadêmicas, religiosas, regionais, políticas, geracionais – de lésbicas;
- Garantir a transversalidade, diante das especificidades das Lésbicas;
- Combater todas as formas de opressão, desigualdades, discriminação, preconceito e violências contra as Lésbicas;
- Defender a liberdade de orientação sexual;
- Contribuir para a garantia dos direitos humanos, direitos sexuais e reprodutivos;
- Contribuir para a elaboração, fortalecimento, implantação e o monitoramento de políticas públicas, controle social e ações públicas específicas para a

população Lésbica, no que tange a Segurança Pública; Empregabilidade; Educação; Saúde; Moradia; Cultura; entre outros;

- Atuar nas questões/pautas lésbicas sem qualquer forma de discriminação de identidade, expressão de gênero, sexo, orientação sexual, etnicidade, raça ou cor, deficiência, geração, região ou procedência, escolaridade e religiosidade;
- Denunciar todas as formas de violência e opressão contra mulheres e LGBT;
- Contribuir com o processo de formação do pensamento lésbico, bem como, com o intercâmbio de saberes entre as Lésbicas;
- Publicar e divulgar pesquisas e artigos científicos, culturais e históricos de perspectiva e/ou autoria Lésbica;
- Divulgar e estimular produções culturais da Mudiá suas membras e parceiras;
- Disseminar, organizar, criar, participar e referenciar produções técnicas, científicas e culturais de abordagem histórica e de luta das Lésbicas;
- Contribuir e/ou estimular e/ou fomentar o mapeamento, organização e produção de pesquisas científicas, nas diferentes áreas do saber, com dados e conhecimentos sobre as questões Lésbicas, proporcionando impacto social;
- Contribuir e/ou estimular e/ou fomentar o mapeamento de serviços e profissionais capacitados ao atendimento específico das Lésbicas nos campos da saúde e do direito;
- Estimular e apoiar a criação de redes de apoio para e entre lésbicas e mulheres bissexuais em Florianópolis e região.

Foram realizadas entrevistas com perguntas abertas, com as 10 mulheres que são negras e lésbicas de forma individual, da Coletiva para coletar discursos para poder fazer as representações sociais. Antes da entrevista, foi aplicado um questionário de caracterização de forma impressa, onde as participantes preencheram seus dados pessoais, o que me ajudou a identificar os perfis das pessoas entrevistadas. As entrevistas foram gravadas com gravador de voz do celular para depois serem transcritas.

A pesquisa tem um risco médio, pois é através de entrevistas com pessoas, possui um questionário e um roteiro de entrevistas a ser seguido, mas envolve perguntas em que a pessoa deve falar sobre os preconceitos e desafios que enfrenta na sua vivência enquanto mulher, pessoa negra e lésbica. Para minimizar os riscos, antes da entrevista foi informado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido onde

consta que ela pode parar e desistir da pesquisa a qualquer momento e foi assinado por cada respondente individualmente, além de que foi realizado em local, data e horário escolhido pela respondente, de forma que ela se sentiu confortável, a pesquisadora irá ao encontro de cada entrevistada com carro próprio com despesas subsidiadas por ela mesma.

A devolução dos resultados da pesquisa às participantes será através de uma cartilha desenvolvida como produto final do projeto que visa orientar as mulheres negras e lésbicas como agir quando sofrerem racismo, machismo, homofobia, a medida que esta cartilha trará informações sobre a identificação destes preconceitos e subsidiará o combate dos mesmos, esta cartilha ficará disponível para acesso da Coletiva MUDIÁ, na Biblioteca da UDESC e será de acesso aberto para todas as pessoas que a desejarem acessar.

Para melhor analisar os discursos coletados, busquei pela metodologia que melhor os atendessem, buscando assim na literatura de Lefèvre e Lefèvre (2005) o Discurso do Sujeito Coletivo (DSC).

Para os autores, o modo tradicional com perguntas fechadas em entrevistas não é a forma ideal para que o indivíduo ou o coletivo expresse seu pensamento, opinião, percepção ou representação e suas variáveis sobre um determinado tema. Ou seja: “Quando se diz que uma pessoa ou uma coletividade *têm* um pensamento sobre um dado tema, está-se dizendo que ela **professa, ou adota, ou usa um ou vários discursos sobre o tema.**”. (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005).

Mesmo o Discurso do Sujeito Coletivo não sendo a única abordagem e método existentes, é o mais adequado para lidar com pensamentos que pertencem à família das línguas e linguagens, pois são compostos de matérias discursivas, em uma escala coletiva e social, assim, a fala são esquemas sociocognitivos das representações sociais. (BOURDIEU, 1990).

O pensamento coletivo é entendido como um “segundo” idioma, e o conjunto das falas na condição da vida em sociedade tem a finalidade de expressar e representar um pensamento coletivo. Conforme elucidam os autores:

Partindo-se do suposto que o pensamento coletivo pode ser visto como um conjunto de discursos sobre um dado tema, o Discurso do Sujeito Coletivo visa dar luz ao conjunto de individualidades semânticas componentes do imaginário social. O Discurso do Sujeito Coletivo é, em suma, uma forma ou um expediente destinado a fazer a coletividade *falar* diretamente. (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005, p. 16)

Como o objetivo de uma pesquisa de representação social é o resgate do imaginário social sobre um dado tema, na técnica do DSC, antes de mais nada são realizadas perguntas abertas a um determinado grupo de indivíduos, no caso desta pesquisa à Coletiva Lésbica Mudiá, e deixa-se que essa coletividade se expresse livremente, ou seja, produza discursos, para isto só pode ser feito através de perguntas abertas.

Para a organização e tabulação dos discursos coletados, foi necessário a utilização de figuras metodológicas do DSC, que utilizaram do eu sintático através de um discurso emitido na primeira pessoa (coletiva) do singular (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005). Em um primeiro momento, para confeccionar o DSC's, utilizei do resgate da literalidade do depoimento, transcrevendo trechos do discurso e que revelam a essência do depoimento, estas são as expressões-chave (ECH), que para os autores "É com a matéria-prima das expressões-chave que se constroem os Discursos do Sujeito Coletivo" (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005, p. 17).

Em seguida extrai do discurso a ideia central (IC), que é um nome ou expressão linguística de maneira sintética. Lefèvre e Lefèvre (2005, p. 17) afirmam que "É importante assinalar que a IC *não é uma interpretação, mas uma descrição* do sentido de um depoimento ou de um conjunto de depoimentos."

Algumas expressões-chave remetem não a uma ideia central exata, mas à descrição de um método ou a uma situação específica alicerçada sempre em pressupostos, teorias, conceitos e hipóteses, esta é a terceira figura metodológica do DSC, a ancoragem (AC), que é quando o autor do discurso professa de forma genérica.

Como já dito anteriormente sobre as perguntas abertas e fechadas, para os autores do método DSC:

Já, há algum tempo, mesmo dentre os pesquisadores adeptos dos métodos quantitativos, considera-se que a presença, numa pesquisa social, apenas de questões fechadas limita muito a expressão do pensamento dos pesquisados. (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005, p. 18).

Surgiu então, a necessidade de perguntas abertas para que eu pudesse aprofundar nas alternativas de respostas para encontrar as palavras ou expressões mais adequadas para representar cada depoimento, tive desta forma, o que se chama de categorização.

A categorização nada mais é que enquadrar vários depoimentos ou discursos em categorias, sendo respostas ou expressões iguais ou parecidas na mesma categoria, ou diferentes em categorias separadas. Para Lefèvre e Lefèvre (2005, p. 19), a categorização é:

[...] agrupamento dos discursos, condição considerada necessária para produzir conhecimento ou entendimento através da eliminação da variabilidade individual, não pertinente ao fenômeno pesquisado é, pois, classificatório.

A proposta do DSC como forma de conhecimento é, assim uma estratégia metodológica que se utiliza do discurso para tornar mais evidente uma representação social. Ou seja, para aplicar o DSC:

Para a elaboração do DSC parte-se dos discursos em estado bruto, que são submetidos a um trabalho analítico inicial de decomposição que consiste, basicamente, na seleção das principais ancoragens e/ou ideias centrais presentes em cada um dos discursos individuais e em todos eles reunidos, e que termina sob uma forma sintética, onde se busca reconstituição discursiva da representação social. (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005, p. 20).

Deste modo, para a construção de um único discurso, com as partes dos discursos coletados de um grupo, precisei juntar algumas “peças” e isto foi feito a partir de alguns princípios que são:

- Coerência – a soma de pedaços isolados de depoimentos formando um único discurso coerente de forma que se perceba nele, o todo constituinte.
- Posicionamento próprio – deve expressar sempre um posicionamento próprio e original frente ao que está sendo pesquisado.
- Tipos de distinção de DSC – existem dois critérios de distinção de depoimentos que são a diferença/antagonismo e a complementaridade. Quando há discursos sensivelmente diferentes, a apresentação deles obrigatoriamente é separada, enquanto os semelhantes podem ser complementares uns aos outros constituindo cadeias argumentativas.
- Produzindo uma “artificialidade natural” – O DSC é como se apenas um indivíduo falasse por um conjunto de pessoas, para isso, é necessário, uma construção artificial destes discursos removendo as particularidades.

Portanto, o DSC, em outras palavras, é um discurso síntese que reúne em um único discurso as expressões-chaves e ideias centrais ou ancoragens (ECH e IC/AC)

semelhantes, o qual passa a representar a fala e o pensamento do coletivo social. Para finalizar esta seção, enfatizo aqui, que o papel do DSC é fazer o resgate das manifestações acerca dos discursos sobre os preconceitos e desafios de raça, gênero e sexualidade enfrentados por mulheres negras e lésbicas.

Como resultado será apresentada uma cartilha que nada mais é que uma construção coletiva dialógica, resultante de um trabalho multidisciplinar, pois articula saberes e gera um produto holístico (BACELAR *et al.*, 2009).

6 REPRESENTAÇÃO SOCIAL SOBRE PROTAGONISMO SOCIAL PARA MULHERES FEMINISTAS NEGRAS LÉSBICAS A PARTIR DO DSC

Utilizando-se da fundamentação teórico metodológica do construcionismo Social de Berger e Luckmann (2005) e do configuracionismo sócio histórico de Norbert Elias (1994) foi elaborada a manifestação coletiva das mulheres lésbicas negras que fazem parte da Coletiva Visibilidade Lésbica Floripa – Mudiá, sobre os preconceitos e desafios enfrentados por conta de sua raça, gênero e sexualidade representada pelo DSC a seguir abaixo, evidenciado em itálico, por meio da Representação Social de Moscovici (2015) e do Discurso do Sujeito Coletivo de Lefèvre e Lefèvre (2005).

Eu penso que os maiores preconceitos enfrentados por mulheres negras na sociedade é o racismo e o racismo estrutural, bem como as microviolências vividas cotidianamente. Desta forma, os corpos negros sempre foram hiperssexualizados ao performar sua feminilidade e, colocados, historicamente, em um não lugar, ou então em um lugar de subalternidade, o que reflete em exclusão social. Aliado a isso, infelizmente estão os pré-julgamentos deste corpo negro ocupar seu espaço social por direito, forçando deste modo, mais racismo com seus estereótipos e invisibilizando, descredibilizando, e não os deixando serem vistos, não tendo representatividade, para que não nos reconheçamos e sejamos silenciadas.

Como mulher lésbica, acredito que a sociedade espera que todas as mulheres performem feminilidade, apresentem um estereótipo feminino para que sejam aceitas, e quando percebem que nem todas são, a exemplo das mulheres DesFem.¹², vem à tona muito preconceito, principalmente violências de gênero, homofobia, machismo e sexismo, dependendo do espaço e contexto social, a exemplo do acadêmico, onde elas têm então, este lugar de legitimidade. A violência que a sociedade lesbofóbica aplica à nós, nos enxergando como um sujeito fora das normativas, opressão interseccional, descredibilizando-nos, não nos vendo como indivíduos que constroem família, que trabalham, estudam, movimentam também a sociedade, forçando uma invisibilidade a partir justamente da falta de representatividade, e o sentimento natural desenvolvido por nós é o de não pertencimento, não lugar, de não sermos ouvidas, não sermos vistas, somos silenciadas. A importância da militância a partir deste ponto de vista, é justamente que nós perpassemos as opressões, a falta de segurança,

¹² A pessoa “desfem” pode ser explicada como toda aquela que o trajeito foge a norma da feminilidade, que é imposta pela sociedade, como o cabelo grande, roupas socialmente consideradas femininas e aspectos semelhantes. (VALE, 2022)

desrespeito e falta de atenção até na saúde, para que nos tornemos empoderadas e nos afirmemos cada dia mais nosso gênero, sexualidade e raça.

Então, já como mulher negra e lésbica, ao pensar na interseccionalidade, a sociedade sempre vai nos enxergar de forma masculinizada e questionar assim, nosso papel na relação amorosa e afetiva. Isto, este julgamento nada mais é que machismo, racismo e homofobia, ou melhor dizendo, lesbofobia. Assim, nós acabamos nos questionando dentro de nossas relações afetivas lésbicas, e muitas vezes permanecemos em relações abusivas, com falta de amor e afeto, pois sofremos tanta exclusão, tanto apagamento, falta de representatividade, que nos permitimos a isso. E em determinados momentos da nossa vida, quando percebemos que precisamos de amor e compreensão, buscamos crescimento nos relacionamentos, muitas de nós vivemos relações inter-raciais, e temos muito diálogo nestas relações para que sejamos reconhecidas, vistas e ouvidas, que tenhamos trocas e aprendizado, pois esta nossa constante autoafirmação, de que somos válidas e dignas de amor, que é uma luta, nos leva a buscar nosso lugar de fala e de reconhecimento e somos ouvidas nas relações.

Os maiores desafios que enfrentamos como mulheres negras e lésbicas são desafios estruturais como próprio racismo e homofobia, resultado dos julgamentos de estereótipos, de classe social, da falta de representatividade, por estarmos em um não lugar, falta de empatia, são violências e opressões, bem como o fato de sempre estarmos nos autoafirmando enquanto quem somos. Estamos sempre sendo desvalorizadas, invisibilizadas e sentindo-nos na solidão. Penso que para combater isso, é a partir de uma construção política que nos permita trazer mais discussões, informação, cultura, além de nossas lutas, para a sociedade.

Sim, penso ser de muita importância a criação desta cartilha para combater os preconceitos, o racismo, o sexismo, as violências em geral, bem como os traumas que carregamos de nossas vivências e validar nossas lutas. Uma cartilha em formato físico, distribuído em lugares estratégicos como escolas, movimentos, coletivos, espaços educacionais e de saúde trará uma transformação social e lugar de fala para mulheres negras lésbicas. Utilizá-la em formações para promover informação, conscientização e possibilidade de conhecimento, faz com que estas mulheres se sintam acolhidas, tenham apoio neste espaço de respeito à diversidade, além de promover união, conexão, força e principalmente reconhecimento.

Movimentos e coletivos nos permitem criar conexões com outras mulheres como nós, negras e lésbicas que passam pelas mesmas vivências, preconceitos e desafios pela cor, raça, orientação, sexualidade e gênero. Este projeto e esta cartilha faz a diferença no crescimento e reconhecimento de cada uma de nós, com informação e representatividade, sendo de certa forma uma revolução.

A análise do Discurso do Sujeito Coletivo representa alguns pontos mais relevantes para discussão e aprofundamento, são eles: 1) Raça; 2) Gênero; 3) Sexualidade e 4) Interseccionalidade.

O aprofundamento desses pontos remete ao objetivo geral da pesquisa, que visou investigar quais os desafios de raça, gênero e sexualidade são enfrentados por mulheres feministas negras e lésbicas. Sendo assim, a seguir os pontos citados serão desmembrados e discutidos de acordo com a revisão de literatura, os discursos individuais e a representação social coletiva sobre o assunto.

6.1 DESAFIOS DO RACISMO: VIOLÊNCIA E OPRESSÃO

*é uma honra ser da cor da terra
será que você imagina a frequência com
que as flores me chamam de casa
(Rupi Kaur)*

A história de resistência de mulheres negras em prol da representatividade, mostra que a nossa obstinada esperança em enfrentar as adversidades para que um “mundo melhor” exista, vem do histórico desafio simbólico da condição de raça, pois nossa cor e pertença-étnico racialdistingue as lutas e queremos alcançar nosso protagonismo social a partir de uma conscientização política e informacional.

Deste modo, trago aqui trechos das falas das mulheres negras entrevistadas, onde em seus discursos deixam evidentes os desafios e preconceitos vivenciados cotidianamente a fim de trazer reflexões acerca do tema.

Então eu acho que é algo bem complexo assim porque se a gente for pensar na estrutura do racismo estrutural mesmo, acho que se eu fosse apontar aqui os preconceitos acho que provavelmente irá tá esquecendo algum, porque são as pequenas coisas, que são muitos preconceitos, que a gente pode falar aqui é a questão que eu percebo como uma mulher negra de pele mais clara, digamos assim, eu demorei um certo tempo pra perceber essa questão do racismo assim, até porque onde eu vivia, com uma família embranquecida que por muito tempo eu não me via enquanto negra, né, eu fui, essa, eu até falo que essa minha descoberta da negritude foi na adolescência, que até

então fui afastando esse paradigma da mulata que me vinha bastante, me assombrava bastante, digamos que fui entendendo um pouco mais desse lugar enquanto negra. (Entrevistada 01; Questão 01).

Hoje o racismo estrutural é a pior forma de violência. (Entrevistada 05; Questão 01).

Na fala das Entrevistadas 01 e 05, percebo que o racismo é estrutural, histórico e violento ao fazer-se presente em nossas vidas nos afastando de quem somos realmente, para que não sintamos que fazemos parte da sociedade, isto é um apagamento das nossas identidades, uma invisibilidade e acabamos vivendo na solidão. Neste sentido, a quarta Entrevistada elucida que:

são várias micro violências e as vezes é difícil pensar qual é a pior ou qual o que afeta mais, mas eu acho que um que resume muito as coisas é a invisibilidade, a gente não se sentir pertencente da sociedade sabe, por várias questões até históricas né, mulheres negras sempre foram excluídas de aprender a ler, escrever, nunca ou raramente foram amadas mesmo, sabe, então acho que o maior preconceito é a invisibilidade, o sentimento de não ser visto, não ser entendido como sujeito, porque a gente é além de mulher negra a gente muitas vezes mãe solo, ou avó, mulheres que sofreram violência doméstica, então tudo vai se misturando e fica esse sentimento de nossa, quem sou eu, sabe, e se eu não to inserida nessa sociedade, fazendo parte, tipo o que eu sou, quem sou eu, e aí causa um desconforto. (Entrevistada 04; Questão 01)

Do mesmo modo, todas as entrevistadas alegaram que o maior desafio é o racismo dentro das suas áreas profissionais, que sentem dificuldade em serem validadas profissionalmente, ouvidas e credibilizadas, pois as pessoas brancas enxergam a nós, pessoas negras, muitas vezes, em lugar de subserviência, como uma não possibilidade o saber, o conhecimento técnico teórico vindo de um corpo preto que tem formação para tal, conforme a Entrevistada 03 afirma:

[...] principalmente no lugar profissional que sinto bastante descredibilidade [...] caso eu me via nesse lugar de ter que tá comprovando tecnicamente muito mais, assim, de saber, acho que isso é algo que eu percebo muito, enfim, e aí fica muito fácil de perceber, fica muito evidente no profissional [...] uma descredibilidade nesse sentido, que que não pudesse vir de um lugar meu uma criatividade, o saber vindo de um lugar meu. (Entrevistada 03; Questão 01)

Acho que no campo da profissão também tem muito, muito desafio assim, a gente tem que fazer mais, sempre fazer mais, fazer mais, fazer mais, porque os nossos corpos não interessam em nenhum meio assim, é nítido assim, infelizmente, na sociedade [...] né, eu to estudando bastante sobre isso também, to lendo bastante sobre isso, como o corpo negro sempre foi,

sempre foi uma tentativa de exclusão da sociedade, desde os primórdios de tudo assim, né, acho que esse é um dos que mais pega em mim assim. (Entrevistada 04; Questão 01; Questão 03)

Diante desta afirmação, trago trecho da tese de doutorado de Leyde Klebia Rodrigues da Silva (2020, p. 82), para refletirmos sobre que diz:

As negras e os negros que, de imediato à libertação ou mais tarde, conseguiram se integrar à sociedade do trabalho, novamente tiveram como função o servir. Em protesto ao tipo de situação pela qual a população negra passava, submetendo-se ao empregador de maneira a repetir a relação existente entre senhor feudal e escrava e escravo, surgiram as primeiras aspirações de organizações no meio dessa população.

A realidade de muitas mulheres negras é realmente a de ter que trabalhar desde muito cedo para gerir ou ajudar as famílias. Mas este fato, tão presente na vida de tantas, não as exclui ou priva de poderem e deverem sempre estar buscando melhores condições de vida através de trabalho e estudo.

Quando a sociedade nos julga por conta desta realidade, é uma forma de violência e opressão que quase nos diz “voltem para os seus lugares de subalternidade”, como se não houvesse a possibilidade de atingirmos cargos ou níveis de estudos mais elevados. Para exemplificar, a seguinte informação:

Apesar dos dados que demonstram um aumento da presença de mulheres negras no cenário acadêmico e profissional atual, a presença das mulheres negras no ensino superior não está relacionada apenas à cor, mas também ao nível econômico, à pobreza e à origem familiar. Tais fatores impedem o seu ingresso nas universidades. Mesmo com o desenvolvimento das políticas educacionais, as políticas de ações afirmativas, as lutas contra o racismo e o aumento das mulheres negras no ensino superior, ainda persistem as desigualdades de gênero e raça (SILVA, 2020, p. 86).

No livro “Mulheres, Raça e Classe”, Angela Davis (2016, p. 13) afirma que “proporcionalmente, as mulheres negras sempre trabalharam fora de suas casas mais do que suas irmãs brancas. O imenso espaço que atualmente ocupa o trabalho em suas vidas responde a um modelo estabelecido no início da escravidão”.

O espaço social em que ocupamos, diz muito sobre nós, se vivemos em locais com mais oportunidades e socialmente com melhores condições financeiras, o racismo e as microviolências são maiores que se convivermos em espaços com maior vulnerabilidade social. Diante disso, abaixo trecho do DSC da Entrevistada 06 para elucidar:

Eu acho que depende do espaço social que a gente ocupa né, então eu vivi minha infância toda num colégio particular, católico, onde majoritariamente, para não dizer todos, eram brancos, que são várias questões assim de infância de bullying, de racismo, que não foram levados a sério.

Penso que neste sentido, a questão que a Entrevistada 06 levanta é o fato de que a sociedade aceita o racismo e os preconceitos vindos de pessoas brancas e com maior poder aquisitivo, por pensarem que esta é violência está correta, por já ser algo que está no imaginário social, ou por questões de omissão para não gerar conflitos.

Para finalizar as reflexões do primeiro ponto que trago como sugestão de aprofundamento, por ser o que mais faz mulheres sofrerem, aqui nesta subseção, a questão do racismo que atingem estas (nós) mulheres, dentro dos movimentos e coletivos.

Estes movimentos são organismos de lutas sociais que nascem a partir da necessidade de engajamento de nós mulheres negras com este grande problema social que é o racismo. Deste modo, abaixo um trecho da fala da Entrevistada 02 sobre uma realidade existente dentro de movimentos que demonstra a urgência desta discussão, e do fortalecimento e união das mulheres negras:

[...] que de um modo geral em todas as instâncias, tanto no dia a dia, na rua, na sociedade, enfim, quanto também dos aliados, né porque a gente tem, temos a nossa militância mas nesse espaço a agente ainda vê muita reprodução do racismo enquanto se propaga uma discussão do antirracismo. Então existe uma proposta do antirracismo, mas mesmo assim, dentro deste grupo, ou desses grupos que se dizem antirracistas se perpetua o racismo, então dentro desses vários segmentos eu vejo o racismo que me atinge, uma discussão sócio política, até com relação aos estereótipos. (Questão 01)

Este racismo que perpetua por adentro dos movimentos simboliza o quanto o nos perpassa esta violência dos nossos “semelhantes” por variados motivos, como tons da pele, gênero, sexualidade e a questão interseccional.

Os movimentos sociais integram a sociedade e organizam as relações entre os organismos de participação política. Dessa forma, eles devem ser analisados à luz das ações que desenvolvem na sociedade, pois são expressões do seu movimento e seus conceitos mudam de acordo com o movimento contraditório da sociedade. (SILVA, 2020). Mesmo que pareça simples a afirmação, mulheres negras são vitimadas socialmente pelo somatório da cor e do sexo, sendo duplamente discriminadas.

6.2 DESAFIOS DE GÊNERO: A DESVALORIZAÇÃO CONTÍNUA DA MULHER NEGRA

Os desafios enfrentados nesta categoria são muitos e muito difíceis de quebrá-los ou desconstruí-los por já estar no subconsciente e imaginário social coletivo. A presença de mulheres em espaços públicos e digamos que de poder, principalmente às negras, vêm sendo observado por várias pesquisadoras para compreender, principalmente as relações de gênero ao acesso a determinados espaços.

Leyde Klebia Rodrigues da Silva (2020, p. 88) nos elucida com a seguinte afirmação, as colocações acima citadas:

Apesar dos dados que demonstram um aumento da presença de mulheres negras no cenário acadêmico e profissional atual, a presença das mulheres negras no ensino superior não está relacionada apenas à cor, mas também ao nível econômico, à pobreza e à origem familiar.

Que é o que é citada pela Entrevistada 04 essas lutas e esta desvalorização:

[...] mulheres negras sempre foram excluídas de aprender a ler, escrever, nunca ou raramente foram amadas mesmo [...]. (Questão 02).

Esta exclusão é consequência da desigualdade de gênero resultante dos processos de organização da sociedade, bem como algo cultural. Por desigualdades de gênero, entendemos “aquelas constituídas pelas sociedades que hierarquizam as diferenciações entre os sexos, de forma a se acreditar que a natureza produz seres humanos superiores e inferiores, em razão do sexo” (SECRETARIA DA MULHER DE PERNAMBUCO, 2011, p. 53).

Esta organização social que exclui as mulheres, é um sistema patriarcal onde homens são “detentores do poder”, enquanto as mulheres precisam se casar, ficar em casa, cuidando de filhos, família, entre outros afazeres domésticos, onde os espaços de mulheres estavam limitados apenas à estas “virtudes”.

Deste modo, trago para discussão e aprofundamento a diferença de concepção entre mulheres brancas e negras na visão racista e patriarcal. A exemplo o trecho da fala da Entrevistada 03 na questão 04:

[...] eu percebo bastante isso de ter que ficar provando o tempo inteiro sabe, provando que, vou dar um exemplo, de casa, sabe, bom da decoração da casa, da organização da casa, enfim, de provar que tudo que está construído aqui também é parte minha, assim, minha companheira é branca e as

peças elogiam é, pra ela, assim, sabe, tipo algo do pessoal assim, sabe [...] é só como isso aparece cotidianamente, sabe, que esse lugar da criatividade não pode ser explorado a partir desse corpo, isso é sobre raça, isso não é sobre ser lésbica. O descrédito vem muito mais sobre a raça.

Diante desta afirmação e desta realidade, outro ponto a ser explorado é a objetificação da mulher negra, onde somos vistas como mulheres para servir e alimentar desejos carniais dos homens. Abaixo a Entrevistada 01 traz a seguinte colocação, na questão 01, e em seguida uma citação de Silva (2020, p. 91) sobre:

paradigma da mulata que me vinha bastante, me assombrava bastante, digamos que fui entendendo um pouco mais desse lugar enquanto negra e comecei a entender essa questão da sexualização dos corpos, que me assombrava bastante, que foi uma questão que me impactou bastante, que é a hipersexualização dos corpos negros e de mulheres negras e eu acho também além disso o estereótipo classicista

Eram mais desejadas não enquanto protagonistas do discurso, mas como seres socialmente inferiorizados, objetos que tinham obrigação de atender a valores ideológicos instituídos pela “sedução branca”, em que a relação amorosa não se dava pelo carinho, mas pela erotividade, agressão, estupro.

Em seu livro “E eu não sou uma mulher?”, bell hooks (2022) aborda esta temática pontuando que esta violência sexual, desde a escravidão, era baseada em uma hierarquia social baseada em raça e sexo, onde, colocava em primeiro lugar homens brancos, segundo lugar mulheres brancas, lugar muitas vezes ocupado por homens negros, e por fim das mulheres negras, vistas como selvagens e sexuais, termo sexista.

Ao ponto disto, entendo que estas violências de gênero e sexuais são frutos de uma sociedade racista, misógina e machista. Assim, estas violências que perpassam a realidade cotidiana de nós, mulheres negras e lésbicas, devem ser desconstruídas, faladas publicamente para que as demais pessoas tenham tal consciência disto, para maior compreensão. A luta das mulheres sempre foi e sempre será maior, principalmente de nós, negras, buscando nossa ascensão como simplesmente indivíduos que fazem parte e movimentam esta sociedade, cuidando, ensinando, trabalhando, estudando e atingindo lugares nunca imaginados há séculos atrás com nosso mérito.

Finalizo esta subseção, com a reflexão a partir da fala de bell hooks (2022) sobre a discriminação sexista contra todas as mulheres no trabalho e nas esferas da

educação. Sendo que quando aspiramos ascensão, nós pessoas negras, a probabilidade de um homem negro dominar papéis de liderança é muito maior do que mulheres negras, e isto é por ser uma tendência que reflete o patriarcado machista e racista. Este fato torna necessário a agenda feminista a partir de uma antropologia da cultura pós-moderna com as representações sociais.

6.3 DESAFIOS DA SEXUALIDADE: A VISIBILIDADE LÉSBICA

A sexualidade sempre foi motivo de tabu, discussões preconceituosas e motivo de desentendimento, sendo assim, é homofobia, machismo e lesbofobia. Todas as entrevistadas nesta pesquisa afirmaram que os desafios são inúmeros, principalmente por serem mulheres racializadas, assim, abaixo trago trechos de algumas das falas:

eu ando na rua com receio com a minha namorada, principalmente na região de Florianópolis que é uma região bem homofóbica, teve alguns casos assim da aquele medo, a gente não anda tranquila sempre, até isso é algo que já me peguei pensando várias vezes, eu sou de Santa Maria né, no Rio Grande do Sul, e é uma região que a violência é muito mais predominante né, aqui Floripa se tu for pensar é muito tranquila em questão de violência no geral, mas daí fica naquela questão né, seguro pra quem, né, eu não me sinto ameaçada de ser assaltada por exemplo, mas não fico tranquila também de não ser agredida, né enquanto negra e sapatão, eu acho que é isso então, e é a questão da interseccionalidade né, não consigo separar uma, nada né, não consigo desvencilhar, então acho que até porque eu acho que a base dessas opressões elas surgem do mesmo ideal, que é a questão do colonialismo, enfim, então é bem difícil pensar né, as coisas andam junto né, infelizmente. (Entrevistada 01; Questão 02)

[...] questão da credibilidade da família, enfim, sou casada, tenho um filho, é da gente não conseguir ser visto nos espaços como uma família mesmo, do estranhamento, do não pertencimento, de não ver os pares ali junto de certa forma, de perceber, que a representatividade nos lugares possíveis de mulheres lésbicas [...] assim, sabe, de estar numa situação com minha companheira, ou em outros momentos com outras mulheres, enfim, é, violências muito pontuais. Certa vez estava na frente do mercado público com uma companheira antiga que eu tinha e jogaram peixe na gente, peixe cru, mesmo, nesses momentos pontuais, de a gente tá no Uber, com minha companheira, e ouvir comentários do Uber, a ponto de a gente pedir pra parar o carro no lugar que não era o ponto. (Entrevistada 03; Questão 02)

Eu passo muito por violências de gênero, né, como mulher preta hoje não fazendo parte do estereótipo feminino que se espera do que é uma mulher em sociedade, usar vestido ou usar roupas específicas que é também base do machismo, e no sexismo bizarro assim da sociedade né, eu sofro muita violência de gênero, tipo muitas pessoas achando que eu sou homem, tem muita tensão em fazer coisas básicas como ir ao banheiro em lugares públicos, é terrível (risos), porque espera-se de você como imagem uma coisa só que você não é perante a sociedade que ainda assim tem várias caixinhas né, e como mulher negra muitas inibições do meu corpo, sabe, é, ir ao

ginecologista por exemplo, saúde da mulher lésbica também é uma coisa que pega muito assim a gente, saúde mental. (Entrevistada 04; Questão 02)

Na fala destas mulheres, consigo perceber o incômodo e desconforto com a falta de respeito, abuso, falta de representatividade e a questão dos estereótipos. Espera-se de nós mulheres pretas lésbicas uma performance muito masculinizada, pelo fato de a sociedade estar “acostumada” a enxergar as mulheres pretas como mulheres fortes e solitárias que dão conta sozinhas de cuidar de tudo, da vida pessoal e profissional, quando nós abrimos ao mundo nossa sexualidade, o imaginário social nos enxerga como homens, por este motivo, assim, as mulheres que não performam esta masculinidade são questionadas e as mulheres que performam, sofrem violências de gênero.

essa questão do estereótipo que temos que performar pra tentar se encaixar nesse padrão de feminilidade e quando tu é uma pessoa que não performa dentro do gênero o que é esperado, ainda mais sendo negra, sendo não branca, eu acho que todas as opressões elas acabam chegando com um pouco mais de força assim né, porque elas vão se somando assim né, e eu vejo muito isso na questão na forma de se tratar mesmo né porque quando parece que quando a gente se encontra nesse lugar de sapatão negra tem muito essa questão de se aproximar assim, de ser, agora esqueci o nome, mas essa questão de ser castrada enquanto humano, mesmo né, de pensar aquilo, tu não é nem homem, nem mulher, tu não é nada né. (Entrevistada 01; Questão 03)

a questão racial é algo que não consigo esconder, esta visto né, tá aparente, e quanto a questão de ser sapatão não faço questão nenhuma de esconder, então acho que esse meu performar de sujeito não hétero né, tipo fora das normativas eu acredito que isso incomoda bastante, acredito não, eu sei disso, né na própria estrutura familiar também, já ouvi, minha mãe falando assim, tudo bem ser lésbica mas não precisa ser “Joãozinho”, esses termos assim super homofóbicos. (Entrevistada 01; Questão 02)

a gente carrega um estereótipo, principalmente lésbicas e negras né, acho que tem todo um contexto histórico, se caracterizando na mulher negra né na sobrevivência, na sociedade e essa coisa estereotipada de ser destemida, tem que ter é uma personificação mais séria, mais carrancuda e até mesmo performar masculinidade enquanto mulher negra e lésbica, a maioria dos retornos que eu tive na minha vida são nesse sentido que mulheres negras lésbicas tem uma performática mais masculinizada e quando a gente quebra esse preconceito, né ou de não ser tão masculinizada, de performar como queira também vem logo uma releitura do papel dentro de uma relação lésbica, qual o papel dentro dessa relação né se tu não performa assim, se tu é feminilizada, eu acho que existem categorias que nos colocam dentro das relações lésbicas enquanto mulheres negras e lésbicas, enfim, a maioria das mulheres negras lésbicas, pelo menos da minha geração, elas eram estereotipadas assim, eram negras e vistas como masculinizadas (Entrevistada 02; Questão 03).

Estes exemplos acima, podemos observar questões interseccionais, pois vários tipos de violências perpassam os corpos de mulheres negras lésbicas simultaneamente. Quando paramos para fazer esta análise e aprofundamento, percebemos também que estas mulheres não conseguem se perceber do ponto de vista apenas da sexualidade, pois a violência racista é muito maior que qualquer outra. Ser negra é algo que não conseguimos “esconder”, já a sexualidade, o fato de nos relacionarmos afetiva e sexualmente com pessoas do mesmo gênero é algo que pode ser imperceptível dependendo da mulher, bem como, já dito acima, algumas mulheres são vistas como sendo homens, então até o fato de ser mulher, pode ser “disfarçado”, não anulando o fato disto ser uma agressão, caso não seja uma escolha dela este fato.

São tantas opressões e microviolências contra nós, que muitas optam por não demonstrar a sexualidade para não sofrer mais um preconceito. Pensar lesbofobia especificamente, nos traz à luz reflexões de como a mulher lésbica é invisibilizada, um dos motivos de a sigla ser LGBTQIAP+ iniciar com a letra L, que significa Lésbicas, é para trazer mais evidência e protagonismo a este grupo, que, é tão excluído socialmente, neste sentido, trago uma parte do DSC e em seguida o que as autoras afirmam:

Como eu me percebi lésbica mais tardiamente, lá pelos 22 anos e vivi a minha heterossexualidade compulsiva (risos) eu nunca me percebi masculinizada, mas de um tempo pra cá acho que, não sei, de um tempo pra cá eu percebi que algumas pessoas me entendiam assim, ah usa pochete e não sei o que, tentando me caracterizar de maneira visual uma masculinidade por ser uma mulher negra. (Entrevistada 02; Questão 03)

heterossexualidade compulsória, o casamento, a ginecologia e o estupro são instituições inerentes ao patriarcado “que permite aos homens reprimir a homossexualidade feminina e obrigar as mulheres à cama. A heterossexualidade imposta é a causa profunda da opressão feminina”. Nessa perspectiva, a lesbiandade deve ser entendida como uma resistência ao patriarcado. (ROMEIRO; SANTOS, 2020, p. 05)

Indo de acordo com a afirmação das autoras acima, existe a ideia perante a sociedade de que a mulher sempre está esperando por um homem, idealizando um casamento heterossexual, o que não deixa de ser uma construção social de uma performance erotizada baseada na exploração do corpo da mulher (HOOKS, 2022), por este motivo, o papel (homem da relação) de cada mulher em um relacionamento lésbico é questionado a partir da performance de cada uma delas.

Quando falamos de homossexualidade, a sociedade em geral, pensa imediatamente em homens gays, geralmente brancos, sempre são mais aceitos pelas pessoas que mantêm muitas vezes um preconceito velado, do que as mulheres lésbicas, que sempre são questionadas sobre atração por homens ou se já se relacionou, se pretende e até que deveria “experimentar”, isto remete à “heterossexualidade compulsória”, que muitas mulheres lésbicas já viveram em algum momento de suas vidas, ao se relacionar com homens ou manter relacionamentos heterossexuais muitas vezes por não compreender sua própria sexualidade, ou por medo das violências e opressões e optam por não assumirem a lesbianidade.

Diante disto, Romeiro e Santos (2020), baseadas em suas leituras, estudos e experiências nos elucidam sobre o fato exposto anteriormente:

heterossexualidade é considerada por Butler (2003) uma das maiores formas de violência de gênero e sexualidade. A autora diz que a “heterossexualidade compulsória e o falocentrismo são compreendidos como regime de poder/discurso” e por isso estabelecem um regime de verdade sobre o exercício da sexualidade. (2020, p. 06)

A bissexualidade é muito mais aceita que a lesbianidade, pois vêm de uma herança machista e patriarcal o fato de o corpo da mulher ser de pertencimento masculino, e assim, o fato de não nos relacionarmos e nem sentirmos atração por homens, o preconceito e a não aceitação são gritantes.

Hoje a Parada LGBT eu fiquei muito incomodada, porque no trio elétrico que eles fizeram tinha só a Carla Ayres de mulher lésbica lá em cima, e todas as representações, principalmente homens gays e pessoas trans tinham várias, tem uma questão de falta de representação de mulheres lésbicas que é muito grave, e que me afeta também né, porque a gente não se vê nos lugares e quando a gente não se vê nos lugares, a gente não tem vontade de almejar aquele lugar, porque parece que é impossível, e aí quando a gente racializa esse debate, parece que é mais impossível ainda, sabe, porque não tem representação, mas não porque não tem essas pessoas, mas essas pessoas não aparecem em Florianópolis, não estão em lugares de pessoas brancas, então os bares que se dizem LGBT, esses tipos de lugares normalmente não tem representações de mulheres negras lésbicas e principalmente de negras retintas, a maioria das pessoas que frequentam esses lugares são homens brancos. (Entrevistada 06; Questão 03)

A Entrevistada 06 acima fala sobre os lugares que são frequentados, e até direcionados para receber o público LGBTQIAP+, de certa forma, colocam sempre a mulher lésbica em segundo plano. Ou terceiro, sendo primeiro homens gays, segundo bissexuais e então as mulheres lésbicas.

Trago a seguir mais reflexões acerca da Interseccionalidade, que transpassa os três pontos discutidos acima: raça, gênero e sexualidade, para que então nossa análise dos discursos e das representações sociais, sejam completas e profundas, trazendo contribuições para a comunidade Feminista Negra e Lésbica.

6.4 DESAFIOS DE RAÇA, GÊNERO E SEXUALIDADE: A INTERSECCIONALIDADE

Como já visto anteriormente, interseccionalidade é pensar o feminismo a partir de todas as violências que transpassam as mulheres, sendo físicas, psicológicas, sociais, sexuais, raciais e institucionais, bem como refletir sobre suas lutas e resistências. (HIRANO, 2021).

A interseccionalidade surgiu a partir do pensamento feminista, sendo assim, ela questiona gênero em sua primazia e é a sobreposição dos demais desafios enfrentados por mulheres sobreposto à somente gênero, principalmente sobre raça e classe e, nesta pesquisa abordamos para além, a sexualidade, homofobia, lesbofobia e o machismo.

A interseccionalidade está presente no cotidiano de mulheres negras e lésbicas, por este motivo, a fim de atender o objetivo geral desta pesquisa, uma das questões feitas às entrevistadas foi quais os preconceitos e desafios elas enfrentam na sociedade por serem mulheres negras e lésbicas. Abaixo estão alguns relatos para podermos discorrer e nos aprofundar nestes pontos principais da pesquisa.

Enquanto mulher lésbica, bom, enquanto mulher negra tem toda uma sequência ai né porque você recebe todo um preconceito enquanto mulher negra ai que é muito maior, mas enquanto mulher negra e lésbica também mas eu acredito que por ser mais amplo, meio irônico isso, mas por ser mais ampla a discussão ou mais facilitada a discussão da sexualidade tanto a minha postura, né, que já não é tão na defensiva, é mais no ataque assim, na questão racial você tem mais uma defensiva, mais pelo ataque mesmo e tu tem uma vida e na sexualidade tu é de um momento em diante, então quando tem maior segurança tu se assume. (Entrevistada 02; Questão 02)

eu acho que grande parte das violências que me perpassam é sobre raça, sabe, aliado ao fato de ser mulher né, enfim porque ser homem negro é diferente de ser uma mulher negra, mas acho que questão de raça me perpassam mais do que a questão da sexualidade (Entrevistada 03; Questão 02)

enquanto uma negra lésbica tem uma questão que é, eu acho que uma questão de eu não performar o padrão de feminilidade, que nada mais imposto a nós enquanto mulher negra né, e como fui me entendendo enquanto sapatão e estou me entendendo em como pensar o gênero mulher, então tô me entendendo enquanto pensar enquanto mulher, e o quanto isso

é construído e quero desconstruir também, mas acho que isso perpassa e vejo o quanto nós mulheres negras temos que performar feminilidade a mais né pra entrar dentro dos padrões de questões de pele, de cabelo, enfim, tudo isso que a gente já tá acostumado de entrar nessa caixinha pra ser valorizada e tá em ramos profissionais. (Entrevistada 01; Questão 01)

enquanto negra e sapatão, eu acho que é isso então, e é a questão da interseccionalidade né, não consigo separar uma, nada né, não consigo desvincular, então acho que até porque eu acho que a base dessas opressões elas surgem do mesmo ideal, que é a questão do colonialismo, enfim, então é bem difícil pensar né, as coisas andam junto né, infelizmente. (Entrevistada 01; Questão 02)

peças DesFem dá pra perceber que tem uns desafios muito mais intensos, e quanto a homens gays tem essa questão interseccional, a ver com gênero e sexualidade, porque eu acho que como as mulheres estão num lugar de maior vulnerabilidade, é muito mais fácil serem homofóbicos com mulheres. (Entrevistada 06; Questão 02)

quando a gente se encontra nesse lugar de sapatão negra tem muito essa questão de se aproximar assim, de ser, agora esqueci o nome, mas essa questão de ser castrada enquanto humano, mesmo né, de pensar aquilo, tu não é nem homem, nem mulher, tu não é nada né. (Entrevistada 01; Questão 03)

a maioria dos retornos que eu tive na minha vida são nesse sentido que mulheres negras lésbicas tem uma performática mais masculinizada e quando a gente quebra esse preconceito, né ou de não ser tão masculinizada, de performar como queira também vem logo uma releitura do papel dentro de uma relação lésbica, qual o papel dentro dessa relação né se tu não performa assim, se tu é feminilizada, eu acho que existem categorias que nos colocam dentro das relações lésbicas enquanto mulheres negras e lésbicas, enfim, a maioria das mulheres negras lésbicas, pelo menos da minha geração, elas eram estereotipadas assim, eram negras e vistas como masculinizadas, por isso vejo de forma tão forte. (Entrevistada 02; Questão 03)

eu como mulher negra e lésbica, sempre tive muitos relacionamentos assim, abusivos, em questão disso mesmo, qual mulher merece o amor, qual o corpo da mulher que merece o amor, o afeto, o sentimento, o respeito, sabe, é eu sempre fiquei muito tensa andando na rua porque parece que nosso corpo é aberto, assim sabe, pra tudo, pra todo tipo de violência desde homens te seguindo na rua, até pessoas abusos em ônibus, assim, sabe, é como mulher negra lésbica eu sinto que é muito mais tipo, normalizado, só porque ela é preta e sapatão (Entrevistada 04; Questão 03)

A partir dos trechos dos discursos acima, podemos fazer uma análise mais aprofundada dos desafios e dos preconceitos enfrentados por mulheres lésbicas na sociedade machista e patriarcal, o que então, Akotirene (2018) trata em seus estudos sobre feminismo negro, que a interseccionalidade surge, deste modo, para ajudar a compreender e combater estas violências.

A interseccionalidade permite-nos enxergar a colisão das estruturas, a interação simultânea das avenidas identitárias, além do fracasso do feminismo em contemplar mulheres negras, já que reproduz o racismo. Igualmente, o movimento negro falha pelo caráter machista, oferece

ferramentas metodológicas reservadas às experiências apenas do homem negro. (AKOTIRENE, 2018, p. 14)

Ao meu entendimento, a interseccionalidade faz com que pensemos todos os sistemas de opressão para que consigamos combatê-los, pois tudo está interligado e transpassa nossos corpos enquanto mulher, negra e lésbicas, tal qual o objetivo geral desta pesquisa. O feminismo negro dialoga entre racismo, heterossexualidade patriarcal, machismo e capitalismo, pois desde seu surgimento busca superar estereótipos de gênero e principalmente privilégios de classe e heteronormatividade.

No campo do discurso que transpassa mulheres feministas negras e lésbicas não pode ser ignorado o padrão de opressão contra este grupo vítimas do colonialismo e que buscamos justiça histórica, pois amparamo-nos intelectualmente e a partir da união em movimentos, como a exemplo a Coletiva Mudiá, para uma análise a partir da interseccionalidade e assim combater esses desafios de gênero, raça e sexualidade que na maioria das vezes este desafio, nada mais é que a nossa inserção nos campos da sociedade.

Durante as entrevistas pude me apropriar mais da temática e observar a partir dos discursos de cada mulher negra e lésbica o quanto as violências de gênero, raça, sexualidade e também de classe nos atingem cotidianamente e recebi sugestões de apresentar o produto final desta pesquisa em espaços de formação como instrumento de informação e acolhimento. Na próxima sessão, apresento a Cartilha, produto final gerado a partir da análise dos discursos de todas as mulheres entrevistadas contendo informações de como combater os desafios de raça, gênero e sexualidade.

7 PRODUTO



CARTILHA DE COMBATE AOS DESAFIOS DE RAÇA, GÊNERO E SEXUALIDADE

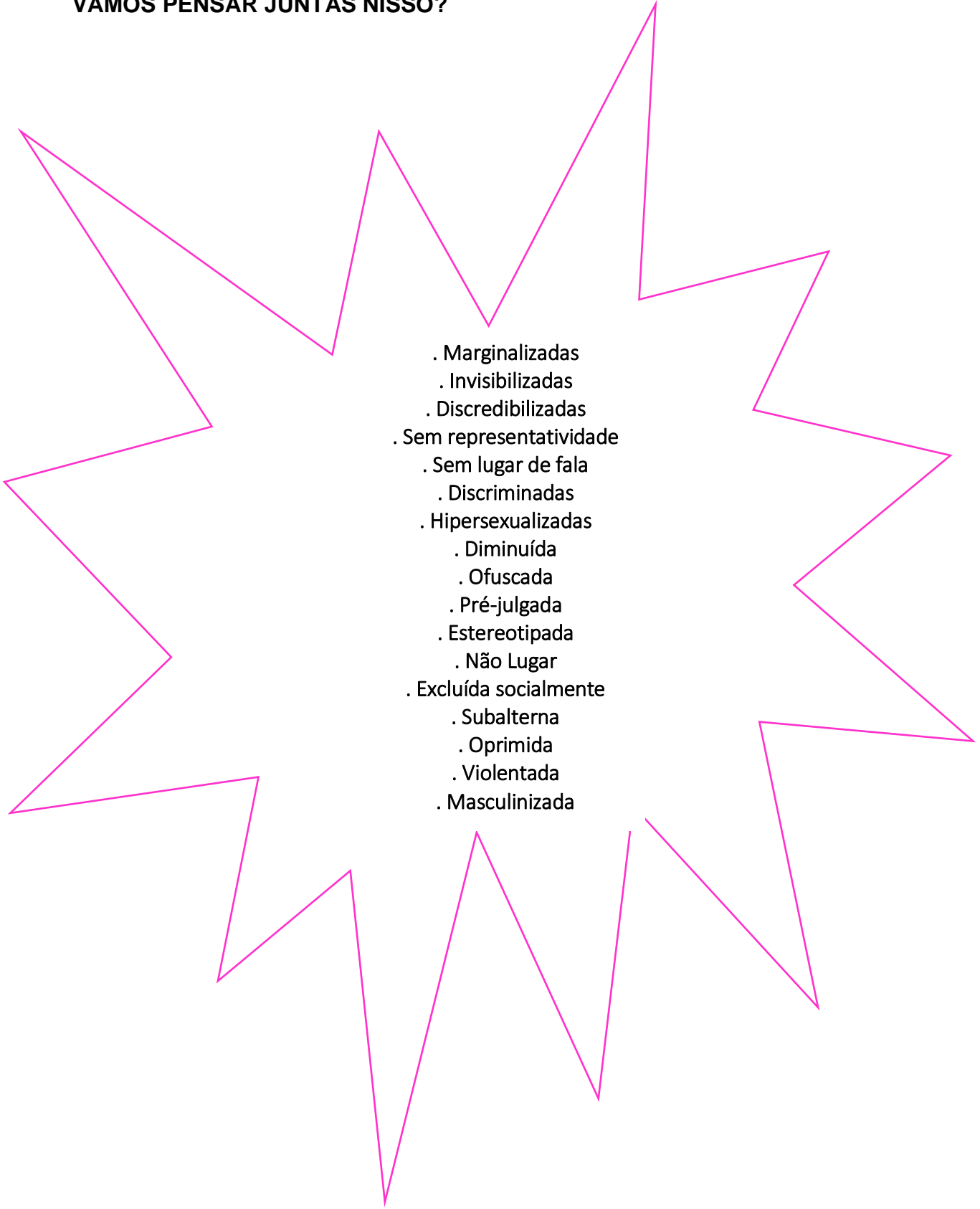
A presente cartilha tem como objetivo trazer aqui informações para o fortalecimento da autonomia das mulheres negras e lésbicas e, que por meio dela e da mediação destas informações, colabore no combate às violências, exclusões e desafios de raça, gênero e sexualidade.

Esta cartilha é direcionada à mulheres negras e lésbicas com o intuito de fornecer informação acerca dos desafios enfrentados cotidianamente por estas mulheres para subsidiar no combate!

Foi elaborada a partir de entrevistas feitas com mulheres negras lésbicas que fazem parte da Coletiva Visibilidade Lésbica Florianópolis – Mudiá que é uma coletiva feminista, anti-LGBTfóbica, antisssexista, antipatriarcal, antirracista, anticapacitista, antifascista e anticapitalista de âmbito regional (Grande Florianópolis), constituída por mulheres Lésbicas e fundada no dia oito (8) de novembro de dois mil e dezenove, na cidade de Florianópolis, no Estado de Santa Catarina.

COMO AS MULHERES SE SENTEM?

VAMOS PENSAR JUNTAS NISSO?

- 
- . Marginalizadas
 - . Invisibilizadas
 - . Discredibilizadas
 - . Sem representatividade
 - . Sem lugar de fala
 - . Discriminadas
 - . Hipersexualizadas
 - . Diminuída
 - . Ofuscada
 - . Pré-julgada
 - . Estereotipada
 - . Não Lugar
 - . Excluída socialmente
 - . Subalterna
 - . Oprimida
 - . Violentada
 - . Masculinizada

OS DESAFIOS DE RAÇA

O racismo é estrutural e muito presente e violento na vida de mulheres negras. Racismo é uma desigualdade étnico-racial, que retrata uma diferença de oportunidades, visibilidade e condições de vida em função da cor.

Combater o racismo, este preconceito e a discriminação é, antes de tudo, um trabalho árduo e pessoal de não estereotipar pessoas, ou seja, não classificar e, deste modo, não segregar.

O preconceito é o juízo de valor que colocamos nestes estereótipos, assim, tomar consciência das nossas ações faz-nos compreender assim, os mecanismos por trás do preconceito do outro.

Não bastam apenas leis e campanhas educacionais, é preciso desenvolver políticas públicas para inclusão e diversidade e proporcionar acesso justo e igualitário aos recursos

sociais, direitos básicos e à oportunidades educacionais e profissionais.



OS DESAFIOS DE GÊNERO

A luta das mulheres negras não é apenas enfrentar o racismo e suas exclusões, mas também superar desigualdades de gênero e ideologias geradas pela hegemonia masculina que impõe à estas mulheres formas de conduta que devem ser tomadas.

Existe uma percepção social significativa que impacta na igualdade de gênero que inferioriza mulheres em relação aos homens. São crenças que determinam as diferenças e desvantagens à mulheres nas relações no trabalho, vida pessoa, sistema jurídico e até na política.

Sendo assim, o feminismo negro surge justamente para fazer com que mulheres negras se unam e avaliem suas posições na sociedade, buscando por se impor e conquistar seus lugares por direito.



Este olhar feminista, especificamente do feminismo negro, que traz o protagonismo das mulheres em situação de vulnerabilidade social, faz com que mulheres negras tenham papel central na comunidade onde estão inseridas, trazendo representatividade, reivindicações e feminização de propostas para políticas de articulação de gênero, raça e sexualidade, a exemplo, fazendo parte de Movimentos e Coletivas a fim de se fortalecerem.

PARA PENSAR:

- - Não é porque você faz parte de um Movimento ou Coletiva Antirracista, que lá não haja racismo e machismo!
- - Se tua companheira é branca, pode sim haver racismo e isto deve ser conversado e desconstruído na relação!



OS DESAFIOS DA SEXUALIDADE



A LGBTfobia é o termo utilizado para compreender as violências cometidas contra a população LGBTQIAP+ e se apresenta como uma série de atitudes ou sentimentos negativos em relação às pessoas homossexuais, motivadas pela orientação sexual e/ou sua Identidade de gênero.

Os desafios, violências e opressões sofridas por mulheres lésbicas é também uma construção histórica, onde o machismo e o patriarcado acreditam que tenham poder sobre o corpo da mulher, e quando estas mulheres se relacionam afetiva e sexualmente com outras mulheres, a sociedade, que acredita ter direito e controle sobre as mulheres, comete violências contra elas, por não aceitar sua orientação sexual.

OCUPE TODOS OS LUGARES! RESISTA! EXISTA!

Esse contexto social da mulher negra e lésbica, junto com diversos outros fatores que foram estabelecidos sobre suas realidades, refletem os desafios enfrentado por elas na sociedade como um todo, não havendo **representativa** em vários setores, desde as artes como no campo profissional e familiar, deixando-as impotentes e fazendo com que tenham medo de expor sua sexualidade por não serem aceitas e tampouco respeitadas e para não sofrerem mais preconceitos.

O estereótipo criado no imaginário social, faz com que se crie uma opressão em cima das mulheres lésbicas, onde são vistas muito masculinizadas e assim, sofrendo violência de gênero, onde não são vistas como mulheres e nem respeitadas em espaços públicos.



COMO ENFRENTAR ESTAS VIOLÊNCIAS E OPRESSÕES?

O combate à estas violências, opressões e desafios se dá a partir do momento em que estas mulheres começam a articular ações, de modo conjunto, unindo-se com seus pares, suas iguais para ganhar força.

Tais ações são de fortalecimento de suas próprias identidades, bem como passar e repassar informações para as demais mulheres negras e lésbicas para que sintam-se acolhidas, compreendam que não estão e/ou são sós. Para criar grupos de estudos para fortalecerem-se intelectualmente acerca de suas potencialidades, para que o medo do opressor seja diminuído, ofuscado e enfim, diluído.

Criar, fazer parte e desenvolver grupos, Coletivas e Movimentos sociais, faz com que unam-se com demais mulheres negras e lésbicas, iguais, para fortalecer uma rede de afeto e apoio, onde consigam ser vistas, ouvidas e atingir seus lugares de pertencimento, o protagonismo social e seus lócus de enunciação.

Outro ponto importante e fundamental para combater tais violências, opressões e preconceitos que são o machismo, racismo e homofobia, é realizar denúncias. Estas denúncias podem ser através de canais de comunicação via telefone, aplicativos e sites na internet, e também em delegacias de polícia.

A IMPORTÂNCIA DA DENÚNCIA

Muitas vezes, as mulheres negras e lésbicas vítimas de alguma violência se deparam na quase totalidade dos casos com uma série de dúvidas e receios que acabam desmotivando a uma tomada de decisão.

Seja por não acreditar no sistema de justiça, por medo ou falta de informação. Essas mulheres muitas vezes, não tem acesso à informação ou não se sentem seguras para procurar uma delegacia para efetivar denúncias, até por inúmeros relatos de discriminação de vítimas LGBTQIAP+ e negras pela própria polícia, porém, é obrigação do Estado combater e proteger as vítimas destas violências ou violações de direitos humanos.

Em termos de políticas públicas, precisamos de dados para mostrar a situação da violência contra a nossa população. No entanto, tais instituições, como governos e delegacia de polícia enfrentam diversos processos de deslegitimação do seu trabalho. Mas não devemos desistir e nem recuar, denunciar ainda é a melhor forma de se fazer justiça e garantir seus direitos.

Para amparar mulheres negras e lésbicas, a decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) a LGBTIfobia foi reconhecida como crime de racismo, de sorte que (por exemplo) os crimes de praticar, induzir ou incitar o preconceito ou a discriminação por raça, do art. 20 da Lei 7.716/89 (Lei Antirracismo) e quaisquer outros crimes raciais abarcam a discriminação por orientação sexual e por identidade de gênero da população LGBTQIAP+ e não de pessoas heterossexuais e cisgêneras, visto que não existe “racismo reverso”, como excelente decisão judicial recente bem reconheceu, fazendo referência expressa à citada decisão do STF.

Para uma denúncia, precisa-se seguir alguns passos para facilitar:

- Registrar Boletim de Ocorrência na Delegacia de Polícia ou através do seu site (<https://delegaciavirtual.sc.gov.br/>)
- Identificar possíveis testemunhas
- Levar provas que conseguir para instruir a notícia-crime
- Buscar instrução jurídica

Buscar ajuda e apoio em outros lugares além da Delegacia ajuda a fortalecer sua autonomia e buscar apoio com pessoas que compreendem e que não vão julgar,

como demais mulheres lésbicas negras. Por isso a importância de criar e fazer parte de Movimentos Sociais e Coletivas.

SEMPRE DENUNCIE!

NÃO RECUE!

NÃO DESISTA!

Entre em contato!

Fones: Xxxxxxxxxx

Email: xxxxxxxx@xxxxxxxx

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa, teve como objetivo geral compreender os desafios de raça, gênero e sexualidade que mulheres feministas negras e lésbicas enfrentam na sociedade, utilizando a mediação da informação como forma de subsidiar no combate às violências e exclusões enfrentadas cotidianamente. Pudemos perceber que este objetivo geral foi alcançado, pois pudemos analisar e refletir o referencial teórico, bem como as entrevistas para compreender.

Deste modo, cada um dos objetivos específicos também foram alcançados, pois através da literatura conseguimos identificar a relevância da mediação da informação nas áreas da Ciência da Informação e Biblioteconomia, que era o objetivo “a”.

Para atingir o objetivo geral, bem como os objetivos específicos “b e c”, foram coletados discursos, a partir de mulheres negras e lésbicas pertencentes à Coletiva Visibilidade Lésbica Floripa – Mudiá, onde foram realizadas entrevistas individuais com perguntas abertas.

O intuito foi de que estas mulheres negras e lésbicas expressassem a representação social da Coletiva, acerca dos desafios que elas enfrentam, através de falas, que ao utilizar a metodologia DSC – Discurso do Sujeito Coletivo, pudemos transcrever em uma só voz seus discursos, para analisarmos e desenvolvermos o produto. A transcrição das entrevistas está apresentada no Apêndice G e a análise destes discursos na sessão 6.

Como resultado desta pesquisa, foi desenvolvida uma cartilha para o fortalecimento da autonomia das mulheres negras e lésbicas, que era o objetivo “d”, que colabore no combate às violências e exclusões, mediando tais informações. Esta cartilha está apresentada na sessão anterior e optei por escrevê-la de forma direta e objetiva, para que todos os públicos a compreendesse e para ser algo de fácil acesso.

Dito isto, acredito que os objetivos propostos no início da pesquisa, todos foram alcançados com sucesso. No percurso, alguns desafios foram encontrados, como a falta de literatura e pesquisas sobre lesbianidade e também me deparei com uma grande dificuldade de encontrar lésbicas negras.

A maioria das mulheres lésbicas que fazem parte da Mudiá são brancas, por isso esta dificuldade, pois a maioria das mulheres em evidência nos espaços não são as negras, este foi motivo de discussão e reflexão durante as entrevistas.

A falta de representatividade, a falta de empatia, a falta de reconhecimento profissional e pessoal, faz com que muitas negras lésbicas recuem, vivam escondendo sua sexualidade por medo de mais preconceitos, e por não serem vistas na sociedade como indivíduos válidas.

O racismo é a violência que mais atravessa os nossos corpos, mulheres negras e lésbicas. Nas entrevistas percebi de forma direta e indiretamente que o maior desafio que todas nós enfrentamos, é o de raça. Pelo racismo ser uma construção histórica da sociedade, é muito mais difícil de quebrar, principalmente quando dentro dos próprios movimentos e coletivos que pregam a luta antirracista, existe um racismo estrutural velado.

Considerando que o feminismo negro surgiu justamente pela desigualdade em relação aos grupos étnico-raciais presentes. Assim, é cada vez mais evidente esta segregação, sendo que por serem negras, as opressões vêm com peso maior do que por serem mulheres e lésbicas, sendo a última uma característica que pode ser omitida.

Desse modo, quero deixar aqui, algumas sugestões de futuras pesquisas e aprofundamentos na área da Biblioteconomia e Ciência da Informação, que são áreas multidisciplinares com tantos assuntos a serem desenvolvidos ainda, penso que a mediação da informação é uma porta para explorarmos a Biblioteconomia Social, trabalhando e levando acesso à informação para todos os grupos sociais.

Trabalhar com as representações sociais me trouxe muitas reflexões, dentre elas de como os grupos em situação de vulnerabilidade social precisam de representatividade e ocupar espaços. Os desafios que nós mulheres negras enfrentamos são inúmeros e nós temos ciência disso, porém, trabalhar sobre, ouvir nas entrevistas sobre nos traz reflexões de como devemos nos unir e perceber que não estamos sós.

Aprofundamentos nas pesquisas acerca da interseccionalidade, feminismo negro e sexualidade, especificamente lesbianidade é urgente. Pois ler, ouvir e ver, uso aqui uma expressão comum dentro deste grupo de “manas pretas sapatão”, nos empodera e fortalece para que continuemos existindo, reexistindo e ocupando espaços acadêmicos para disseminar a informação e mostrar que estas mulheres estão em todos os lugares, bem como trazer a representação social delas através de seu protagonismo para que ocupem todos os espaços.

O produto final, a cartilha, foi pensada como instrumento que mulheres pretas em todos os lugares possam acessar, tanto em espaços educativos, como usá-la em formações, tanto em áreas da saúde, como também circular em redes sociais e dentro de ONG's, Movimentos Sociais e Coletivas.

Finalizo esta sessão, com base na análise dos resultados, com a certeza de ter respondido a pergunta da pesquisa, onde identifiquei quais os desafios de raça, gênero e sexualidade que mulheres feministas negras enfrentam na sociedade e que através da mediação as informações podem ser combatidas tais violências e exclusões, e sugerindo mais pesquisas e aprofundamentos sobre a temática, gênero, raça, interseccionalidade e feminismo negro para que assim, cumpramos o papel social da Biblioteconomia e Ciência da Informação.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, C. **O que é interseccionalidade?** São Paulo: Ed. Letramento, 2018.

ALMEIDA, A. M. O; SANTOS, M. F. S.; TRINDADE, Z. A. **Teoria das representações sociais: 50 anos.** Brasília: Technopolitik Editora, 2014.

ALMEIDA JUNIOR, O. F. Mediação da informação e múltiplas linguagens. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, Brasília, v.2, n.1, p. 89 - 103, jan./dez. 2009. Disponível em: <https://revistas.ancib.org/index.php/tpbci/article/view/170/170>. Acesso em: 28 nov. 2021.

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Mediação da informação: um conceito atualizado. *In*: BORTOLIN, S.; SANTOS NETO, J. A.; SIVAL, R. J. (org.). **Mediação oral da informação e da leitura**. Londrina: Abecin, 2015. p. 9-32. Disponível em: https://ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=939. Acesso em: 26 ago. 2022.

ANDRADE, M. P. Lélia Gonzalez e o papel da educação para o feminismo negro brasileiro. **Revista interterritórios periódicos UFPE**, Caruaru, v. 4, n. 6, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/interritorios/article/view/236738>. Acesso em: 31 ago. 2022.

ARAYA UMAÑA, S. Las representaciones sociales: ejes teóricos para su discusión. **Cuadernos de Ciencias Sociales**, San José, n. 127, out. 2002. Disponível em: <http://unpan1.un.org/intradoc/groups/public/documentos/ICAP/UNPA>. Acesso em: 16 maio 2022.

ARENDT, H. **A condição humana**. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Editora, 2007.

ARRUDA, A. Teoria das representações sociais e teorias de gênero. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 117, p. 127-147, nov. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/T4NRbmqpmw7ky3sWhc7NYVb/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 16 maio 2022.

ASSIS, D. N. C. **Interseccionalidades**. Salvador: Superintendência de Educação a Distância da UFBA, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/30892>. Acesso em: 31 ago. 2022.

BACELAR, B. M. F. *et al.* **Metodologia para elaboração de cartilhas em projetos de educação ambiental em micro e pequenas empresas**. 2009. Disponível em: <http://www.eventosufrpe.com.br/jepex2009/cd/resumos/r0514-1.pdf>. Acesso em: 24 jan. 2022.

BARBOSA, K. M. da S. **Feminismo e emancipação feminina: um estudo sobre a concepção da emancipação da mulher negra na Bamidelê** – Organização de Mulheres Negras da Paraíba. 2016. 112 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Centro de ciências sociais e letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016. Disponível em: repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/9758/2/arquivototal.pdf. Acesso em: 01 set. 2022.

BARRETO, Aldo. A informação em seus momentos de passagem. **DataGramZero**: revista de Ciência da Informação, [Rio de Janeiro], v. 2, n. 4, ago. 2001. Disponível em: <https://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/161/1/Barreto%204.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2023.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. 248 p.

BOURDIEU, P. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BRAGA, K. S. Aspectos relevantes para a seleção de metodologia adequada à pesquisa social em Ciência da Informação. *In*: MULLER, S. P. M. (Org.). **Métodos para a pesquisa em Ciência da Informação**. Brasília: Thesaurus, 2007. p. 17-38.

BRASIL. **Resolução CFB nº 207/2018**. Aprova o Código de Ética e Deontologia do Bibliotecário brasileiro, que fixa as normas orientadoras de conduta no exercício de suas atividades profissionais. Brasília: CFB, 2018. Disponível em: <http://repositorio.cfb.org.br/handle/123456789/1330>. Acesso em: 16 set. 2022.

BRITO, T. R.; BELLUZZO, R. C. B.; ALMEIDA JUNIOR, O. F. A mediação da informação no resgate da visibilidade e dignidade dos vulneráveis: o caso das pessoas em situação de rua. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 27, n. 2, p. 323-345, abr./jun. 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.19132/1808-5245272.323-345>. Acesso em: 26 ago. 2022.

CARDOSO, C. P. **Outras falas**: feminismos na perspectiva de mulheres negras brasileiras. 2012. 383 f. Tese (Doutorado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/7297/1/Outrasfalas.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2022.

CARDOSO, L. **O branco ante a rebeldia do desejo**: um estudo sobre a branquitude no Brasil. 2014. 290 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, SP, 2014. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/115710/000809900.pdf?sequenc e=1&isAllowed=y>. Acesso em: 20 abr. 2022.

CARDOSO, S. **Enegrecer o feminismo**: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. 2020. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/375003/mod_resource/content/0/Carneiro_Feminismo%20negro.pdf. Acesso em: 22 de set. de 2023.

CRENSHAW, K. Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. **University of Chicago Legal Forum**, v. 1989, n. 1, p. 139-167, 1989. Disponível em: <https://chicagounbound.uchicago.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1052&context=uclf>. Acesso em: 31 ago. 2022.

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 01, p. 171-188, jan. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 01 set. 2022.

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016. 244 p.

DICIO. Dicionário Online de Português. 2022. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/cisgenero/>. Acesso em: 31 ago. 2022.

ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

FARIAS, M. G. G. Mediação da informação como prática social: os alicerces teóricos de uma pesquisa. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, João Pessoa, v. 10, n. 2, p. 331-345, 2015. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/28123>. Acesso em: 26 ago. 2022.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 200 p.

GOMES, H. F. Mediação da informação e protagonismo social: relações com a vida ativa e ação comunicativa à luz de Hannah Arendt e Jürgen Habermas. *In*: GOMES, H. F.; NOVO, H. F. (org.). **Informação e protagonismo social**. Salvador: UFBA, 2017. p. 27-44. Disponível em: <http://revista.ibict.br/fiinf/article/view/4644/4048>. Acesso em: 25 nov. 2021.

GOMES, H. F. Protagonismo social e mediação da informação. **Logeion: Filosofia da Informação**, Rio de Janeiro, RJ, v. 5, n. 2, p. 10–21, 2019. Disponível em: <http://revista.ibict.br/fiinf/article/view/4644>. Acesso em: 29 nov. 2021.

GOMES, H. F. Mediação da informação e suas dimensões dialógica, estética, formativa, ética e política: um fundamento da Ciência da Informação em favos do protagonismo social. **Informação & Sociedade**, João Pessoa, v. 30, n. 4, p. 1-23, out./dez. 2020. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/153133>. Acesso em: 26 ago. 2022.

GOMES, N. L. Movimento negro e educação: ressignificando e politizando a raça. **Educação & Sociedade**, Campinas, SP, v. 33, n. 120, p. 727-744, jul./set. 2012. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/es/a/wQQ8dbKRR3MNZDJKp5cfZ4M/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 31 ago. 2022.

GONZALEZ, L. Mulher negra. *In.*: NASCIMENTO, E. L. (org.). **Guerreiras de natureza**: mulher negra, religiosidade e ambiente. São Paulo: Selo Negro, 2008. p. 29–47.

GONZALEZ, L. A categoria político-cultural de amefricanidade. **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, jan./jun. 1988. Disponível em: <https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/a-categoria-polc3adtico-cultural-de-amefricanidade-lesia-gonzales1.pdf> Acesso: 31 ago. 2022.

GUERREIRO RAMOS, A. **Introdução Crítica à Sociologia Brasileira**. Rio de Janeiro: Andes, 1957.

HIRANO, C. Y. M. Ângela Davis e Lélia Gonzalez: conheça duas teóricas do feminismo negro nos EUA e no Brasil!. **Politize!**. 2021. Disponível em: <https://www.politize.com.br/angela-davis-e-lesia-gonzalez/>. Acesso em. 31 ago. 2022.

HOOKS, B. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

JODELET, D. Os processos psicossociais da exclusão. *In.*: SAWAIA, B. (org.). **As artimanhas da exclusão**: análise psicossocial e ética da desigualdade social. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 53-66.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos da metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LITERAFRO. **Lélia Gonzalez**. 2022. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/ensaistas/1204-lesia-gonzalez>. Acesso em: 31 ago. 2022.

LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A. M. C. **O discurso do sujeito coletivo**: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (desdobramentos). 2. ed. Caxias do Sul: EducS, 2005. (Coleção Diálogos).

LORDE, A. **Age, race, class and sex**: women rede ning di essence. Califórnia, EU: Sister Outsider Crossing Press, 1984. Disponível em: https://www.colorado.edu/odece/sites/default/files/attached-files/rba09-sb4converted_8.pdf. Acesso em: 01 set. 2022.

MACKLIN, R. Bioética, vulnerabilidade e proteção. *In.*: GARRAFA, V.; PESSINI, L. (org.). **Bioética**: poder e injustiça. São Paulo: Loyola, 2004. p. 59-70.

MARKOVÁ, I. **Dialogicidade e representações sociais**: as dinâmicas da mente. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

MARKOVÁ, I. A fabricação da teoria das representações sociais. **Caderno de pesquisa**, São Paulo, SP, v. 47, n. 163, p. 358–376, jan./mar., 2017. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/cp/a/3VdRjVMytzZqPRjWPkPNKTG/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 16 maio 2022.

MELO, D. A.; ALVES, E. C.; BRASILEIRO, F. S. Práticas Informacionais das mulheres negras: construindo Competência Crítica em Informação. **Folha de Rosto em Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Juazeiro do Norte, CE, v. 5, n. esp. p. 5-23, 2019. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/146576>. Acesso em 31 ago. 2022.

MERCIER, D. Lélia Gonzalez, onipresente. **El País**. São Paulo, SP, 25 out. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/cultura/2020-10-25/lelia-gonzalez-onipresente.html>. Acesso em: 31 ago. 2022.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

MOSCOVICI, S. **La Psychanalyse, son image, son public**. Paris: PUF, 1961.

MUNANGA, K. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: SEMINÁRIO NACIONAL RELAÇÕES RACIAIS E EDUCAÇÃO-PENESB-RJ, 3., 2003. Rio de Janeiro. **Palestra [...]**, Rio de Janeiro: UFF, 2003. Disponível em: <https://goo.gl/7U1TEG>. Acesso em: 06 set. 2022.

NASCIMENTO, G. Entre o lócus de enunciação e o lugar de fala: marcar o não-marcado e trazer o corpo de volta na linguagem. Dossiê. **Trab. Ling. Aplic.**, Campinas, n(60.1): 58-68, jan./abr. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/r7rQrXcSvgQFTx3WNft4Rff/>. Acesso em: 15 fev. 2023.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Década Internacional de Afrodescendentes: 2015 – 2024**. 2023. Disponível em: <https://decada-afro-onu.org/>. Acesso em: 15 fev. 2023.

PEREIRA, G. R. **O retrato da mulher preta em estudos da ciência da informação no Brasil**. 2021. 94 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, 2021.

SECRETARIA DA MULHER DE PERNAMBUCO. **Mulheres construindo igualdade: caderno étnicorracial**. Recife: Secretaria da Mulher, 2011.

PERROTTI, E. Sobre informação e protagonismo cultural. In: GOMES, H. F.; NOVO, H. F. (org.). **Informação e protagonismo social**. Salvador: EDUFBA, 2017. p. 11 – 26.

PISCITELLI, A. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 11, n. 2, p. 263-274, 2008.

Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fchf/article/view/5247/0>. Acesso em: 13 maio 2022.

POLLAK, M. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, 1989, 2(3), 3-15, Rio de Janeiro. Disponível em: https://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf. Acesso em: 29 mar. 2023.

PRADANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

QUADROS, A. L. L. **A mediação da informação: os mediadores humanos e seus agentes de software inteligentes**. 2001. 114 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 2001.

REIS, V. J. S.; SANTOS, J. C. S. D. O feminismo negro no contexto da representação do conhecimento: abordagens da representatividade social. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 20., 2019, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: ENANCIB, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/123312>. Acesso em: 01 set. 2022.

ROMEIRO, N. L.; SANTOS, B. A. D. Bibliografia lilás: lesboteca e a construção de um catálogo bibliográfico para visibilidade lésbica. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 25, n. esp., p. 1-22, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/73458/44748>. Acesso em: 01 set. 2022.

SARDENBEG, C. Caleidoscópio de gênero: gênero e interseccionalidades na dinâmica das reações sociais. **Mediações Revista de Ciências Sociais**, Londrina, v. 20, n. 2, p. 56-96, 2015. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/24125>. Acesso em: 30 mar. 2022.

SANTOS, J. R. O negro como lugar. In: MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo V. (Org). **Raça, ciência e sociedade**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/CCBB, 1996. p. 219-223. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/djnty/pdf/maio-9788575415177.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2023.

SANTOS, R. **Discriminação inexistente: racismo reverso é equivoco interpretativo, define juiz ao absolver homem negro**. [s.l.], 29 jan. 2020. Disponível em <https://www.conjur.com.br/2020-jan-29/racismo-reverso-equivoco-interpretativo-define-juiz-goias>. Acesso em: 11 de jul. de 2023.

SANTOS, R. R.; DUARTE, E. M.; LIMA, I. F. O papel do bibliotecário como mediador da informação no processo de inclusão social e digital. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 36-53, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/viewFile/279/289>. Acesso em: 26 ago. 2022.

SILVA, A. C. P. O. **É preciso estar atento**: a ética no pensamento expresso dos líderes de bibliotecas comunitárias. 2011. 386 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

SILVA, F. C. G. da. **Representações sociais acerca das culturas africana e afro-brasileira na educação em Biblioteconomia no Brasil**. 2019. 521 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Escola de Comunicação, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: https://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/1047/1/GARCES_Franciele_Versao%20%20%20Final_novembro_2019.pdf. Acesso em: 07 set. 2022.

SOUZA, F. das C. de. **Ética e deontologia**: textos para profissionais atuantes em bibliotecas. Florianópolis: Ed UFSC, 2002.

VALE, Luana. **LesB saúde**: como o efeito das (des) feminilidade nos atinge. 2022. Disponível em: <https://lesbout.com.br/lesb-saude-como-o-efeito-da-desfeminilidade-nos-atinge/>. Acesso em: 23 ago. 2023.

WESCHENFELDER, V. I.; FABRIS, E. T. H. Tornar-se mulher negra: escrita de si em um espaço interseccional. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 27, n. 3, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2019v27n354025>. Acesso em: 01 set. 2022.

APÊNDICES

APENDICE A - QUESTIONÁRIO DE CARACTERIZAÇÃO

DADOS PESSOAIS

Idade: _____.

Estado Civil: _____.

AUTODECLARAÇÃO

Você se identifica como lésbica, homossexual, mulher gay, entendida, sapatão ou outra nomeação que se refere a mulheres que se relacionam afetiva e/ou sexualmente com outras mulheres? () Sim () Não.

Qual a cor que você se identifica?

Preta () Branca () Amarela () Indígena ()

IDENTIDADE DE GÊNERO

Cisgênero () Sim () Não

Pessoa Trans () Sim () Não

Não-binário () Sim () Não

Outro: _____.

ATUAÇÃO PROFISSIONAL:

_____.

NÍVEL DE ESCOLARIDADE

Primeiro grau () Sim () Não. Concluído () Sim () Não Qual:

_____.

Segundo grau () Sim () Não. Concluído () Sim () Não Qual:

_____.

Curso de Graduação () Sim () Não. Concluído () Sim () Não Qual:

_____.

Especialização () Sim () Não. Concluída () Sim () Não Qual:

_____.

Mestrado () Sim () Não. Concluído () Sim () Não Qual:

_____.

Doutorado () Sim () Não. Concluído () Sim () Não Qual:

_____.

PAPEL DENTRO DA COLETIVA VISIBILIDADE LÉSBICA MUDIÁ:

Participante () Organizadora () Outro ()

_____.

APENDICE B - ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

Questão 01 - Quais os preconceitos você, enquanto mulher negra, vivencia na sociedade?

Questão 02 - Quais os preconceitos você, enquanto mulher lésbica, vivencia na sociedade?

Questão 03 - Quais os preconceitos você, enquanto mulher negra e lésbica, vivencia na sociedade?

Questão 04 - Quais os desafios você enfrenta enquanto mulher negra e lésbica na sociedade?

Questão 05 - Você pensa ser interessante existir uma cartilha que aborde os combates aos preconceitos que as mulheres negras lésbicas enfrentam na sociedade? Em caso afirmativo, explique o porquê.

Questão 06 - Você gostaria de falar algo mais? Fique à vontade.

APÊNDICE C – ESTATUTO DA COLETIVA VISIBILIDADE LÉSBICA FLORIPA – MUDIÁ

Estatuto Social da Coletiva Visibilidade Lésbica Floripa – MUDIÁ.

CAPÍTULO I Da Denominação e Sede

Artigo 1º - A Coletiva Visibilidade Lésbica Floripa – MUDIÁ é uma organização civil, de direito privado, sem fins lucrativos e econômicos, de duração ilimitada e ilimitado número de membras, sem vinculação político partidária, não empregadora, fundada em 9 de novembro de 2019, com sede e foro no município de Florianópolis, Estado Santa Catarina, Brasil.

Mudiá traduz do idioma Yorubá a intenção de “estarmos entre nós” em redes de afetos ecuidados.

CAPÍTULO II Finalidade

Artigo 2º – A Mudiá é uma coletiva de lésbicas, cujos princípios estão alinhados as às lutas feministas, anti-sexistas, antipatriarcais, anti LGBTFóbicas, antirracistas, anticapacitistas, antifascistas e anticapitalistas por conta disso sua missão é promover ações de cunho feminista, antirracista, anticapacitista, antipatriarcal, antifascista e anticapitalista de âmbito regional, constituída por Lésbicas.

Artigo 3º – A Coletiva Visibilidade Lésbica Floripa – MUDIÁ não distribui entre suas membras, conselheiras, coordenadoras, ou doadoras eventuais excedentes operacionais, brutos ou líquidos, dividendos, bonificações, participações ou parcelas do seu patrimônio, auferidos mediante o exercício de suas atividades, e os aplica integralmente na consecução do seu objetivo social.

Artigo 4º - A Coletiva Visibilidade Lésbica Floripa – MUDIÁ tem por finalidade e objetivos:

Objetivo Geral:

Pesquisa, Produção, Organização, Disseminação, Articulação e busca de soluções das demandas das lésbicas da Grande Florianópolis/SC e onde houver.

Objetivos Específicos:

- Defender a democracia, a liberdade e o Estado democrático de direito, com plenainclusão da diversidade sexual e da equidade de direitos.
- Contribuir para a garantia dos direitos humanos e o exercício pleno da cidadania de lésbicas.
- Atuar sem discriminação de identidade e expressão de gênero, sexo, orientação sexual, étnico-racial, deficiência, geracional, de escolaridade e religiosidade.
- Procurar garantir a laicidade do Estado e do direito de crença e de não crença paratodas as pessoas, sem qualquer forma de discriminação ou perseguição;
- Estimular o mapeamento, organização e produção de pesquisas científicas, nas diferentes áreas do saber, que produzam dados e conhecimentos sobre as demandas de lésbicas e que proporcionem impacto social.
- Contribuir para a elaboração, fortalecimento, implantação e implementação de políticas públicas, controle social e ações específicas públicas para a população lésbica. Segurança Pública; Empregabilidade; Educação; Saúde; Cultura; entre outros.
- Contribuir com o processo de formação e o intercâmbio de saberes entre lésbicas.
- Dar visibilidade pública e política de modo a evidenciar as experiências de lésbicas.
- Denunciar todas e quaisquer formas de violência e opressão.
- Disseminar, organizar, criar, participar e referenciar produções técnicas, científicas e culturais que abordam perspectivas históricas e de luta de lésbicas.
- Contribuir para a formação das Lésbicas.

Artigo 5º - No desenvolvimento de suas atividades, a Coletiva Visibilidade Lésbica Floripa – MUDIÁ observará os princípios da legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade, economicidade e da eficiência.

Parágrafo Primeiro - Para cumprir seu propósito a Coletiva Visibilidade Lésbica Floripa – MUDIÁ atuará por meio da execução direta ou indireta de projetos, programas ou planos de ações; doação de recursos físicos, humanos e financeiros, ou apoio a outras organizações sem fins lucrativos, instituições da iniciativa privada e órgãos do setor

público.

Parágrafo Segundo - A Coletiva Visibilidade Lésbica Floripa – MUDIÁ participa das atividades permanentes sem qualquer discriminação das beneficiadas.

Artigo 6º - A Coletiva adota Carta de Princípios, aprovada pela Coordenação, com a finalidade de regular e detalhar as disposições contidas neste Estatuto.

Artigo 7º - A fim de cumprir suas finalidades, a Coletiva Visibilidade Lésbica Floripa –MUDIÁ poderá se organizar em tantas unidades quantas forem necessárias, em qualquer parte do território nacional ou em outros países, para realizar a sua missão e objetivos.

CAPÍTULO III Das Membras, Seus Direitos e Deveres

SEÇÃO I Das membras

Artigo 8º – A Coletiva Visibilidade Lésbica Floripa – MUDIÁ é constituída por número ilimitado de Membras, que compartilham os objetivos e princípios da Coletiva e são distribuídas nas seguintes categorias:

- a) Membras fundadoras: aquelas que participaram da Assembleia de fundação da coletiva, assinando a respectiva ata e comprometendo-se com as suas finalidades;
- b) Membras efetivas: as que forem incorporadas, a partir da moção subscrita por umasócia fundadora ou três sócias efetivas;
- c) Membras colaboradoras: pessoas físicas ou jurídicas que, identificadas com os objetivos da coletiva, solicitem seu ingresso e tenham seu pedido aprovado pela Coordenação;
- d) Membras Honorárias: todas aquelas que tenham prestado relevantes serviços à instituição, mediante proposta subscrita por uma sócia fundadora ou três sócias efetivas, com apreciação da Coordenação e mediante aprovação das demais membras.

Parágrafo único – As membras, independentemente da categoria, não respondem subsidiária, nem solidariamente pelas obrigações da Coletiva, podendo falar em seu nome, desde que obedecendo a Missão da Coletiva.

SUB-SEÇÃO I Dos Direitos

Artigo 9º – São direitos de todas as membras:

- a) participar e tomar parte, com direito a voz, da Assembleia Geral.
- b) participar das reuniões da Coordenação colegiada com direito a voz;
- c) ter acesso às informações sobre a entidade.

Parágrafo único – São direitos privativos das membras fundadoras e efetivas a candidatura aos cargos da Coordenação previstos neste estatuto.

Artigo 10º - São direitos específicos das membras fundadoras ou efetivas:

- a) requerer, junto a Coordenação colegiada, a convocação extraordinária da Assembleia Geral;
- b) propor à Coordenação colegiada a admissão ou desligamento de membras;
- c) candidatura aos cargos previstos neste estatuto;
- d) direito de voto nas Assembleias Gerais.

Artigo 11º – São direitos das membras colaboradoras e honorárias:

- a) candidatura ao cargo de conselheira fiscal.
- b) direito a voto na assembleia geral, exclusivamente no que se refere o artigo 16, inciso III deste estatuto.

SUB-SEÇÃO II Dos Deveres

Artigo 12º – São deveres de todas as membras:

- I. cumprir as disposições estatutárias e regimentais;
- II. acatar as decisões da Assembleia Geral;
- III. zelar pelo bom nome e pelo cumprimento dos objetivos da Coletiva Visibilidade Lésbica Floripa – MUDIÁ;
- IV. Participar de atividades de acordo com sua categoria de membra e conforme suas possibilidades.

Artigo 13º – Poderá ser excluída da Coletiva, havendo justa causa, a membra que descumprir o presente estatuto ou praticar qualquer ato contrário ao mesmo.

Parágrafo Primeiro - A decisão de exclusão de membra será tomada pela maioria simples das membras da Coordenação colegiada;

Parágrafo Segundo - Da decisão da coordenação de exclusão da membra caberá sempre recurso à Assembleia Geral, que deverá ser interposto no prazo de 30 dias;

Parágrafo Terceiro - todo o processo administrativo ou disciplinar garantirá o exercício pleno do contraditório e da ampla defesa.

CAPÍTULO IV Dos Órgãos da Coletiva

Artigo 14º - A Coletiva é composta por:

- a) Assembleia Geral;
- b) Coordenação Colegiada;
- c) Conselho Fiscal;

d) Conselho Consultivo. SEÇÃO

I Da Assembleia Geral

Artigo 15º - A Assembleia Geral é soberana na coletiva, e se constituirá pelas membras fundadoras e efetivas em pleno gozo de seus direitos estatutários.

Artigo 16º – Compete privativamente à Assembleia Geral:

I.eleger as membras Coordenação Colegiada e do Conselho Fiscal;

II.destituir as membras do Coordenação Colegiada e do Conselho Fiscal;

III.aprovar as contas da coletiva se houver;

IV.alterar o presente Estatuto Social; e

V.deliberar sobre a extinção da coletiva.

Artigo 17º - A Assembleia Geral se reunirá ordinariamente uma vez por ano, no primeiro trimestre, e extraordinariamente sempre que necessário.

Artigo 18º - A convocação da Assembleia Geral será feita por meio de edital publicado nas redes sociais da coletiva, ou por qualquer outro meio eficiente, com antecedência mínima de 10 dias.

Parágrafo Primeiro - Na hipótese de deliberação a respeito da extinção da entidade ou mudança nos seus objetivos estabelecidos no art. 2º, as membras fundadoras deverão ser obrigatoriamente convocadas, através de carta registrada ou edital publicado em jornal de grande circulação, sob pena de nulidade.

Parágrafo Segundo - A Assembleia Geral se instalará em primeira convocação com a maioria absoluta das membras presentes e, em segunda convocação, meia hora depois, seja qual for o número de membras presentes.

Artigo 19º – Todas as deliberações da Assembleia Geral deverão ser aprovadas pela maioria simples dos votos das membras presentes.

Parágrafo único – Para as deliberações referentes a: alterações estatutárias, destituição de membras da Coordenação Colegiada, dissolução da coletiva e mudanças nos objetivos sociais exige-se o voto de dois terços do total de membras fundadoras e efetivas, à Assembleia especialmente convocada para esse fim, não podendo a assembleia deliberar, em primeira convocação, sem a presença da maioria absoluta das membras plenos, ou com menos de dois terços nas convocações seguintes.

Artigo 20º – As Assembleias Gerais serão convocadas pela coordenadora da Coordenação Colegiada, sendo garantido a um quinto das membras o direito de promovê-la.

SEÇÃO II Da Coordenação Colegiada

Artigo 21º – a Coordenação Colegiada será composta dos seguintes cargos:

I.Coordenadora;

II.Secretaria;

III.Comunicadora.

Parágrafo Primeiro: As membras da Coordenação Colegiada terão mandato de cincoanos, admitindo-se a reeleição para o mesmo cargo.

Parágrafo Segundo: As decisões da Coordenação Colegiada serão tomadas preferencialmente por consenso e caso haja algum impasse, por maioria simples devotos, será garantido ao presidente o voto de desempate.

Artigo 22º – A Coordenação Colegiada tem por função e competência elaborar o planejamento estratégico da Coletiva Visibilidade Lésbica Floripa – Mudiá, estabelecer metas, prioridades, diretrizes técnicas e administrativas, bem como deliberar sobre novos projetos e áreas de atuação e acompanhar o desempenho dos projetos em andamento.

Artigo 23º – A Coordenação Colegiada se reunirá sempre que necessário, mediante convocação de sua coordenadora, ou por convocação subscrita por um quinto dos suasmembras.

Artigo 24º – Compete A Coordenação Colegiada:

- a) acompanhar a relação da Coletiva Visibilidade Lésbica Floripa – Mudiá com o conjunto da Sociedade Civil e dos Poderes Públicos;
- b) coordenar administrativa e financeiramente a Coletiva Visibilidade Lésbica Floripa –Mudiá;
- c) propor à Assembleia Geral a alienação de bens móveis e imóveis da Coletiva Visibilidade Lésbica Floripa – Mudiá bem como a imposição de ônus reais sobre taisbens;
- d) apreciar e deliberar sobre o orçamento e plano de trabalho da entidade elaboradopelos técnicos da a Coletiva Visibilidade Lésbica Floripa – Mudiá;
- e) manter as conselheiras consultivas e fiscais permanentemente informadas sobre oandamento da entidade;

Artigo 25º – Compete a Coordenadora da Coordenação Colegiada:

I. representar a coletiva ativa e passivamente, em juízo ou fora dele, perante todo equalquer organismo público, privado e multilateral, no Brasil e exterior;

II. convocar e presidir as Assembleias Gerais e reuniões da coordenação colegiada;

III. outorgar procuração em nome da coletiva, estabelecendo poderes e prazos de validade;

IV. dar voto de desempate nas decisões da coordenação colegiada. Artigo 26º – Compete a Secretária da coordenação colegiada: I. substituir a coordenadora, em caso de impedimento;

II. redigir as atas das reuniões das Assembleias e reuniões colegiadas;

III. organizar os relatórios e demais materiais técnicos produzidos pela Coletiva;

IV. responsabilizar-se pelos documentos e o cadastro das membras e todos os livros. Artigo 27º - – Compete a Comunicação/comunicadora da coordenação colegiada:

I. elaborar as identidades visuais utilizadas pela Coletiva;

II. gerenciar a divulgação dos conteúdos da coletiva;

III. planejar anualmente os conteúdos visuais da coletiva;

IV. postar informações das Assembleias, reuniões, lives e outros eventos realizados pela coletiva;

V. Postar as convocações e convites para os eventos da coletiva. SEÇÃO III Do Conselho Fiscal

Artigo 29º - O Conselho Fiscal, será constituído por 3 (três) membras efetivas e 2 (duas) suplentes, eleitas em Assembleia Geral por um período de 2 (dois) anos. A ele compete:

I. Examinar e emitir parecer sobre as contas da entidade; II. Encaminhar o parecer à apreciação da Assembleia;

III. Requerer à Coordenação colegiada a convocação de Assembleia Geral Extraordinária sempre que forem constatadas irregularidades financeiras da coletiva.

Parágrafo Primeiro - O Conselho Fiscal reunir-se-á ordinariamente a cada semestre e extraordinariamente quando convocado pela Coordenação Geral.

Parágrafo Segundo - O Conselho Fiscal deliberará por maioria simples. SEÇÃO IV Do Conselho Consultivo

Artigo 30º - O Conselho Consultivo é um órgão de caráter estritamente consultivo,

e tem por função orientar a coordenação colegiada sobre o planejamento e estratégias a serem adotadas e desenvolvidas pela Coletiva .

Artigo 31º - O Conselho Consultivo será composto pelas membras associadas fundadoras, colaboradoras e honorárias. As membras do Conselho Consultivo elegerão uma representante, em Assembleia Geral Ordinária, com mandato de 2 (dois) anos.

Artigo 32º - O Conselho Consultivo elaborará um relatório anual das atividades exercidas pela Coletiva

CAPÍTULO V Das Fontes de Recursos

Artigo 33º – Constituem fontes de recursos da coletiva:

I. as doações e dotações, legados, heranças, subsídios e quaisquer auxílios que lhe forem concedidos por pessoas físicas ou jurídicas, de direito privado ou de direito público, nacionais ou estrangeiras, bem como os rendimentos produzidos por esses bens;

CAPÍTULO VI Do Patrimônio e da Extinção

Artigo 34º - A Coletiva não possui patrimônio.

Artigo 35º - No caso de dissolução da coletiva, Caso a Coletiva tenha algum patrimônio líquido este deverá ser transferido a outra entidade de fins não lucrativos e econômico, com o mesmo objetivo social, qualificada nos termos da Lei 9790/99 e registrada no Conselho Nacional de Assistência Social.

Parágrafo único - A Associação entrará em liquidação nos casos previstos em lei ou por decisão da Assembleia Geral, especialmente convocada para deliberar sobre o assunto, nos termos do parágrafo único do Art. 19 deste Estatuto.

Artigo 36º - Na hipótese da associação obter e, posteriormente, perder a qualificação instituída pela lei 9790/99, o acervo patrimonial disponível, adquirido com recursos públicos durante o período em que perdurou aquela qualificação, será contabilmente apurado e transferido a outra pessoa jurídica qualificada nos termos da mesma Lei, preferencialmente que tenha o mesmo objetivo social e que seja registrada no CNAS.

CAPÍTULO VII Das disposições Gerais e Transitórias

SEÇÃO I Das Disposições Gerais

Artigo 38º – Exercício social coincidirá com o ano civil.

Artigo 39º – A coletiva adotará práticas necessárias e suficientes a coibir a obtenção, de forma individual ou coletiva, de benefícios e vantagens pessoais, em decorrência da participação nos processos decisórios;

Artigo 40º - Os casos omissos serão resolvidos pela Coordenação Colegiada e referendados pela Assembleia Geral.

SEÇÃO IV Das disposições transitórias

Artigo 41º - A dinâmica interna de organização e funcionamento da Coletiva visibilidade Lésbica Floripa - Mudiá é gerida pela carta de diretrizes da mesma.

Artigo 42º – Os casos não previstos neste Estatuto, bem como qualquer dúvida em sua interpretação, serão resolvidos pela Coordenação Colegiada, que submeterá sua resolução à aprovação da Assembleia Geral.

Florianópolis/SC dezembro de 2020

APÊNDICE D – DECLARAÇÃO DE CIÊNCIA E CONCORDÂNCIA ENTRE INSTITUIÇÕES

Com o objetivo de atender às exigências para a obtenção de parecer do Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos, os representantes legais das instituições envolvidas no projeto de pesquisa intitulado “MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO E O PROTAGONISMO SOCIAL PARA MULHERES FEMINISTAS NEGRAS E LÉSBICAS: COMBATE ÀS VIOLÊNCIAS DE RAÇA, GÊNERO E SEXUALIDADE” declaram estarem cientes com seu desenvolvimento nos termos propostos, lembrando aos pesquisadores que no desenvolvimento do referido projeto de pesquisa, serão cumpridos os termos da resolução 466/2012, 510/2016 e 251/1997 do Conselho Nacional de Saúde.

Local, ____ / ____ / ____ .

Ass: Pesquisador Responsável

Ass: Responsável pela Instituição de origem

Nome:
Cargo:
Instituição:
Número de Telefone:

Ass: Responsável de outra instituição

Nome:
Cargo:
Instituição:
Número de Telefone:

APÊNDICE E - CONSENTIMENTO PARA FOTOGRAFIAS, VÍDEOS E GRAVAÇÕES

Permito que sejam realizadas (X) fotografia, (X) filmagem ou (X) gravação de minha pessoa para fins da pesquisa científica intitulada “Mediação da informação e o protagonismo social para mulheres feministas negras e lésbicas: combate às violências de raça, gênero e sexualidade”, e concordo que o material e informações obtidas relacionadas à minha pessoa possam ser publicados eventos científicos ou publicações científicas. Porém, a minha pessoa não deve ser identificada por nome ou rosto em qualquer uma das vias de publicação ou uso.

As (X) fotografias, (X) vídeos e (X) gravações ficarão sob a propriedade do grupo de pesquisadores pertinentes ao estudo e, sob a guarda dos mesmos.

_____, ____ de _____ de _____

Local e Data

Nome do Participante da Pesquisa

Assinatura do responsável ou do Participante

APÊNDICE F – TERMO DE CONCENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O(a) senhor(a) está sendo convidado a participar de uma pesquisa de mestrado intitulada “Mediação da informação e o protagonismo social para mulheres feministas negras e lésbicas: combate às violências de raça, gênero e sexualidade”, que fará entrevista, tendo como objetivo compreender os desafios de raça, gênero e sexualidade que mulheres feministas negras e lésbicas enfrentam na sociedade cuja mediação da informação pode subsidiar no combate às violências e exclusões, identificar a relevância da mediação da informação na área da Ciência da Informação e da Biblioteconomia, coletar discursos de mulheres negras e lésbicas com vistas a expressar a representação social desta coletiva acerca dos desafios que elas enfrentam no combate aos preconceitos de raça, gênero e sexualidade através de entrevistas com as membras da Coletiva Visibilidade Lésbica Floripa – MUDIÁ, identificar os desafios de raça, gênero e sexualidade enfrentados por mulheres feministas negras e lésbicas e desenvolver uma cartilha para fortalecimento da autonomia das mulheres negras e lésbicas, a qual por meio da mediação da informação, colabore no combate às violências e exclusões. Serão previamente marcados a data e horário para perguntas, utilizando um questionário de caracterização e um roteiro de entrevista. Estas medidas serão realizadas no local, data e horário escolhido pela pessoa entrevistada. A pesquisadora irá ao encontro das entrevistadas com carro próprio e as despesas serão pagas por ela mesma. Não é obrigatório responder a todas as perguntas.

A pesquisa tem um risco médio, pois estas entrevistas envolvem perguntas em que as entrevistadas devem falar sobre os preconceitos e desafios que enfrentam em suas vivências enquanto mulher, pessoa negra e lésbica. Para minimizar os riscos, antes da entrevista que possui um roteiro a ser seguido e um questionário de caracterização, será informado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido onde consta que ela pode parar e desistir da pesquisa a qualquer momento e será assinado por cada respondente individualmente, além de que será realizado em local, data e horário escolhido pela respondente, de forma que ela sinta-se confortável.

Todos os dados coletados nas entrevistas, desde o questionário de caracterização, o TCLE e as gravações das entrevistas serão armazenados pela pesquisadora até a defesa da Dissertação. Os documentos assinados e respondidos pelas entrevistadas serão armazenados em pasta física, juntamente com demais documentos da pesquisa, e após a defesa serão picados de forma bem pequena que impossibilite a leitura de dados pessoais e das respostas e descartados. As gravações serão armazenadas no celular da pesquisadora até a defesa da Dissertação e após, serão excluídos.

A devolução dos resultados da pesquisa às participantes será através de uma cartilha desenvolvida como produto final do projeto que visa orientar as mulheres negras e lésbicas como agir quando sofrerem racismo, machismo, homofobia, a medida que esta cartilha trará informações sobre a identificação destes preconceitos e subsidiará o combate dos mesmos, esta cartilha ficará disponível para acesso da Coletiva MUDIÁ, na Biblioteca da UDESC e será de acesso aberto para todas as pessoas que a desejarem acessar.

O(a) Senhor(a) e seu/sua acompanhante não terão despesas e nem serão remunerados pela participação na pesquisa. Todas as despesas decorrentes de sua participação serão ressarcidas. Em caso de danos, decorrente da pesquisa será garantida a indenização.

Os riscos destes procedimentos serão médios por envolver entrevistas com pessoas, a pesquisa possui um questionário e um roteiro de entrevistas a ser seguido, mas envolve perguntas em que a pessoa deve falar sobre os preconceitos e desafios que enfrenta na sua vivência enquanto mulher, negra e lésbica. Para minimizar os riscos, antes da pesquisa será informado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido onde consta que ela pode parar e desistir da pesquisa a qualquer momento, além de que será realizado em local, data e horário escolhido pela respondente, de forma que ela sinta-se confortável.

A sua identidade será preservada pois cada indivíduo será identificado por um número.

Os benefícios e vantagens em participar deste estudo serão de médio prazo pelo fato de ser um mestrado profissional e que tem um produto final que é a elaboração de uma cartilha que visa e auxiliar e informar as mulheres feministas negras e lésbicas a combater os desafios de raça, gênero e sexualidade em seu cotidiano e na comunidade onde está inserida.

As pessoas que estarão acompanhando os procedimentos serão apenas a pesquisadora estudante de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação da Udesc, graduada em Biblioteconomia com Habilitação em Gestão da Informação, Aline Ferreira.

O(a) senhor(a) poderá se retirar do estudo a qualquer momento, sem qualquer tipo de constrangimento.

Solicitamos a sua autorização para o uso de seus dados para a produção de artigos técnicos e científicos. A sua privacidade será mantida através da não-identificação do seu nome.

Este termo de consentimento livre e esclarecido é feito em duas vias, sendo que uma delas ficará em poder do pesquisador e outra com o participante da pesquisa.

NOME DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL PARA CONTATO: Aline Ferreira
NÚMERO DO TELEFONE: (47) 99788-6283

ENDEREÇO: Rua Lima, número 22, Ponta Aguda, Blumenau – SC.

ASSINATURA DO PESQUISADOR:

Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos – CEPESH/UEDESC

Av. Madre Benvenuta, 2007 – Itacorubi – Florianópolis – SC -88035-901

Fone/Fax: (48) 3664-8084 / (48) 3664-7881 - E-mail: cep.udesc@gmail.com

CONEP- Comissão Nacional de Ética em Pesquisa

SRTV 701, Via W 5 Norte – lote D - Edifício PO 700, 3º andar – Asa Norte - Brasília-DF - 70719-040

Fone: (61) 3315-5878/ 5879 – E-mail: conep@saude.gov.br

TERMO DE CONSENTIMENTO

Declaro que fui informado sobre todos os procedimentos da pesquisa e, que recebi de forma clara e objetiva todas as explicações pertinentes ao projeto e, que todos os dados a meu respeito serão sigilosos. Eu compreendo que neste estudo, as medições dos experimentos/procedimentos de tratamento serão feitas em mim, e que fui informado que posso me retirar do estudo a qualquer momento.

Nome por extenso

Assinatura _____

Local: _____

Data: ____/____/____.

APÊNDICE G – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 01 – 05/06/2023

Questão 01 - Quais os preconceitos você, enquanto mulher negra, vivencia na sociedade?

Então eu acho que é algo bem complexo assim porque se a gente for pensar na estrutura do racismo estrutural mesmo, acho que se eu fosse apontar aqui os preconceitos acho que provavelmente irá tá esquecendo algum, porque são as pequenas coisas, que são muitos preconceitos, que a gente pode falar aqui é a questão que eu percebo como uma mulher negra de pele mais clara, digamos assim, eu demorei um certo tempo pra perceber essa questão do racismo assim, até porque onde eu vivia, com uma família embranquecida que por muito tempo eu não me via enquanto negra, né, eu fui, essa, eu até falo que essa minha descoberta da negritude foi na adolescência, que até então fui afastando esse paradigma da mulata que me vinha bastante, me assombrava bastante, digamos que fui entendendo um pouco mais desse lugar enquanto negra e comecei a entender essa questão da sexualização dos corpos, que me assombrava bastante, que foi uma questão que me impactou bastante, que é a hipersexualização dos corpos negros e de mulheres negras e eu acho também além disso o estereótipo classicista que é uma coisa que acontece comigo recorrente assim, na, que é algo que me marca assim, que as vezes estou no shopping, em algum lugar, numa loja, e mesmo eu estando completamente diferente das pessoas que trabalham ali, não usando uniforme, tem alguém que me para e me pede ajuda como se eu trabalhasse naquele local, nada contra quem trabalha ali, nem nada, mas isso é algo que eu comecei a perceber bastante que mesmo eu estando completamente diferente eles me colocam nesse lugar mesmo, de serviço mesmo, que é algo muito imposto sobre as mulheres também. E enquanto uma negra lésbica tem uma questão que é, eu acho que uma questão de eu não performar o padrão de feminilidade, que nada mais imposto a nós enquanto mulher negra né, e como fui me entendendo enquanto sapatão e estou me entendendo em como pensar o gênero mulher, então tô me entendendo enquanto pensar enquanto mulher, e o quanto isso é construído e quero desconstruir também, mas acho que isso perpassa e vejo o quanto nós mulheres negras temos que performar feminilidade a mais né pra entrar dentro dos padrões de questões de pele, de cabelo, enfim, tudo isso que a gente já tá acostumado de entrar nessa caixinha pra ser valorizada e tá em ramos profissionais. Eu nunca tive nenhuma questão direta pela minha aparência no trabalho, mas é claro eu sei que isso pode me prejudicar, então tenho essa consciência que por mais que eu tenha capacidade, enfim, o conhecimento, isso as vezes não é o suficiente pra abrir algumas portas e claro que isso vem muito da questão do racismo.

Questão 02 - Quais os preconceitos você, enquanto mulher lésbica, vivencia na sociedade?

Eu acho que é muito intrínseco né, porque eu acho que é aquela questão, a questão racial é algo que não consigo esconder, esta visto né, tá aparente, e quanto a questão

de ser sapatão não faço questão nenhuma de esconder, então acho que esse meu performar de sujeito não hétero né, tipo fora das normativas eu acredite que isso incomoda bastante, acredito não, eu sei disso, né na própria estrutura familiar também, já ouvi, minha mãe falando assim, tudo bem ser lésbica mas não precisa ser “Joãozinho”, esses termos assim super homofóbicos, e apesar da minha relação familiar ser super boa eles são, meu pais são bem tranquilos em relação a isso, mas são esses estereótipos lesbofóbicos assim que a gente vivencia diariamente né, e também pela, assim no meu círculo atual de profissional e pessoal, acaba que eu tenho muita sorte de contar com amigos, com pessoas que pelo menos não deixam escancarado se existe esse preconceito, mas assim, eu ando na rua com receio com a minha namorada, principalmente na região de Florianópolis que é uma região bem homofóbica, teve alguns casos assim da aquele medo, a gente não anda tranquila sempre, até isso é algo que já me peguei pensando várias vezes, eu sou de Santa Maria né, no Rio Grande do Sul, e é uma região que a violência é muito mais predominante né, aqui Floripa se tu for pensar é muito tranquila em questão de violência no geral, mas daí fica naquela questão né, seguro pra quem, né, eu não me sinto ameaçada de ser assaltada por exemplo, mas não fico tranquila também de não ser agredida, né enquanto negra e sapatão, eu acho que é isso então, e é a questão da interseccionalidade né, não consigo separar uma, nada né, não consigo desvincilhar, então acho que até porque eu acho que a base dessas opressões elas surgem do mesmo ideal, que é a questão do colonialismo, enfim, então é bem difícil pensar né, as coisas andam junto né, infelizmente.

Questão 03 - Quais os preconceitos você, enquanto mulher negra e lésbica, vivencia na sociedade?

Então eu acho que é essa questão assim de pensar enquanto negra, que já enquanto mulher negra tem todo essa questão de do estereótipo que temos que performar pra tentar se encaixar nesse padrão de feminilidade e quando tu é uma pessoa que não performa dentro do gênero o que é esperado, ainda mais sendo negra, sendo não branca, eu acho que todas as opressões elas acabam chegando com um pouco mais de força assim né, porque elas vão se somando assim né, e eu vejo muito isso na questão na forma de se tratar mesmo né porque quando parece que quando a gente se encontra nesse lugar de sapatão negra tem muito essa questão de se aproximar assim, de ser, agora esqueci o nome, mas essa questão de ser castrada enquanto humano, mesmo né, de pensar aquilo, tu não é nem homem, nem mulher, tu não é nada né. Me recordo agora de uma questão assim, que foi ano passado ou retrasado, agora com a pandemia me perdi um pouco no tempo (risos), mas teve, eu fui parada numa abordagem policial, e estava eu e minha namorada, a gente foi parada num Uber assim, enfim, o Uber fez uma infração de trânsito e a polícia parou por isso, enfim, no momento que foi feita a abordagem, a polícia pediu pra gente sair com a mão na cabeça e tudo, e né eu fui revistada e minha namorada não, sendo uma pessoa branca né. E eu fui revistada por uma policial mulher e ela pediu pra eu afastar as pernas e chutou as minhas pernas, eu senti essa questão da violência assim ali imposta que claro, mesmo se eu fosse uma lésbica que performasse feminilidade aconteceria isso, mas se eu fosse uma pessoa branca também, então essa questão

da pergunta anterior, eu acho que tudo se soma e também por ser, vem a questão de classe, tudo que vem se agregando nessa matriz de opressão.

Questão 04 - Quais os desafios você enfrenta enquanto mulher negra e lésbica na sociedade?

Questão já abordada anteriormente.

Questão 05 - Você pensa ser interessante existir uma cartilha que aborde os combates aos preconceitos que as mulheres negras lésbicas enfrentam na sociedade? Em caso afirmativo, explique o porquê.

Sim eu acho que é fundamental, porque acredito que a gente só vai conseguir mudar alguma coisa é tendo conhecimento e tendo forças pra se unir né porque acho que a mudança é coletiva, parte do coletivo pro individual, e é necessário isso né porque eu me vejo me colocando como exemplo, eu tenho conhecimento, tenho acesso, imagina aquelas manas que não tem né, então eu acho que isso é fundamental pra atingir a base, pra conseguir movimentar né, até a questão de muita coisa a gente não vê, a gente não percebe e isso não quer dizer que a gente não vivencie e isso que eu me colocando como exemplo mesmo, pela minha história, muita coisa eu não percebia, de racismo assim, porque eu não me via como negra, não entendia que eu era negra e vivia naquele lugar de não ser branca também, nessa questão de mestiçagem, de ser morena, enfim, no momento em que eu comecei a ter conhecimento sobre as coisas né, comecei a me entender como Amefricana, enfim a ter contato com outras mulheres negras, enfim, isso começou a me despertar também, a entender que isso era uma violência e também a saber como reagir né, porque isso é importante, a partir do momento em que a gente entende que não tá sozinha também, a gente tem forças e tem armas pra lutar contra né.

Questão 06 - Você gostaria de falar algo mais? Fique à vontade

Então eu achei de modo geral eu achei super interessante a nossa conversa, achei interessante essa cartilha também, gostaria de ter acesso, e enquanto pesquisadora também, eu acabei, ano passado eu acabei meu mestrado em artes visuais mas com pesquisa sobre negras sapatonas também, então eu acho que é muito bacana a gente somar isso, a gente tá no espaço acadêmico fazendo o que a gente faz, fazendo que a nossa vivência no espaço acadêmico é uma revolução, a gente tá movimentando, se encontrando, a gente estar conversando sobre isso já é acho que um ótimo passo dado e é acho que a gente tem que continuar, e é isso e no que eu puder ajudar, gostaria de ler tua pesquisa, ver tuas referencias, não entendo muito da área de biblioteconomia, mas eu imagino que tenha referencias ótimas, enfim acho que é isso a gente tem que espalhar nossa pesquisa pro mundo, pra outras mulheres, eu não sei se tu percebe teu movimento, mas só de ter chegado tua pesquisa até mim eu acredito que já tem muito essa questão de ir pro coletivo né que eu acho que é onde a gente

ganha força, eu acho que é isso que eu tenho que contribuir mais é essa questão de ficar a disposição.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 02 – 07/06/2023

Questão 01 - Quais os preconceitos você, enquanto mulher negra, vivencia na sociedade?

De um modo geral? Olha é muito amplo, essa resposta, acho que de um modo geral em todas as instâncias, tanto no dia a dia, na rua, na sociedade, enfim, quanto também dos aliados, né porque a gente tem, temos a nossa militância mas nesse espaço a agente ainda vê muita reprodução do racismo enquanto se propaga uma discussão do antirracismo. Então existe uma proposta do antirracismo, mas mesmo assim, dentro deste grupo, ou desses grupos que se dizem antirracistas se perpetua o racismo, então dentro desses vários segmentos eu vejo o racismo que me atinge, uma discussão sócio política, até com relação aos estereótipos né, a gente carrega muitos estereótipos e nestes já fica o pré-julgamento que tu tem tal perfil porque tu é uma pessoa negra.

Mas em todos os momentos, e apesar de eu viver uma relação inter-racial, em todos os contextos eu percebo isso, e com relação ao meu relacionamento a gente tem bastante conversa justamente pra se perceber nesse lugar.

Questão 02 - Quais os preconceitos você, enquanto mulher lésbica, vivencia na sociedade?

Enquanto mulher lésbica, bom, enquanto mulher negra tem toda uma sequência aí né porque você recebe todo um preconceito enquanto mulher negra aí que é muito maior, mas enquanto mulher negra e lésbica também mas eu acredito que por ser mais amplo, meio irônico isso, mas por ser mais ampla a discussão ou mais facilitada a discussão da sexualidade tanto a minha postura, né, que já não é tão na defensiva, é mais no ataque assim, na questão racial você tem mais uma defensiva, mais pelo ataque mesmo e tu tem uma vida e na sexualidade tu é de um momento em diante, então quando tem maior segurança tu se assume mas em relação aos preconceitos existem mas eu não dou margem pra isso, por isso minha militância na coletiva é tão latente, nesse espaço na cidade é mais aguerrida nesse sentido pela minha percepção pela minha escolha, minha orientação, então é muito mais tranquilo dialogar ou me impor nesse sentido.

Sinto preconceitos sim, mas os encaro com mais facilidade.

Questão 03 - Quais os preconceitos você, enquanto mulher negra e lésbica, vivencia na sociedade?

Enquanto lésbica e negra, de novo repito a gente carrega um estereótipo, principalmente lésbicas e negras né, acho que tem todo um contexto histórico, se

caracterizando na mulher negra né na sobrevivência, na sociedade e essa coisa estereotipada de ser destemida, tem que ter é uma personificação mais séria, mais carrancuda e até mesmo performar masculinidade enquanto mulher negra e lésbica, a maioria dos retornos que eu tive na minha vida são nesse sentido que mulheres negras lésbicas tem uma performática mais masculinizada e quando a gente quebra esse preconceito, né ou de não ser tão masculinizada, de performar como queira também vem logo uma releitura do papel dentro de uma relação lésbica, qual o papel dentro dessa relação né se tu não performa assim, se tu é feminilizada, eu acho que existem categorias que nos colocam dentro das relações lésbicas enquanto mulheres negras e lésbicas, enfim, a maioria das mulheres negras lésbicas, pelo menos da minha geração, elas eram estereotipadas assim, eram negras e vistas como masculinizadas, por isso vejo de forma tão forte. Como eu me percebi lésbica mais tardiamente, lá pelos 22 anos e vivi a minha heterossexualidade compulsiva (risos) eu nunca me percebi masculinizada, mas de um tempo pra cá acho que, não sei, de um tempo pra cá eu percebi que algumas pessoas me entendiam assim, ah usa pochete e não sei o que, tentando me caracterizar de maneira visual uma masculinidade por ser uma mulher negra.

Questão 04 - Quais os desafios você enfrenta enquanto mulher negra e lésbica na sociedade?

A questão de construção política, cultural, de formação política mesmo, reforçar essas discussões.

Questão 05 - Você pensa ser interessante existir uma cartilha que aborde os combates aos preconceitos que as mulheres negras lésbicas enfrentam na sociedade? Em caso afirmativo, explique o porquê.

Que ótimo, sim, acho que a gente ainda está se reconhecendo na sociedade enquanto mulheres negras lésbicas e justamente por carregar tantos estereótipos, acho que é interessante de compartilhar ou visualizar que não estamos sós, um meio importante ou facilitado, uma cartilha facilitada pra ter uma longevidade maior, a internet é volátil, e talvez uma cartilha seja bem interessante pela longevidade por onde possa chegar, quem possa acessar e também como trabalhar com essa cartilha, bem interessante, utilizar em formações seria bem interessante, não só pra mulheres lésbicas mas de um modo geral, bem aberto né, até porque afinal de contas a gente vive numa sociedade diversa, as pessoas se reconhecem aos poucos e talvez através de um documento que demonstre similaridade em suas vidas se reconheçam, e se expandam se assumam, porque a gente sabe que tem muitas mulheres, negras eu falo, vivem num padrão justamente por esse medo, “pô” já carrego tanto medo pelo preconceito racial, ai ainda vou sofrer mais, eu acho que eu quando me assumi eu, tem que ter coragem (risos), auto-conhecimento, saber o que é o amor próprio primeiro pra se assumir, eu não sei, assumir pra mim já é algo problemático, não sei se é o termo, mas pra se expandir enquanto a pessoa que ela quer ser e enfim uma cartilha, no meu ponto de vista, seria bem interessante sim.

Questão 06 - Você gostaria de falar algo mais? Fique à vontade

Eu acho que basicamente nessa proposta que tu falou da cartilha, muito interessante né, o sentido da Mudiá nasceu também com a Jeruse né, uma das fundadoras, Jeruse, eu, Malu e Guilhermina, mas antes da Mudiá eu e Jeruse já conversava muito sobre a necessidade de ter um grupo de mulheres negras em Florianópolis, então se não fosse a Mudiá seria outra coisa, então falar sobre a importância de se identificar né, essas mulheres que ainda se escondem porque tem outras tantas que se escondem, é bem importante a gente pontua isso, por toda essa questão né julgamento da sociedade, preconceito, mulheres mais velhas e talvez a cartilha, claro que não vai, acho que dependendo do formato dela, se tu ampliar a categoria etária, acho que vai atingir lugares que ainda que as pessoas tem dificuldade, nós temos dificuldade de atingir, as pessoas mais velhas e tal, mas principalmente pra essa juventude que convive com uma sexualidade muito precoce por conta da facilidade que a gente tem com internet e tal, mas em contra ponto, está tão difícil de abordar em sala de aula, falar sobre sexualidade, e a gente sabe dos retrocessos que a gente viveu e que seria, nossa um tempo atrás tinha o NIX da UFSC que tinha o Fazendo Gênero que focava justamente na ida nas escolas falar sobre a questão de gênero e sexualidade, se tivesse a possibilidade de voltar isso e incluir essa cartilha com enfoque em pessoas negras sim, mas abrangendo outras pessoas, seria bem, no mínimo interessante, no mínimo, daria um norte pra uma população que tem tanta informação mas que talvez o excesso de informação não oriente.

TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA 03 – 16/06/2023

Questão 01 - Quais os preconceitos você, enquanto mulher negra, vivencia na sociedade?

Acho que na vida adulta assim, no agora, principalmente no lugar profissional que sinto bastante incredibilidade, eu sou psicóloga né, enfim agora eu trabalho com clínica, anterior eu trabalhava em uma política pública, terceirizada, era uma política pública mas estava sendo terceirizada pela prefeitura, e assim por ser em equipe assim, todas as vezes ou grande parte quando me vejo em equipe eu sinto essa descredibilização mesmo, no sentido de ter que provar muito mais vezes.

Percebo, fui vendo inclusive em terapia isso, quando eu tava em discussão, discussão de caso eu me via nesse lugar de ter que tá comprovando tecnicamente muito mais, assim, de saber, acho que isso é algo que eu percebo muito, enfim, e aí fica muito fácil de perceber, fica muito evidente no profissional mas acho que a partir daí eu comecei a perceber em vários outros espaços, assim esse lugar possível de construção, esse lugar possível de criatividade, enfim sendo tolhido mesmo, como uma não possibilidade, algo muito, enfim, algo bacana é sempre, como se viesse de uma outra pessoa assim, uma incredibilidade nesse sentido, que que não pudesse vir de um lugar meu uma criatividade, o saber vindo de um lugar meu, acho que isso é algo que atravessa bastante.

Questão 02 - Quais os preconceitos você, enquanto mulher lésbica, vivencia na sociedade?

Acho que, difícil separar, acho muito difícil conseguir separar, Aline vou te ser bem sincera, assim, vindo de mim eu acho que grande parte das violências que me perpassam é sobre raça, sabe, aliado ao fato de ser mulher né, enfim porque ser homem negro é diferente de ser uma mulher negra, mas acho que questão de raça me perpassam mais do que a questão da sexualidade. Por isso te perguntei assim, individual, porque acho que conseguiria falar muito mais, enfim, da questão da discredibilidade da família, enfim, sou casada, tenho um filho, é da gente não conseguir ser visto nos espaços como uma família mesmo, do estranhamento, do não pertencimento, de não ver os pares ali junto de certa forma, de perceber, que a representatividade nos lugares possíveis de mulheres lésbicas assim, mas acho que isso me perpassa muito mais na questão da raça assim, sabe, eu tenho muita dificuldade assim, acho que eu consigo trazer muitas questões mais pontuais, assim, sabe, de estar numa situação com mina companheira, ou em outros momentos com outras mulheres, enfim, é, violências muito pontuais. Certa vez estava na frente do mercado público com uma companheira antiga que eu tinha e jogaram peixe na gente, peixe cru, mesmo, nesses momentos pontuais, de a gente tá no Uber, com minha companheira, e ouvir comentários do Uber, a ponto de a gente pedir pra parar o carro no lugar que não era o ponto. Acho que eu consigo muito mais pensar em te falar em momentos específicos que tô te trazendo mas quando penso de modo geral a questão da raça perpassa tudo o tempo inteiro, sabe.

Questão 03 - Quais os preconceitos você, enquanto mulher negra e lésbica, vivencia na sociedade?

Vai muito no mesmo caminho assim, de que esse corpo, que é o corpo de uma mulher negra, que é um corpo de uma mulher, que é o corpo de uma mulher lésbica é atravessado o tempo inteiro por essas três coisas, sabe, enfim, muito junto, não consigo separar, se é por conta de uma coisa, ou de outra. Enfim, entendendo algumas vivencia a partir de algumas mulheres brancas, sempre recaio na ideia de que bom, mas a raça tá muito mais alto, sabe, poderia te trazer as mesmas questões assim, acho que tem esse lugar da não credibilidade, acho que esse pra mim é um dos maiores pontos assim, da minha vivencia, da solidão vem muito desse lugar de enfim, não ter a possibilidade, ter muitas condições e não ter a possibilidade de ser daquilo que já dito que vai ser, algo muito tolhido o tempo inteiro, tolhido no sentido de que as histórias que se ouvem comungam com um lugar que sinto que tenho que ocupar, que é um lugar específico empurrado pra mim na sociedade, enfim e tem esse descrédito que sinto que não ocupo esse lugar, que é enfim, é de servidão, sabe.

Questão 04 - Quais os desafios você enfrenta enquanto mulher negra e lésbica na sociedade?

Enfim, quando eu estava com minha companheira e o peixeiro jogou peixe na gente, eu sinto que não era por ser uma mulher negra, mas sim por ser uma mulher lésbica.

Eu consigo fazer essas diferenciações, que ao mesmo tempo que sei que quando estou em uma loja e alguém pergunta se eu trabalho ali, ou pergunta o preço de algo, onde fica alguma coisa, não é por eu ser uma mulher lésbica, mesmo eu estando acompanhada da minha companheira, é por eu ser negra, e eu acho que é isso, eu consigo separar, mas quando une é assim, une as duas coisas, por ser uma mulher negra e lésbica é isso, eu sinto que tenho que provar tudo o tempo inteiro.

Percebo que acontece em grande parte dos âmbitos da vida sabe, provar tudo o tempo inteiro, estar muito embasada teoricamente, disso e aquilo, quando você está numa discussão de caso você percebe que seus colegas não precisam estar toda hora, enfim né, montado ali num livro numa referência, é possível de dialogar a partir de um insight, do que percebeu, do que sentiu, do que ouviu, sabe enfim, perguntas específicas que conduzem a ideia de que preciso provar isso que tô falando, preciso trazer uma comprovação, não tá sendo suficiente que é a partir do meu olhar profissional, do meu olhar técnico e teórico, sabe eu preciso comprovar da onde que tô vindo e percebendo muitas vezes que isso era comigo e pensando nos lugares que já trabalhei eu ocupava o lugar da única pessoa negra dos espaços, que trabalhava no corpo técnico, então isso ficava muito explícito pra mim, e acho que na vida pessoal isso acontece, eu percebo bastante isso de ter que ficar provando o tempo inteiro sabe, provando que, vou dar um exemplo, de casa, sabe, bom da decoração da casa, da organização da casa, enfim, de provar que tudo que está construído aqui também é parte minha, assim, minha companheira é branca e as pessoas elogiam é, pra ela, assim, sabe, tipo algo do pessoal assim, sabe.

Ai fiquei nervosa, não que isso perpassa ela, não que ela comungue, nem as pessoas, mas só, não é botar uma máscara de monstrificação mas é só como isso aparece cotidianamente, sabe, que esse lugar da criatividade não pode ser explorado a partir desse corpo, isso é sobre raça, isso não é sobre ser lésbica.

O descrédito vem muito mais sobre a raça.

Questão 05 - Você pensa ser interessante existir uma cartilha que aborde os combates aos preconceitos que as mulheres negras lésbicas enfrentam na sociedade? Em caso afirmativo, explique o porquê.

Nossa eu acho muito interessante (risos), acho muito, muito interessante, acho muito importante na verdade acho que a única possibilidade de a gente conseguir pensar numa transformação social é levando informação, sabe, não a toa assim, tem um nervosismo em falar mas porque eu não consigo encontrar as palavras, sabe, e essa dificuldade em encontrar as palavras é justamente porque não é falado, sabe?

Perpassa uma ideia de tabu também, porque é falar sobre duas grandes feridas, assim, a ferida narcísica da branquitude porque você vai precisar falar pro branco olha isso é sua responsabilidade também, e a nossa ferida, essa marca de dor, então quanto mais ser possível de estar ai sendo falado, a gente vai tendo verbo, vai tendo palavra, experiências, pra conseguir nomear o que se sente, acho que grande parte das situações passam a ser corriqueiras no nosso dia a dia, caem numa normalidade e a gente nem percebe mais e acho que quando as perguntas vem de uma forma tão

diretiva trazem um desconforto porque nos obrigam a nos olhar e pensar “nossa mas isso aconteceu ontem, anteontem”, sabe, mas isso é super normal, ou melhor, completamente comum e por ser comum não é normal, então quando você começa a pontuar você percebe caramba quanto mais informações tiver menos cai nesse lugar de possibilidade de ser normal, sabe, mais a gente balança pra ter possibilidade de transformação e acolhimento. Enfim, não se sentir só, acho que um dos enfrentamentos do racismo e do sexismo é que a gente está completamente isolada tanto que, não sei se completamente mas muito isolada, achando que a gente sofre sozinha, que só acontece com a gente, então, que é uma das faces da violência mesmo, colocam um tabu, não fala sobre, não pode falar, se não as pessoas ficam assim, ficam assadas né, fica triste, ou fica brava, enfim, e a gente não fala sobre o que acontece com a gente, não fala sobre o que sente, não fala sobre a dor e fica cada um sofrendo dentro das suas ilhazinhas assim, então acho que tudo isso é importância sabe, fazer mesmo, a gente precisa falar sobre, mesmo que nervosa, ainda estou nervosa porque falar sobre isso não é algo fácil, mas até porque é isso, falar sobre trauma nunca é fácil e racismo é um grande trauma, falar sobre não é fácil mas é importante, importante pra mim, importante pras pessoas, enfim, importante pra mim poder falar e pras pessoas que vão poder acessar essa cartilha, sabe. Eu gostaria de ter tido uma cartilha em determinado momento. Que me dissesse que não é normal que também acontece com outras pessoas.

Questão 06 - Você gostaria de falar algo mais? Fique à vontade.

Não, acho que é isso!

TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA 04 – 19/06/2023

Questão 01 - Quais os preconceitos você, enquanto mulher negra, vivencia na sociedade?

É olha eu fico pensando muito porque são várias micro violências e as vezes é difícil pensar qual é a pior ou qual o que afeta mais, mas eu acho que um que resume muito as coisas é a invisibilidade, a gente não se sentir pertencente da sociedade sabe, por várias questões até históricas né, mulheres negras sempre foram excluídas de aprender a ler, escrever, nunca ou raramente foram amadas mesmo, sabe, então acho que o maior preconceito é a invisibilidade, o sentimento de não ser visto, não ser entendido como sujeito, porque a gente é além de mulher negra a gente muitas vezes mãe solo, ou avó, mulheres que sofreram violência doméstica, então tudo vai se misturando e fica esse sentimento de nossa, quem sou eu, sabe, e se eu não to inserida nessa sociedade, fazendo parte, tipo o que eu sou, quem sou eu, e aí causa um desconforto né, porque a gente quer estar ali também, a gente quer aparecer, a gente quer ter voz, nosso corpo existe, né, como mulheres negras, é, somos bonitas, nos cuidamos, nos amamos, temos família, sabe, trabalhamos, estudamos, somos parte da sociedade também né, eu to estudando bastante sobre isso também, to lendo bastante sobre isso, como o corpo negro sempre foi, sempre foi uma tentativa de

exclusão da sociedade, desde os primórdios de tudo assim, né, acho que esse é um dos que mais pega em mim assim.

Questão 02 - Quais os preconceitos você, enquanto mulher lésbica, vivencia na sociedade?

Eu passo muito por violências de gênero, né, como mulher preta hoje não fazendo parte do estereótipo feminino que se espera do que é uma mulher em sociedade, usar vestido ou usar roupas específicas que é também base do machismo, e no sexismo bizarro assim da sociedade né, eu sofro muita violência de gênero, tipo muitas pessoas achando que eu sou homem, tem muita tensão em fazer coisas básicas como ir ao banheiro em lugares públicos, é terrível (risos), porque espera-se de você como imagem uma coisa só que você não é perante a sociedade que ainda assim tem várias caixinhas né, e como mulher negra muitas invisibilizações do meu corpo, sabe, é, ir ao ginecologista por exemplo, saúde da mulher lésbica também é uma coisa que pega muito assim a gente, saúde mental, eu acho também, também espera-se né que como mulheres tenhamos filhos, que tenhamos uma família, que vivamos numa coisa opressiva, assim, sabe, e o simples fato de a gente se colocar e não aceitar é a mulher preta raivosa, ou a gente nunca tem voz, sabe, nunca o que a gente fala tem significado assim, sabe.

Questão 03 - Quais os preconceitos você, enquanto mulher negra e lésbica, vivencia na sociedade?

É, e mulher preta lésbica eu fico pensando muito também como a gente não consegue conversar com as pessoas sabe, eu to passando por um momento agora que a gente se exclui sabe, que é esse processo da separação, que nós pessoas pretas a gente se exclui também, a gente se exclui de nós, a gente não conversa, a gente não se abre, a gente sempre tem que ser aquela pessoa que cuida ou tá ali, sabe, é em receber amor também, parece que a gente é, falar a real, parece que a gente é um pedaço de carne, sabe, e muitas coisas (risos).

Olha eu acho que é isso sabe, uma constante exclusão dos nossos corpos, dos nossos direitos também né, porque fala-se muito sobre a onda feminista e mulheres tem voz, e tá, quais mulheres tem voz, quais os corpos que tem voz, é uma mulher gorda, é uma mulher que tem alguma deficiência, ou algum “problema” a ser resolvido, que tenha filhos, ou que queira só não ter filhos, sabe, eu como mulher negra e lésbica, sempre tive muitos relacionamentos assim, abusivos, em questão disso mesmo, qual mulher merece o amor, qual o corpo da mulher que merece o amor, o afeto, o sentimento, o respeito, sabe, é eu sempre fiquei muito tensa andando na rua porque parece que nosso corpo é aberto, assim sabe, pra tudo, pra todo tipo de violência desde homens te seguindo na rua, até pessoas abusos em ônibus, assim, sabe, é como mulher negra lésbica eu sinto que é muito mais tipo, normalizado, só porque ela é preta e sapatão, foda-se o que ela fala, não sei se podia falar palavrão (risos), parece que é tipo um constante apagamento, e uma constante luta a gente se olhar no espelho todo dia e ver que a gente é bonita, querer viver mais um dia querendo se

encontrar, tendo conexão com outras pessoas igual a nós, quando eu fiz terapia pela primeira vez eu escolhi que seria uma mulher preta e no mínimo bissexual, sabe porque ela ia entender o que é pra mim enquanto mulher preta amar outra mulher, estar neste lugar de amar outro ser igual a mim, com todas as nuances também de violências que esse outro corpo de uma outra mulher também viveu, sabe, e vive todos os dias, eu fico pensando em como amar uma mulher, é incrível, é incrível assim, tem tanta coisa que a gente aprende e a gente também se disponibiliza a ensinar né, e passar todas as nossas vivências, todos nossos pontos também, de ver outras pessoas, outras mulheres crescendo, sabe, é fico pensando muito nisso, sabe.

Quando me apaixonei pela primeira mulher da minha vida assim foi, eu lembro até hoje, foi minha professora de matemática, porque eu via uma mulher forte, inteligente, tipo ali fazendo as coisas dela, conquistando as coisas dela, não me importava se ela tinha namorado, mas o significado daquela mulher na minha frente, o que ela tava fazendo, ela tava passando conhecimento, ela tava entendendo que ela tinha um lugar ali na sociedade tipo diferente, sabe, minha mãe é pedagoga hoje e aprendi muito com ela sobre ensino e educação, tipo a forma que a gente lida com outro corpo que é a forma que a gente lida com o nosso corpo também, né e como antes eu já também tive relacionamentos heterossexuais, não relacionamentos, mas envolvimentos heterossexuais, é completamente diferente, não tem nem comparação, tipo se entender como lésbicas mesmo, a invisibilidade que é tudo isso, a gente não vê muita gente falando sobre isso em arte, cinema, sempre com mulheres brancas, mas nunca com mulheres pretas, pretas, sabe, retintas, com traços de, cabelo crespo, não coisas diferentes, mas comuns que a gente vê de mulheres pretas, sabe, a diversidade de mulheres negras lésbicas, falta de representatividade, tanto que no meu trabalho, eu trabalho com pessoas né, sou bartender, e eu sempre friso isso sabe, nunca deixo de falar, eu sou uma mulher preta sapatão, sabe, questão de trabalho é muito difícil também, você como mulher lésbica já entrando num meio muito machista né, que é o atendimento, a noite né, tem muito abuso também, igual a gente tava falando, tem muito abuso, tem de tudo, tem de tudo assim, e a gente tem que lutar né, falar não, eu tô aqui, e continuar falando, e continuar falando, porque é muito fácil, eles esquecem, porque é cômodo que a gente não ocupe esses lugares né, por isso que é importante a constante luta, real, e a gente se entender e se afirmar, não, eu sou uma mulher negra lésbica, sabe, passar por esse entendimento, eu sou uma mulher negra, eu sou uma mulher lésbica, a cada momento né, a gente descobre aí as coisas da vida.

Questão 04 - Quais os desafios você enfrenta enquanto mulher negra e lésbica na sociedade?

Os desafios, eu acho que volta muito lá na primeira questão que é a inserção da gente nos campos da sociedade, tipo no campo da saúde, não tem muita atenção pra nós, tenho certeza, posso até pesquisar mas tenho certeza que muitas mulheres negras lésbicas devem ter falência de alguma enfermidade porque não tiveram atenção mesmo, sabe, até questão de saúde mental, não acreditam no que a gente fala, por exemplo quando a gente diz que sofre alguma coisa, tem que se afirmar, e é um

desafio ter que ficar se afirmando sempre, sabe, é pra ser acreditada, pra ser vista, pra ser entendida.

Acho que no campo da profissão também tem muito, muito desafio assim, a gente tem que fazer mais, sempre fazer mais, fazer mais, fazer mais, porque os nossos corpos não interessam em nenhum meio assim, é nítido assim, infelizmente, na sociedade, e como sou uma pessoa muito sentimental, eu fico pensando muito no amor, tipo o desafio que é nossos corpos, nós sermos amadas mesmo de verdade, sabe, tendo o amor fraternal também de família que é muito importante e a gente esquece que o amor da família é muito importante, o companheirismo da família, tanto que a gente se separa da família muito rápido, porque a gente tem que começar a trabalhar cedo, nossas mães, nossas avós, nossas tias que são as mulheres matriarcas da família também sempre trabalhando e cuidando e gerindo famílias enormes sabe, enquanto os homens estão fazendo outras coisas como ter outras famílias, ou algum tipo de violência também né e violências, acho que violências assim físicas que acho que é muito comum, voltando lá acho que pra segunda pergunta que é a gente ser vista como um corpo normal na sociedade, como ir ao banheiro, é o bom dia do porteiro, sabe, bom dia do motorista do ônibus, essas coisinhas assim que fazem a gente não se sentir um ser humano as vezes, que é um desafio, um desafio inclusive pra saúde mental assim, ter que ficar reforçando pra gente mesma que a gente é válida, que a gente é ser humano, que a gente merece carinho amor respeito, compreensão, que a gente merece todos os espaços de estudo, sabe, grandes nomes da música são de mulheres negras, bissexuais, lésbicas, mas que a história não é contada, né, por que justamente por isso, não querem que tenham pessoas pra inspirar, pra que a gente se entenda, pra que a gente se conecte mais fácil, com pessoas como nós.

Questão 05 - Você pensa ser interessante existir uma cartilha que aborde os combates aos preconceitos que as mulheres negras lésbicas enfrentam na sociedade? Em caso afirmativo, explique o porquê.

Acho que é muito importante que tenha esse movimento mesmo, pra termos espaço, pra que a gente fale, pra sermos vistas pra que a gente se conecte, pra que essa rede fique maior. A gente tá em constante evolução da sociedade e a sociedade tem que saber como ela vive, quem são os seres que estão, que compõem a sociedade, quem é que trabalha, quem é que ensina, quem é que educa, quem é que cuida, sabe, quem é que movimenta essa roda toda que é a sociedade, a gente precisa saber que existem outras pessoas como nós, passando pelas mesmas coisas e ganhando coisas também, sendo vitoriosas, sabe, sem medo da gente assumir o que a gente é, saber o que a gente precisa, o que não precisa também, não aceitar violências, não aceitar desconfortos que fazem com que a gente não consiga se conectar com a gente mesmo e eu acho que é isso, se conectar com a gente mesma pra que a gente possa buscar nossos semelhantes e viver bem e pensar nossa isso é uma coisa que eu posso aprender com essa pessoa, sabe, é eu não conheço, por isso mesmo, é eu não conheço muitas mulheres pretas lésbicas por aqui, onde estão, eu não acho, eu não acho, porque nem todas tem essa segurança de falar e afirmar que eu sou uma mulher preta lésbica, ou a oportunidade de entender isso, eu posso ser amada também por

outra mulher, isso da heterossexualidade compulsória, não tenho que casar com homem perfeito, da nossa vida e sabe, não, acho que por isso é importante também, a gente saber que existem outras e temos que falar, que tem vivências, vou fazer 33 anos agora e faz pouquíssimo tempo que comecei a me conectar com outras mulheres pretas e correr atrás disso mesmo, de querer estar ali, de fazer parte disso, dessa nova visão, é o que eu acho, a gente tem que falar mesmo, posicionar se não, cara, tem que lutar mesmo, infelizmente a gente tem que lutar pra ser vista, na sociedade mas acho que não é um trabalho perdido não, pelo contrário, é gratificante. Na minha profissão a gente já tem poucas mulheres né, trabalhando, e ainda mais mulheres negras, justamente por isso, cara é muito estudo, acho que em todas as áreas, muito estudo, muita leitura, tempo, e a gente não tem, aquela que a gente tem que começar mais cedo, tem muitas outras coisas, outras responsabilidades, né, que a vida pede da gente e que muitas vezes a gente vai deixando de lado, nossos sonhos, e tal, por isso que hoje eu falo meu eu sou uma mulher preta sapatão mesmo bartender, é juntar as pessoas e fazer com que a gente va junto né.

Questão 06 - Você gostaria de falar algo mais? Fique à vontade.

Primeiro queria agradecer né (risos), agradecer pela iniciativa, você falou um pouco ali sobre como você chegou nesse ponto de falar não, alguém tem que fazer isso mesmo, se não tem alguém precisa fazer e as vezes a gente esquece que também tem esse poder de começar, iniciar movimentos, né, eu conheço a Mudiá há um tempinho, a gente já fez alguns trabalhos juntas, até pela La Kahlo, e precisa ter espaço para mulheres negras, fazer suas exposições, cantar, tocar, mas ainda é muito majoritariamente de mulheres brancas lésbicas, pensando em lesbianidade mesmo, vejo pouco, vejo pouco mesmo por isso, sabe, a gente não ganha tipo, gratificação mesmo pelo que a gente faz, tipo aquele tapinha nas costas mesmo nossa bom trabalho, é bom, é bom ouvir que você ta fazendo um bom trabalho, que o que você faz é válido, da mais gás pra gente continuar, acho que por isso talvez a gente não se sinta tão a vontade de falar, de ter força pra fazer e tal, por isso é importante esses movimentos iniciarem, e ser físico mesmo, tipo, bom que vai ser uma cartilha física, que na internet hoje tudo se perde, a gente ta passando hoje ai por uma coisa que tecnologia ta reinando assim, e as coisas acontecem muito rápido, e é bom ter uma coisa que dure né, que perdure pra que a gente possa também usar como exemplo, olha isso aqui existe, isso aqui é palpável assim como a nossa vivência, o nosso corpo, nossas vontades e me sinto muito feliz por tá participando (risos).

TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA 05 – 19/06/2023

Questão 01 - Quais os preconceitos você, enquanto mulher negra, vivencia na sociedade?

Hoje o racismo estrutural é a pior forma de violência.

Questão 02 - Quais os preconceitos você, enquanto mulher lésbica, vivencia na sociedade?

Sinto que o maior preconceito é o lugar de não pertencimento e ser a pessoa que ainda não se resolveu com sua sexualidade.

Questão 03 - Quais os preconceitos você, enquanto mulher negra e lésbica, vivencia na sociedade?

A objetificação é a pior forma de violência sendo uma mulher negra e lésbica. E a cobrança de se decidir em uma sociedade binária.

Questão 04 - Quais os desafios você enfrenta enquanto mulher negra e lésbica na sociedade?

Os desafios estruturais são os piores.

Questão 05 - Você pensa ser interessante existir uma cartilha que aborde os combates aos preconceitos que as mulheres negras lésbicas enfrentam na sociedade? Em caso afirmativo, explique o porquê.

A informação é melhor arma para combater ideias às fundamentalistas cristãs que estão impregnadas na sociedade. E fazer os recortes de raça e gênero são fundamentais na realidade brasileira.

Questão 06 - Você gostaria de falar algo mais? Fique à vontade.

Não, acho que é isso mesmo.

TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA 06 – 22/06/2023

Questão 01 - Quais os preconceitos você, enquanto mulher negra, vivencia na sociedade?

Eu acho que depende do espaço social que a gente ocupa né, então eu vivi minha infância toda num colégio particular, católico, onde majoritariamente, para não dizer todos, eram brancos, que são várias questões assim de infância de bullying, de racismo, que não foram levados a sério, então acho que de início foi isso, e acho que quando eu cheguei na vida adulta, o que eu percebi foi que sendo filha de um pai negro retinto e uma mulher branca é que esse não lugar as vezes é deixado mais explícito né, então eu tenho bolsa no mestrado por cotas mas eu sei que tem gente ali que fica pensado sobre eu ter bolsa por ser parda, pessoas que me olham meio esquisito então isso bastante, mas acho que para além da academia e do estudo tem

também algo bem recorrente, algo que inclusive pessoas que estavam comigo viram, que é ser confundida com atendente de loja quando to la comprando, acho que né tem toda uma preocupação a mais relacionada a questões ali de respeito as leis, não parecer que está fazendo algo errado sabe, eu percebo que se vierem pra cima vai ser de uma abordagem diferente, sabe.

Questão 02 - Quais os preconceitos você, enquanto mulher lésbica, vivencia na sociedade?

Eu acho que aqui em Florianópolis, que é uma cidade que se diz bem LGBTfriendly, mas o que eu percebo é que essa amigabilidade de fato não se aplica a mulheres lésbicas, e principalmente a mulheres disfim, que não é o meu caso, mas, que convivendo com pessoas disfim da pra perceber que tem uns desafios muito mais intensos, e quanto a homens gays tem essa questão inteseccional, a ver com gênero e sexualidade, porque eu acho que como as mulheres estão num lugar de maior vulnerabilidade, é muito mais fácil serem homofóbicos com mulheres, né, já aconteceu de eu e minha namorada estar andando de mãos dadas e as pessoas olharem muito feio, de pegar um Uber de madrugada saindo da Vitor Meireles e o Uber perceber que a gente estava de mãos dadas ou sentadas muito juntas, acho que alguma coisa assim, e ele começar a dar umas arrancadas muito bruscas, super esquisitas no carro, e tem questões mais do nosso meio, eu to fazendo mestrado ali na UFSC e eu vejo que nesse espaço é diferente, eu vejo que mulheres que são disfim tem uma legitimidade maior de esforço por exemplo, maior que eu, então eu acho que sim, várias questões né. Então a maioria dos lugares que frequento, como cresci numa igreja católica, a maioria das minhas amigas são católicas ainda né, eu vejo que quando estou com elas ou com outras pessoas desse meio, existe um silenciamento que não é dito mas é imposto, sabe, das pessoas poderem falar sobre suas vidas e eu não me sinto muito a vontade.

Questão 03 - Quais os preconceitos você, enquanto mulher negra e lésbica, vivencia na sociedade?

Eu não sei se é o meio que eu convivo, ou a cidade que eu estou, mas eu tenho a impressão de que as poucas mulheres lésbicas que tem visibilidade em Florianópolis, são mulheres brancas e assim, nitidamente, sabe. Hoje a Parada LGBT eu fiquei muito incomodada, porque no trio elétrico que eles fizeram tinha só a Carla Ayres de mulher lésbica la em cima, e todas as representações, principalmente homens gays e pessoas trans tinham várias, tem uma questão de falta de representação de mulheres lésbicas que é muito grave, e que me afeta também né, porque a gente não se vê nos lugares e quando a gente não se vê nos lugares, a gente não tem vontade de almejar aquele lugar, porque parece que é impossível, e aí quando a gente racializa esse debate, parece que é mais impossível ainda, sabe, porque não tem representação, mas não porque não tem essas pessoas, mas essas pessoas não aparecem em Florianópolis, não estão em lugares de pessoas brancas, então os bares que se dizem LGBT, esses tipos de lugares normalmente não tem representações de mulheres

negras lésbicas e principalmente de negras retintas, a maioria das pessoas que frequentam esses lugares são homens brancos.

E eu acho que o medo de repressão bate de jeitos diferentes, então eu acho que da mesma forma que pessoas homofóbicas se sentem mais a vontade para serem homofóbicas com mulheres, ainda mais mulheres lésbicas e não bissexuais, essa violência se duplica com mulheres racializadas.

Questão 04 - Quais os desafios você enfrenta enquanto mulher negra e lésbica na sociedade?

A minha namorada é uma mulher branca, loira de olho azul e daí pessoalmente, uma das questões que eu enfrento é que mesmo dentro da minha família eu vejo que por eu estar com ela, e ela ser uma pessoa branca, eu fui criada pela parte branca da minha família, o meu pai foi acoplado ali e quando ele começou a se relacionar com minha mãe, quando eles casara, ele teve que trocar de religião, ele gostava de ouvir o samba dele mas tinha que ouvir mais baixo, porque minha avó e minhas tias foram morar do lado deles, então tudo o que era da cultura dele e aproximava ele da família dele, ele foi tendo que deixar de lado, e meu irmão ele saiu branco como os meus parentes, então eu acho que essa questão da raça ela foi uma questão que foi muito complicada pra mim sabe, porque eu só estava em núcleos brancos, então até pouco tempo atrás eu achava que eu era só mais moreninha que as pessoas sabe, e quando uma pessoa só não tem um tom de pele mais escuro mais tem todos os traços, fica muito mais difícil se identificar, então isso é uma questão, e ai agora q uito namorando uma mulher branco, eu vejo que els tem muito mais aceitação porque ela é branca, toda vez que ela vai na casa da minha avó eles tem que comentar que ela parece nórdica, esses dias ela sentou no sofá com minhas tias e uma delas comentou que era o lado nórdico da família, coisa do tipo, então acho que dentro da família isso ai é um desafio ainda e tenho certeza que por estarmos no sul do Brasil isso aí não é um desafio só pra mim. Da mesma forma que quando fomos conhecer a avó dela a gente não foi como casal, a gente foi como amigas e tal, e a avó dela também deu umas olhadas meio tortas e fez uns comentários meio racistas, então acho que no âmbito pessoal, sendo um casal inter-racial em Santa Catarina isso aí é um desafio bem grande. Então é isso, é a falta de representação também como eu comentei antes, a gente não se vê nos lugares, a gente não se vê representada em absolutamente nada da esfera pública, até a Ministra das Mulheres veio aqui na UFSC faz um tempo e eu fui vendo quem ela chamou pra compor a mesa né, então tinham vários coletivos, tinha um coletivo que tinha duas representações na mesa, acho que tinham 10 lugares e numa fileira da arquibancada tinha um coletivo de lésbicas na fileira atrás tinha um de mães, e ela simplesmente não chamou, sabe, e ninguém ali na UFSC chamou e se chamasse a gente sabe que quem seria chamada seriam mulheres brancas, então, até lugares que tenham uma proposta democrática progressista que essa questão de uma socialização homofóbica racista pega bastante.

Questão 05 - Você pensa ser interessante existir uma cartilha que aborde os combates aos preconceitos que as mulheres negras lésbicas enfrentam na sociedade? Em caso afirmativo, explique o porquê.

Eu acho que sim, com certeza, muito do preconceito direcionado a mulheres negras e lésbicas são preconceitos que as vezes nem assam pelo consciente da pessoa sabe, é uma coisa muito inconsciente e aí quando a gente nomeia um incômodo a gente fala num tom, não é nem acusatório, a gente fala o que a pessoa fez, quando é pessoalmente elas acabam ficando muito ofendidas, dizendo que não é isso, desconversando, então quando vem um material, imagino que vai ser escrito né, mas não endereça a crítica diretamente mas propõe tirar aquilo do campo das ideias e falar como que aquilo acontece na pratica talvez seja muito mais fácil de conscientizar ao invés de falar, sabe, porque daí é um trabalho da pessoa ler e pensar sobre aquilo que o outro ta falando, eu acho que tem muitas pessoas mais velhas, lá pelos 40, 50 anos que tem muita dificuldade em lidar com pessoas mais novas acusando do que eles fizeram, mesmo que tenham feito, por ser uma pessoa mais nova eles não aceitam, e aí tem todos os atravessamentos da sexualidade, raça, classe, então quando é um trabalho que eles tem que fazer por eles mesmos, sozinhos, de ler e de pensar e de fazer aquilo sozinhos talvez tenha muito mais efetividade também, acho bem legal, até porque a maioria das pessoas não pensam nisso né eu vejo que as pessoas não se colocam a pensar, sabe e é uma construção histórica não pensar sobre o racismo no âmbito pessoal, então, acho bem importante.

Questão 06 - Você gostaria de falar algo mais? Fique à vontade.

Achei muito legal sua pesquisa, nunca vi ninguém pesquisar sobre isso, e acho bem importante a seleção das perguntas que foram formando uma narrativa e espero que tu faça a cartilha e que ela seja usada.

APÊNDICE H – INSTRUMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS

IAD 1 – EXPRESSÕES-CHAVE

Questão 01 - Quais os preconceitos você, enquanto mulher negra, vivencia na sociedade?

Entrevistada	Expressões-chave	Ideias Centrais
E 01	<p>Então eu acho que é algo bem complexo assim porque se a gente for pensar na <u>estrutura do racismo estrutural mesmo</u>, acho que se eu fosse apontar aqui os preconceitos acho que provavelmente irá tá esquecendo algum, porque <u>são as pequenas coisas</u>, que são muitos preconceitos, que a gente pode falar aqui é a questão que eu percebo como uma mulher negra de pele mais clara, digamos assim, eu demorei um certo tempo pra perceber essa questão doo racismo assim, até porque <u>onde eu vivia, com uma família embranquecida que por muito tempo eu não me via enquanto negra, né, eu fui, essa, eu até falo que essa minha descoberta da negritude foi na adolescência, que até então fui afastando esse paradigma da mulata que me vinha bastante, me assombrava bastante, digamos que fui entendendo um pouco mais desse lugar enquanto negra e comecei a entender essa questão da sexualização dos corpos, que me assombrava bastante, que foi uma questão que me impactou bastante, que é a hipersexualização dos corpos negros e de mulheres negras e eu acho também além disso o estereótipo classicista que é uma coisa que acontece comigo recorrente assim, na, que é algo que me marca assim, que as vezes estou no shopping, em algum lugar, numa loja, e mesmo eu estando completamente diferente das pessoas que trabalham ali, não usando uniforme, tem alguém que me para e me pede ajuda como se eu trabalhasse naquele local, nada contra quem trabalha ali, nem nada, mas isso é algo que eu comecei a</u></p>	<p>Racismo estrutural. Hipersexualização dos corpos negros. Performar feminilidade. Racismo. Padrões.</p>

	<p>perceber bastante que mesmo eu estando completamente diferente <u>eles me colocam nesse lugar mesmo, de serviçal mesmo, que é algo muito imposto sobre as mulheres também</u>. E enquanto uma negra lésbica tem uma questão que é, eu acho que uma questão de eu não <u>performar o padrão de feminilidade, que nada mais imposto a nós enquanto mulher negra né, e como fui me entendendo enquanto sapatão e estou me entendendo em como pensar o gênero mulher, então tô me entendendo enquanto pensar enquanto mulher</u>, e o quanto isso é construído e quero desconstruir também, mas acho que isso perpassa e vejo o quanto <u>nós mulheres negras temos que performar feminilidade a mais né pra entrar dentro dos padrões de questões de pele, de cabelo, enfim, tudo isso que a gente já tá acostumado de entrar nessa caixinha pra ser valorizada e tá em ramos profissionais</u>. Eu nunca tive nenhuma questão direta pela minha aparência no trabalho, mas é claro eu sei que isso pode me prejudicar, então tenho essa consciência que por mais que eu tenha capacidade, enfim, <u>o conhecimento, isso as vezes não é o suficiente pra abrir algumas portas e claro que isso vem muito da questão do racismo</u>.</p>	
E 02	<p>De um modo geral? Olha é muito amplo, essa resposta, acho que <u>de um modo geral em todas as instâncias, tanto no dia a dia, na rua, na sociedade, enfim, quanto também dos aliados, né porque a gente tem, temos a nossa militância mas nesse espaço a agente ainda vê muita reprodução do racismo enquanto se propaga uma discussão do antirracismo</u>. Então existe uma proposta do antirracismo, <u>mas mesmo assim, dentro deste grupo, ou desses grupos que se dizem antirracistas se perpetua o racismo</u>, então dentro desses vários segmentos eu vejo o racismo que me atinge, uma discussão sócio política, até <u>com relação aos estereótipos né, a gente carrega muitos estereótipos e</u></p>	<p>Racismo. Antirracismo. Militância. Estereótipos. Pré-julgamento.</p>

	<p><u>nestes já fica o pré-julgamento que tu tem tal perfil porque tu é uma pessoa negra.</u></p> <p>Mas em todos os momentos, e apesar de eu viver uma relação inter-racial, em todos os contextos eu percebo isso, e com relação ao meu relacionamento a gente tem bastante conversa justamente pra se perceber nesse lugar.</p>	
E 03	<p>Acho que na vida adulta assim, no agora, <u>principalmente no lugar profissional que sinto bastante discredibilidade</u>, eu sou psicóloga né, enfim agora eu trabalho com clínica, anterior eu trabalhava em uma política pública, terceirizada, era uma política pública mas estava sendo terceirizada pela prefeitura, e assim por ser em equipe assim, todas as vezes ou grande parte <u>quando me vejo em equipe eu sinto essa discredibilização mesmo, no sentido de ter que provar muito mais vezes.</u></p> <p>Percebo, fui vendo inclusive em terapia isso, quando eu tava em discussão, discussão de caso <u>eu me via nesse lugar de ter que tá comprovando tecnicamente muito mais</u>, assim, de saber, acho que isso é algo que eu percebo muito, enfim, e aí fica muito fácil de perceber, <u>fica muito evidente no profissional mas acho que a partir daí eu comecei a perceber em vários outros espaços, assim esse lugar possível de construção, esse lugar possível de criatividade, enfim sendo tolhido mesmo, como uma não possibilidade, algo muito, enfim, algo bacana é sempre, como se viesse de uma outra pessoa assim, uma discredibilidade nesse sentido, que que não pudesse vir de um lugar meu uma criatividade, o saber vindo de um lugar meu, acho que isso é algo que atravessa bastante.</u></p>	<p>Discredibilidade. Não possibilidade. Racismo. Falta de reconhecimento. Falta de representatividade.</p>
E 04	<p>É olha eu fico pensando muito porque <u>são várias micro violências e as vezes é difícil pensar qual é a pior ou qual o que afeta mais</u>, mas eu acho que um que resume muito as coisas é a invisibilidade, a gente não se sentir</p>	<p>Micro violências. Invisibilidade. Não pertencente da sociedade. Não ser visto. Racismo. Não lugar. Corpo Negro. Exclusão social.</p>

	<p><u>pertencente da sociedade sabe, por várias questões até históricas né, mulheres negras sempre foram excluídas de aprender a ler, escrever, nunca ou raramente foram amadas mesmo, sabe, então acho que o maior preconceito é a invisibilidade, o sentimento de não ser visto, não ser entendido como sujeito, porque a gente é além de mulher negra a gente muitas vezes mãe solo, ou avo, mulheres que sofreram violência doméstica, então tudo vai se misturando e fica esse sentimento de nossa, quem sou eu, sabe, e se eu não to inserida nessa sociedade, fazendo parte, tipo o que eu sou, quem sou eu, e aí causa um desconforto né, porque a gente quer estar ali também, a gente quer aparecer, a gente quer ter voz, nosso corpo existe, né, como mulheres negras, é, somos bonitas, nos cuidamos, nos amamos, temos família, sabe, trabalhamos, estudamos, somos parte da sociedade também né, eu to estudando bastante sobre isso também, to lendo bastante sobre isso, como o corpo negro sempre foi, sempre foi uma tentativa de exclusão da sociedade, desde os primórdios de tudo assim, né, acho que esse é um dos que mais pega em mim assim.</u></p>	
E 05	<p><u>Hoje o racismo estrutural é a pior forma de violência.</u></p>	<p>Racismo estrutural. Violência.</p>
E 06	<p><u>Eu acho que depende do espaço social que a gente ocupa né, então eu vivi minha infância toda num colégio particular, católico, onde majoritariamente, para não dizer todos, eram brancos, que são várias questões assim de infância de bullying, de racismo, que não foram levados a sério, então acho que de início foi isso, e acho que quando eu cheguei na vida adulta, o que eu percebi foi que sendo filha de um pai negro retinto e uma mulher branca é que esse não lugar as vezes é deixado mais explícito né, então eu tenho bolsa no mestrado por cotas mas eu sei que tem gente ali que fica</u></p>	<p>Espaço social. Bullying. Racismo. Não lugar. Lugar de subalternidade.</p>

	<p><u>pensado sobre eu ter bolsa por ser parda, pessoas que me olham meio esquisito então isso bastante, mas acho que para além da academia e do estudo tem também algo bem recorrente, algo que inclusive pessoas que estavam comigo viram, que é ser confundida com atendente de loja quando to la comprando, acho que né tem toda uma preocupação a mais relacionada a questões ali de respeito as leis, não parecer que está fazendo algo errado sabe, eu percebo que se vierem pra cima vai ser de uma abordagem diferente, sabe.</u></p>	
--	--	--

Questão 02 - Quais os preconceitos você, enquanto mulher lésbica, vivencia na sociedade?

Entrevistada	Expressões-chave	Ideias Centrais
E 01	<p><u>Eu acho que é muito intrínseco né, porque eu acho que é aquela questão, a questão racial é algo que não consigo esconder, esta visto né, tá aparente, e quanto a questão de ser sapatão não faço questão nenhuma de esconder, então acho que esse meu performar de sujeito não hétero né, tipo fora das normativas eu acredite que isso incomoda bastante, acredito não, eu sei disso, né na própria estrutura familiar também, já ouvi, minha mãe falando assim, tudo bem ser lésbica mas não precisa ser “Joãozinho”, esses termos assim super homofóbicos, e apesar da minha relação familiar ser super boa eles são, meu pais são bem tranquilos em relação a isso, mas são esses estereótipos lesbofóbicos assim que a gente vivencia diariamente né, e também pela, assim no meu círculo atual de profissional e pessoal, acaba que eu tenho muita sorte de contar com amigos, com pessoas que pelo menos não deixam escancarado se existe esse preconceito, mas assim, eu ando na rua com receio com a minha namorada, principalmente na região de Florianópolis que é uma região bem homofóbica, teve alguns casos assim da aquele medo, a gente não anda tranquila sempre, até isso é</u></p>	<p>Performar feminilidade. Sujeito fora das normativas. Homossexual. Homofobia. Estereótipos lesbofóbicos. Preconceitos. Interseccionalidade. Opressão.</p>

	<p>algo que já me peguei pensando várias vezes, eu sou de Santa Maria né, no Rio Grande do Sul, e é uma região que a violência é muito mais predominante né, aqui Floripa se tu for pensar é muito tranquila em questão de violência no geral, mas daí fica naquela questão né, seguro pra quem, né, eu não me sinto ameaçada de ser assaltada por exemplo, mas não fico tranquila também de não ser agredida, né enquanto negra e sapatão, eu acho que é isso então, e é a questão da interseccionalidade né, não consigo separar uma, nada né, não consigo desvencilhar, então acho que até porque eu acho que a base dessas opressões elas surgem do mesmo ideal, que é a questão do colonialismo, enfim, então é bem difícil pensar né, as coisas andam junto né, infelizmente.</p>	
E 02	<p>Enquanto mulher lésbica, bom, enquanto mulher negra tem toda uma sequência ai né <u>porque você recebe todo um preconceito enquanto mulher negra ai que é muito maior, mas enquanto mulher negra e lésbica também mas eu acredito que por ser mais amplo, meio irônico isso, mas por ser mais ampla a discussão ou mais facilitada a discussão da sexualidade tanto a minha postura, né, que já não é tão na defensiva, é mais no ataque assim, na questão racial você tem mais uma defensiva, mais pelo ataque mesmo e tu tem uma vida e na sexualidade tu é de um momento em diante, então quando tem maior segurança tu se assume mas em relação aos preconceitos existem mas eu não dou margem pra isso, por isso minha militância na coletiva é tão latente, nesse espaço na cidade é mais aguerrida nesse sentido pela minha percepção pela minha escolha, minha orientação, então é muito mais tranquilo dialogar ou me impor nesse sentido. Sinto preconceitos sim, mas os encaro com mais facilidade.</u></p>	<p>Preconceito. Sexualidade. Postura. Segurança para assumir. Militância.</p>
E 03	<p>Acho que, difícil separar, acho muito difícil conseguir separar, Aline vou te ser bem sincera, assim, vindo de mim</p>	<p>Violência. Racismo. Mulher negra. Sexualidade.</p>

	<p><u>eu acho que grande parte das violências que me perpassam é sobre raça, sabe, aliado ao fato de ser mulher né, enfim porque ser homem negro é diferente de ser uma mulher negra, mas acho que questão de raça me perpassam mais do que a questão da sexualidade. Por isso te perguntei assim, individual, porque acho que conseguiria falar muito mais, enfim, da questão da credibilidade da família, enfim, sou casada, tenho um filho, é da gente não conseguir ser visto nos espaços como uma família mesmo, do estranhamento, do não pertencimento, de não ver os pares ali junto de certa forma, de perceber, que a representatividade nos lugares possíveis de mulheres lésbicas assim, mas acho que isso me perpassa muito mais na questão da raça assim, sabe, eu tenho muita dificuldade assim, acho que eu consigo trazer muitas questões mais pontuais, assim, sabe, de estar numa situação com mina companheira, ou em outros momentos com outras mulheres, enfim, é, violências muito pontuais. Certa vez estava na frente do mercado público com uma companheira antiga que eu tinha e jogaram peixe na gente, peixe cru, mesmo, nesses momentos pontuais, de a gente tá no Uber, com minha companheira, e ouvir comentários do Uber, a ponto de a gente pedir pra parar o carro no lugar que não era o ponto. Acho que eu consigo muito mais pensar em te falar em momentos específicos que tô te trazendo mas quando penso de modo geral a questão da raça perpassa tudo o tempo inteiro, sabe.</u></p>	<p>Discredibilidade da família. Vistas como família. Não pertencimento. Falta de representatividade de mulheres lésbicas. Homofobia. Falta de segurança.</p>
E 04	<p><u>Eu passo muito por violências de gênero, né, como mulher preta hoje não fazendo parte do estereótipo feminino que se espera do que é uma mulher em sociedade, usar vestido ou usar roupas específicas que é também base do machismo, e no sexismo bizarro assim da sociedade né, eu sofro muita violência de gênero, tipo muitas pessoas achando que eu sou homem, tem muita tensão em</u></p>	<p>Violência de gênero. Estereótipo feminino. Machismo. Sexismo. Falta de segurança. Desrespeito. Violência. Inviolações do corpo. Falta de atenção na saúde. Saúde mental. Não ser ouvida. Opressão.</p>

	<p>fazer coisas básicas como ir ao banheiro em lugares públicos, é terrível (risos), porque espera-se de você como imagem uma coisa só que você não é perante a sociedade que ainda assim tem várias caixinhas né, e como mulher negra muitas invasões do meu corpo, sabe, é, ir ao ginecologista por exemplo, saúde da mulher lésbica também é uma coisa que pega muito assim a gente, saúde mental, eu acho também, também espera-se né que como mulheres tenhamos filhos, que tenhamos uma família, que vivamos numa coisa opressiva, assim, sabe, e o simples fato de a gente se colocar e não aceitar é a mulher preta raivosa, ou a gente nunca tem voz, sabe, nunca o que a gente fala tem significado assim, sabe.</p>	
E 05	<p>Sinto que o maior preconceito é o lugar de não pertencimento e ser a pessoa que ainda não se resolveu com sua sexualidade.</p>	<p>Homofobia. Não pertencimento. Não lugar. Violência. Sexualidade.</p>
E 06	<p>Eu acho que aqui em Florianópolis, que é uma cidade que se diz bem LGBTfriendly, mas o que eu percebo é que essa amigabilidade de fato não se aplica a mulheres lésbicas, e principalmente a mulheres disfem, que não é o meu caso, mas, que convivendo com pessoas disfem da pra perceber que tem uns desafios muito mais intensos, e quanto a homens gays tem essa questão inteseccional, a ver com gênero e sexualidade, porque eu acho que como as mulheres estão num lugar de maior vulnerabilidade, é muito mais fácil serem homofóbicos com mulheres, né, já aconteceu de eu e minha namorada estar andando de mãos dadas e as pessoas olharem muito feio, de pegar um Uber de madrugada saindo da Vitor Meireles e o Uber perceber que a gente estava de mãos dadas ou sentadas muito juntas, acho que alguma coisa assim, e ele começar a dar umas arrancadas muito bruscas, super esquisitas no carro, e tem questões mais do nosso meio, eu to fazendo mestrado ali na</p>	<p>Mulheres disfem. Estereótipo feminino. Performar feminilidade. Interseccionalidade. Homofobia. Vulnerabilidade. Gênero e sexualidade. Lugar de legitimidade. Silenciamento. Não lugar.</p>

	<p>UFSC e eu vejo que nesse espaço é diferente, eu vejo que mulheres que são dissem têm uma legitimidade maior de esforço por exemplo, maior que eu, então eu acho que sim, várias questões né. Então a maioria dos lugares que frequento, como cresci numa igreja católica, a maioria das minhas amigas são católicas ainda né, eu vejo que quando estou com elas ou com outras pessoas desse meio, existe um silenciamento que não é dito mas é imposto, sabe, das pessoas poderem falar sobre suas vidas e eu não me sinto muito a vontade.</p>	
--	--	--

Questão 03 - Quais os preconceitos você, enquanto mulher negra e lésbica, vivencia na sociedade?

Entrevistada	Expressões-chave	Ideias Centrais
E 01	<p>Então eu acho que é essa questão assim de pensar enquanto negra, que já enquanto mulher negra tem todo essa questão de do estereótipo que temos que performar pra tentar se encaixar nesse padrão de feminilidade e quando tu é uma pessoa que não performa dentro do gênero o que é esperado, ainda mais sendo negra, sendo não branca, eu acho que todas as opressões elas acabam chegando com um pouco mais de força assim né, porque elas vão se somando assim né, e eu vejo muito isso na questão na forma de se tratar mesmo né porque quando parece que quando a gente se encontra nesse lugar de sapatão negra tem muito essa questão de se aproximar assim, de ser, agora esqueci o nome, mas essa questão de ser castrada enquanto humano, mesmo né, de pensar aquilo, tu não é nem homem, nem mulher, tu não é nada né. Me recordo agora de uma questão assim, que foi ano passado ou retrasado, agora com a pandemia me perdi um pouco no tempo (risos), mas teve, eu fui parada numa abordagem policial, e estava eu e minha namorada, a gente foi parada num Uber assim, enfim, o Uber fez</p>	<p>Estereótipo. Performance feminina. Opressão. Violência. Não lugar. Invisibilidade. Classe social.</p>

	<p><u>uma infração de trânsito e a polícia parou por isso, enfim, no momento que foi feita a abordagem, a polícia pediu pra gente sair com a mão na cabeça e tudo, e né eu fui revistada e minha namorada não, sendo uma pessoa branca né. E eu fui revistada por uma policial mulher e ela pediu pra eu afastar as pernas e chutou as minhas pernas, eu senti essa questão da violência assim ali imposta que claro, mesmo se eu fosse uma lésbica que performasse feminilidade aconteceria isso, mas se eu fosse uma pessoa branca também, então essa questão da pergunta anterior, eu acho que tudo se soma e também por ser, vem a questão de classe, tudo que vem se agregando nessa matriz de opressão.</u></p>	
E 02	<p><u>Enquanto lésbica e negra, de novo repito a gente carrega um estereotipo, principalmente lésbicas e negras né, acho que tem todo um contexto histórico, se caracterizando na mulher negra né na sobrevivência, na sociedade e essa coisa estereotipada de ser destemida, tem que ter é uma personificação mais séria, mais carrancuda e até mesmo performar masculinidade enquanto mulher negra e lésbica, a maioria dos retornos que eu tive na minha vida são nesse sentido que mulheres negras lésbicas tem uma performática mais masculinizada e quando a gente quebra esse preconceito, né ou de não ser tão masculinizada, de performar como queira também vem logo uma releitura do papel dentro de uma relação lésbica, qual o papel dentro dessa relação né se tu não performa assim, se tu é feminilizada, eu acho que existem categorias que nos colocam dentro das relações lésbicas enquanto mulheres negras e lésbicas, enfim, a maioria das mulheres negras lésbicas, pelo menos da minha geração, elas eram estereotipadas assim, eram negras e vistas como masculinizadas, por isso vejo de forma tão forte. Como eu me percebi lésbica mais tardiamente, lá pelos 22 anos e vivi a minha</u></p>	<p>Estereótipo. Lésbicas negras maculinizadas. Papel na relação lésbica. Masculinização. Racismo. Preconceito. Julgamentos. Homofobia. Lésbofobia.</p>

	<p>heterossexualidade compulsiva (risos) <u>eu nunca me percebi masculinizada, mas de um tempo pra cá acho que, não sei, de um tempo pra cá eu percebi que algumas pessoas me entendiam assim, ah usa pochete e não sei o que, tentando me caracterizar de maneira visual uma masculinidade por ser uma mulher negra.</u></p>	
E 03	<p><u>Vai muito no mesmo caminho assim, de que esse corpo, que é o corpo de uma mulher negra, que é um corpo de uma mulher, que é o corpo de uma mulher lésbica é atravessado o tempo inteiro por essas três coisas, sabe, enfim, muito junto, não consigo separar, se é por conta de uma coisa, ou de outra. Enfim, entendendo algumas vivencia a partir de algumas mulheres brancas, sempre recaio na ideia de que bom, mas a raça tá muito mais alto, sabe, poderia te trazer as mesmas questões assim, acho que <u>tem esse lugar da não credibilidade</u>, acho que esse pra mim é um dos maiores pontos assim, da minha vivencia, <u>da solidão vem muito desse lugar de enfim, não ter a possibilidade, ter muitas condições e não ter a possibilidade de ser daquilo que já dito que vai ser</u>, algo muito tolhido o tempo inteiro, tolhido no sentido de que <u>as histórias que se ouvem comungam com um lugar que sinto que tenho que ocupar, que é um lugar específico empurrado pra mim na sociedade, enfim e tem esse descrédito que sinto que não ocupo esse lugar, que é enfim, é de servidão, sabe.</u></u></p>	<p>Racismo. Machismo. Homofobia. Lésbofobia. Não credibilizade. Invisibilidade. Não lugar. Não pertencimento. Solidão. Subalternidade. Descrédito.</p>
E 04	<p><u>É, e mulher preta lésbica eu fico pensando muito também como a gente não consegue conversar com as pessoas sabe, eu to passando por um momento agora que a gente se exclui sabe, que é esse processo da separação, que nós pessoas pretas a gente se exclui também, a gente se exclui de nós, a gente não conversa, a gente não se abre, a gente sempre tem que ser aquela pessoa que cuida ou ta ali, sabe, é em receber amor também, parece que a gente é, falar a</u></p>	<p>Servidão. Exclusão. Objetificação. Exclusão dos corpos. Exclusão dos direitos. Não lugar. Falta de voz. Descredibilidade. Invisibilidade. Relações abusivas. Falta de amor. Falta de afeto. Violência. Abuso. Apagamento. Constante autoafirmação. Reconhecimento. Representatividade. Trocas de aprendizado.</p>

	<p>real, parece que a gente é um pedaço de carne, sabe, e muitas coisas (risos).</p> <p><u>Olha eu acho que é isso sabe, uma constante exclusão dos nossos corpos, dos nossos direitos também né, porque fala-se muito sobre a onda feminista e mulheres tem voz, e tá, quais mulheres tem voz, quais os corpos que tem voz, é uma mulher gorda, é uma mulher que tem alguma deficiência, ou algum “problema” a ser resolvido, que tenha filhos, ou que queira só não ter filhos, sabe, eu como mulher negra e lésbica, sempre tive muitos relacionamentos assim, abusivos, em questão disso mesmo, qual mulher merece o amor, qual o corpo da mulher que merece o amor, o afeto, o sentimento, o respeito, sabe, é eu sempre fiquei muito tensa andando na rua porque parece que nosso corpo é aberto, assim sabe, pra tudo, pra todo tipo de violência desde homens te seguindo na rua, até pessoas abusos em ônibus, assim, sabe, é como mulher negra lésbica eu sinto que é muito mais tipo, normalizado, só porque ela é preta e sapatão, foda-se o que ela fala, não sei se podia falar palavrão (risos), parece que é tipo um constante apagamento, e uma constante luta a gente se olhar no espelho todo dia e ver que a gente é bonita, querer viver mais um dia querendo se encontrar, tendo conexão com outras pessoas igual a nós, quando eu fiz terapia pela primeira vez eu escolhi que seria uma mulher preta e no mínimo bissexual, sabe porque ela ia entender o que é pra mim enquanto mulher preta amar outra mulher, estar neste lugar de amar outro ser igual a mim, com todas as nuances também de violências que esse outro corpo de uma outra mulher também viveu, sabe, e vive todos os dias, eu fico pensando em como amar uma mulher, é incrível, é incrível assim, tem tanta coisa que a gente aprende e a gente também se disponibiliza a ensinar né, e passar todas as nossas vivencias, todos nossos pontos também, de ver outras pessoas, outras mulheres crescendo,</u></p>	<p>Crescimento na relação. Compreensão. Lugar de fala. Falta de representatividade. Luta.</p>
--	--	--

	<p><u>sabe, é fico pensando muito nisso, sabe.</u></p> <p>Quando me apaixonei pela primeira mulher da minha vida assim foi, eu lembro até hoje, foi minha professora de matemática, porque eu via uma mulher forte, inteligente, tipo ali fazendo as coisas dela, conquistando as coisas dela, não me importava se ela tinha namorado, mas o significado daquela mulher na minha frente, o que ela tava fazendo, ela tava passando conhecimento, ela tava entendendo que ela tinha um lugar ali na sociedade tipo diferente, sabe, minha mãe é pedagoga hoje e aprendi muito com ela sobre ensino e educação, tipo <u>a forma que a gente lida com outro corpo que é a forma que a gente lida com o nosso corpo também, né e como antes eu já também tive relacionamentos heterossexuais, não relacionamentos, mas envolvimentos heterossexuais, é completamente diferente, não tem nem comparação, tipo <u>se entender como lésbicas mesmo, a invisibilidade que é tudo isso, a gente não vê muita gente falando sobre isso em arte, cinema, sempre com mulheres brancas, mas nunca com mulheres pretas, pretas, sabe, retintas, com traços de, cabelo crespo, não coisas diferentes, mas comuns que a gente vê de mulheres pretas, sabe, a diversidade de mulheres negras lésbicas, falta de representatividade, tanto que no meu trabalho, eu trabalho com pessoas né, sou bartender, e eu sempre friso isso sabe, nunca deixo de falar, eu sou uma mulher preta sapatão, sabe, questão de trabalho é muito difícil também, você como mulher lésbica já entrando num meio muito machista né, que é o atendimento, a noite né, tem muito abuso também, igual a gente tava falando, tem muito abuso, tem de tudo, tem de tudo assim, e a gente tem que lutar né, falar não, eu tô aqui, e <u>continuar falando, e continuar falando, porque é muito fácil, eles esquecem, porque é cômodo que a gente não ocupe esses lugares né, por isso que é importante a constante luta, real, e a gente se</u></u></u></p>	
--	---	--

	<u>entender e se afirmar, não, eu sou uma mulher negra lésbica, sabe, passar por esse entendimento, eu sou uma mulher negra, eu sou uma mulher lésbica, a cada momento né, a gente descobre aí as coisas da vida.</u>	
E 05	<u>A objetificação é a pior forma de violência sendo uma mulher negra e lésbica. E a cobrança de se decidir em uma sociedade binária.</u>	Objetificação. Violência. Machismo.
E 06	<u>Eu não sei se é o meio que eu convivo, ou a cidade que eu estou, mas eu tenho a impressão de que as poucas mulheres lésbicas que tem visibilidade em Florianópolis, são mulheres brancas e assim, nitidamente, sabe. Hoje a Parada LGBT eu fiquei muito incomodada, porque no trio elétrico que eles fizeram tinha só a Carla Ayres de mulher lésbica la em cima, e todas as representações, principalmente homens gays e pessoas trans tinham várias, tem uma questão de falta de representação de mulheres lésbicas que é muito grave, e que me afeta também né, porque a gente não se vê nos lugares e quando a gente não se vê nos lugares, a gente não tem vontade de almejar aquele lugar, porque parece que é impossível, e aí quando a gente racializa esse debate, parece que é mais impossível ainda, sabe, porque não tem representação, mas não porque não tem essas pessoas, mas essas pessoas não aparecem em Florianópolis, não estão em lugares de pessoas brancas, então os bares que se dizem LGBT, esses tipos de lugares normalmente não tem representações de mulheres negras lésbicas e principalmente de negras retintas, a maioria das pessoas que frequentam esses lugares são homens brancos. E eu acho que o medo de repressão bate de jeitos diferentes, então eu acho que da mesma forma que pessoas homofóbicas se sentem mais a vontade para serem homofóbicas com mulheres, ainda mais mulheres lésbicas e não bissexuais, essa</u>	Falta de representatividade. Não lugar. Repressão. Racismo. Violência. Homofobia.

	violência se duplica com mulheres racializadas.	
--	---	--

Questão 04 - Quais os desafios você enfrenta enquanto mulher negra e lésbica na sociedade?

Entrevistada	Expressões-chave	Ideias Centrais
E 01	Questão já abordada anteriormente.	Estereótipo. Performance feminina. Opressão. Violência. Não lugar. Invisibilidade. Classe social.
E 02	<u>A questão de construção política, cultural, de formação política mesmo, reforçar essas discussões.</u>	Construção política. Informação. Discussões. Cultura.
E 03	<u>Enfim, quando eu estava com minha companheira e o peixeiro jogou peixe na gente, eu sinto que não era por ser uma mulher negra, mas sim por ser uma mulher lésbica. Eu consigo fazer essas diferenciações, que ao mesmo tempo que sei que quando estou em uma loja e alguém pergunta se eu trabalho ali, ou pergunta o preço de algo, onde fica alguma coisa, não é por eu ser uma mulher lésbica, mesmo eu estando acompanhada da minha companheira, é por eu ser negra, e eu acho que é isso, eu consigo separar, mas quando une é assim, une as duas coisas, por ser uma mulher negra e lésbica é isso, eu sinto que tenho que provar tudo o tempo inteiro.</u> <u>Percebo que acontece em grande parte dos âmbitos da vida sabe, provar tudo o tempo inteiro, estar muito embasada teoricamente, disso e aquilo, quando você está numa discussão de caso você percebe que seus colegas não precisam estar toda hora, enfim né, montado ali num livro numa referência, é possível de dialogar a partir de um insight, do que percebeu, do que sentiu, do que ouviu, sabe enfim, perguntas específicas que conduzem a ideia de que preciso provar isso que tô falando, preciso trazer uma comprovação, não tá sendo suficiente que é a partir do meu olhar profissional, do meu olhar técnico e teórico, sabe eu preciso</u>	Racismo. Homofobia. Auto afirmar. Invalidada. Invisibilidade. Desvalorização. Falta de representatividade. Falta de reconhecimento.

	<p><u>comprovar da onde que tô vindo e percebendo muitas vezes que isso era comigo e pensando nos lugares que já trabalhei eu ocupava o lugar da única pessoa negra dos espaços, que trabalhava no corpo técnico, então isso ficava muito explícito pra mim, e acho que na vida pessoal isso acontece, eu percebo bastante isso de ter que ficar provando o tempo inteiro sabe, provando que, vou dar um exemplo, de casa, sabe, bom da decoração da casa, da organização da casa, enfim, <u>de provar que tudo que está construído aqui também é parte minha, assim, minha companheira é branca e as pessoas elogiam é, pra ela, assim, sabe, tipo algo do pessoal assim, sabe.</u></u></p> <p><u>Ai fiquei nervosa, não que isso perpassa ela, não que ela comungue, nem as pessoas, mas só, não é botar uma máscara de monstrificação mas é só como isso aparece cotidianamente, sabe, que esse lugar da criatividade não pode ser explorado a partir desse corpo, isso é sobre raça, isso não é sobre ser lésbica.</u></p> <p><u>O descrédito vem muito mais sobre a raça.</u></p>	
E 04	<p><u>Os desafios, eu acho que volta muito lá na primeira questão que é a inserção da gente nos campos da sociedade, tipo no campo da saúde, não tem muita atenção pra nós, tenho certeza, posso até pesquisar mas tenho certeza <u>que muitas mulheres negras lésbicas devem ter falência de alguma enfermidade porque não tiveram atenção mesmo, sabe, até questão de saúde mental, não acreditam no que a gente fala, por exemplo quando a gente diz que sofre alguma coisa, tem que se afirmar, e é um desafio ter que ficar se afirmando sempre, sabe, é pra ser acreditada, pra ser vista, pra ser entendida.</u></u></p> <p><u>Acho que no campo da profissão também tem muito, muito desafio assim, a gente tem que fazer mais, sempre fazer mais, fazer mais, fazer mais, porque os nossos corpos não interessam em nenhum meio assim, é</u></p>	<p>Racismo. Homofobia. Falta de atenção. Falta de empatia. Não lugar. Invisibilidade. Descrédito. Descredibilidade. Desvalorização. Lutas. Solidão. Autoafirmação. Violência. Falta de representatividade.</p>

	<p>nítido assim, infelizmente, na sociedade, e como sou uma pessoa muito sentimental, eu fico pensando muito no amor, tipo <u>o desafio que é nossos corpos, nós sermos amadas mesmo de verdade, sabe, tendo o amor fraternal também de família que é muito importante e a gente esquece que o amor da família é muito importante, o companheirismo da família, tanto que a gente se separa da família muito rápido, porque a gente tem que começar a trabalhar cedo, nossas mães, nossas avós, nossas tias que são as mulheres matriarcas da família também sempre trabalhando e cuidando e gerindo famílias enormes</u> sabe, enquanto os homens estão fazendo outras coisas como ter outras famílias, ou algum tipo de violência também né e violências, acho que violências assim físicas que acho que é muito comum, voltando lá acho que pra segunda pergunta que é <u>a gente ser vista como um corpo normal na sociedade, como ir ao banheiro, é o bom dia do porteiro, sabe, bom dia do motorista do ônibus, essas coisinhas assim que fazem a gente não se sentir um ser humano as vezes, que é um desafio, um desafio inclusive pra saúde mental assim, ter que ficar reforçando pra gente mesma que a gente é válida, que a gente é ser humano, que a gente merece carinho amor, respeito, compreensão, que a gente merece todos os espaços de estudo, sabe, grandes nomes da música são de mulheres negras, bissexuais, lésbicas, mas que a história não é contada, né, por que justamente por isso, não querem que tenham pessoas pra inspirar, pra que a gente se entenda, pra que a gente se conecte mais fácil, com pessoas como nós.</u></p>	
E 05	Os <u>desafios estruturais</u> são os piores.	Desafios estruturais. Racismo. Homofobia. Violência.
E 06	A minha namorada é uma mulher branca, loira de olho azul e daí pessoalmente, uma das questões que eu enfrento é que mesmo dentro da minha família eu vejo que por eu estar	Racismo. Violência. Homofobia. Invisibilidade. Falta de representatividade.

com ela, e ela ser uma pessoa branca, eu fui criada pela parte branca da minha família, o meu pai foi acoplado ali e quando ele começou a se relacionar com minha mãe, quando eles casaram, ele teve que trocar de religião, ele gostava de ouvir o samba dele mas tinha que ouvir mais baixo, porque minha avó e minhas tias foram morar do lado deles, então tudo o que era da cultura dele e aproximava ele da família dele, ele foi tendo que deixar de lado, e meu irmão ele saiu branco como os meus parentes, então eu acho que essa questão da raça ela foi uma questão que foi muito complicada pra mim sabe, porque eu só estava em núcleos brancos, então até pouco tempo atrás eu achava que eu era só mais moreninha que as pessoas sabe, e quando uma pessoa só não tem um tom de pele mais escuro mais tem todos os traços, fica muito mais difícil se identificar, então isso é uma questão, e aí agora que to namorando uma mulher branca, eu vejo que eles tem muito mais aceitação porque ela é branca, toda vez que ela vai na casa da minha avó eles tem que comentar que ela parece nórdica, esses dias ela sentou no sofá com minhas tias e uma delas comentou que era o lado nórdico da família, coisa do tipo, então acho que dentro da família isso aí é um desafio ainda e tenho certeza que por estarmos no sul do Brasil isso aí não é um desafio só pra mim. Da mesma forma que quando fomos conhecer a avó dela a gente não foi como casal, a gente foi como amigas e tal, e a avó dela também deu umas olhadas meio tortas e fez uns comentários meio racistas, então acho que no âmbito pessoal, sendo um casal inter-racial em Santa Catarina isso aí é um desafio bem grande. Então é isso, é a falta de representação também como eu comentei antes, a gente não se vê nos lugares, a gente não se vê representada em absolutamente nada da esfera pública, até a Ministra das Mulheres veio aqui na UFSC faz um tempo e eu fui vendo quem ela chamou pra compor a mesa né, então

	<p>tinham vários coletivos, tinha um coletivo que tinha duas representações na mesa, acho que tinham 10 lugares e numa fileira da arquibancada tinha um coletivo de lésbicas na fileira atrás tinha um de mães, e ela simplesmente não chamou, sabe, e ninguém ali na UFSC chamou e se chamasse a gente sabe que quem seria chamada seriam mulheres brancas, então, além lugares que tenham uma proposta democrática progressista que essa questão de uma socialização homofóbica racista pega bastante.</p>	
--	--	--

Questão 05 - Você pensa ser interessante existir uma cartilha que aborde os combates aos preconceitos que as mulheres negras lésbicas enfrentam na sociedade? Em caso afirmativo, explique o porquê.

Entrevistada	Expressões-chave	Ideias Centrais
E 01	<p>Sim eu acho que é fundamental, porque acredito que a gente só vai conseguir mudar alguma coisa é tendo conhecimento e tendo forças pra se unir né porque acho que a mudança é coletiva, parte do coletivo pro individual, e é necessário isso né porque eu me vejo me colocando como exemplo, eu tenho conhecimento, tenho acesso, imagina aquelas manas que não tem né, então eu acho que isso é fundamental pra atingir a base, pra conseguir movimentar né, até a questão de muita coisa a gente não vê, a gente não percebe e isso não quer dizer que a gente não vivencie e isso que eu me colocando como exemplo mesmo, pela minha história, muita coisa eu não percebia, de racismo assim, porque eu não me via como negra, não entendia que eu era negra e vivia naquele lugar de não ser branca também, nessa questão de mestiçagem, de ser morena, enfim, no momento em que eu comecei a ter conhecimento sobre as coisas né, comecei a me entender como Ameericana, enfim a ter contato com outras mulheres negras, enfim, isso começou a me despertar também, a entender que isso era uma violência e</p>	<p>Coletivo. Conhecimento. Movimentos. Racismo. Não branca. Lugar de fala. Autoafirmação. Lutas. Representações. Violência.</p>

	também a saber como reagir né, porque isso é importante, a partir do momento em que a gente entende que não tá sozinha também, a gente tem forças e tem armas pra lutar contra né.	
E 02	<p>Que ótimo, sim, acho que <u>a gente ainda está se reconhecendo na sociedade enquanto mulheres negras lésbicas e justamente por carregar tantos estereótipos, acho que é interessante de compartilhar ou visualizar que não estamos sós</u>, um meio importante ou facilitado, uma cartilha facilitada pra ter uma longevidade maior, a internet é volátil, e talvez uma cartilha seja bem interessante pela longevidade por onde possa chegar, quem possa acessar e também como trabalhar com essa cartilha, bem interessante, utilizar em formações seria bem interessante, não só pra mulheres lésbicas mas de um modo geral, bem aberto né, até porque <u>afinal de contas a gente vive numa sociedade diversa, as pessoas se reconhecem aos poucos e talvez através de um documento que demonstre similaridade em suas vidas se reconheçam</u>, e se expandam se <u>assumam</u>, porque a gente sabe que tem muitas mulheres, negras eu falo, vivem num padrão justamente por esse medo, “pô” já carrego tanto medo pelo preconceito racial, ai ainda vou sofrer mais, eu acho que eu quando <u>me assumi eu, tem que ter coragem (risos), auto -conhecimento, saber o que é o amor próprio primeiro pra se assumir</u>, eu não sei, assumir pra mim já é algo problemático, não sei se é o termo, mas pra se expandir enquanto a pessoa que ela quer ser e enfim uma cartilha, no meu ponto de vista, seria bem interessante sim.</p>	<p>Coletivo. União. Estereótipos. Formação. Informação. Conhecimento. Diversidade. Reconhecimento. Assumir. Autoconhecimento. Amor próprio.</p>
E 03	<p>Nossa eu acho muito interessante (risos), acho muito, muito interessante, <u>acho muito importante na verdade acho que a única possibilidade de a gente conseguir pensar numa transformação social é levando informação, sabe, não a toa assim, tem um nervosismo em falar</u></p>	<p>Informação. Possibilidade. Transformação social. Acolhimento. Lugar de fala. Racismo. Sexismo. Apoio. Violência. Traumas.</p>

mas porque eu não consigo encontrar as palavras, sabe, e essa dificuldade em encontrar as palavras é justamente porque não é falado, sabe?

Perpassa uma ideia de tabu também, porque é falar sobre duas grandes feridas, assim, a ferida narcísica da branquitude porque você vai precisar falar pro branco olha isso é sua responsabilidade também, e a nossa ferida, essa marca de dor, então quanto mais ser possível de estar aí sendo falado, a gente vai tendo verbo, vai tendo palavra, experiências, pra conseguir nomear o que se sente, acho que grande parte das situações passam a ser corriqueiras no nosso dia a dia, caem numa normalidade e a gente nem percebe mais e acho que quando as perguntas vem de uma forma tão diretiva trazem um desconforto porque nos obrigam a nos olhar e pensar “nossa mas isso aconteceu ontem, anteontem”, sabe, mas isso é super normal, ou melhor, completamente comum e por ser comum não é normal, então quando você começa a pontuar você percebe caramba quanto mais informações tiver menos cai nesse lugar de possibilidade de ser normal, sabe, mais a gente balança pra ter possibilidade de transformação e acolhimento. Enfim, não se sentir só, acho que um dos enfrentamentos do racismo e do sexismo é que a gente está completamente isolada tanto que, não sei se completamente mas muito isolada, achando que a gente sofre sozinha, que só acontece com a gente, então, que é uma das faces da violência mesmo, colocam um tabu, não fala sobre, não pode falar, se não as pessoas ficam assim, ficam assadas né, fica triste, ou fica brava, enfim, e a gente não fala sobre o que acontece com a gente, não fala sobre o que sente, não fala sobre a dor e fica cada um sofrendo dentro das suas ilhazinhas assim, então acho que tudo isso é importância sabe, fazer mesmo, a gente precisa falar sobre, mesmo que nervosa, ainda estou nervosa porque falar sobre isso não é algo

	<p>fácil, mas até porque é isso, falar sobre trauma nunca é fácil e racismo é um grande trauma, falar sobre não é fácil mas é importante, importante pra mim, importante pras pessoas, enfim, importante pra mim poder falar e pras pessoas que vão poder acessar essa cartilha, sabe. Eu gostaria de ter tido uma cartilha em determinado momento. Que me dissesse que não é normal que também acontece com outras pessoas.</p>	
E 04	<p><u>Acho que é muito importante que tenha esse movimento mesmo, pra termos espaço, pra que a gente fale, pra sermos vistas pra que a gente se conecte, pra que essa rede fique maior. A gente ta em constante evolução da sociedade e a sociedade tem que saber como ela vive, quem são os seres que estão, que compões a sociedade, quem é que trabalha, quem é que ensina, quem é que educa, quem é que cuida, sabe, quem é que movimenta essa roda toda que é a sociedade, a gente precisa saber que existem outras pessoas como nós, passando pelas mesmas coisas e ganhando coisas também, sendo vitoriosas, sabe, sem medo da gente assumir o que a gente é, saber o que a gente precisa, o que não precisa também, não aceitar violências, não aceitar desconfortos que fazem com que a gente não consiga se conectar com a gente mesmo e eu acho que é isso, se conectar com a gente mesma pra que a gente possa buscar nossos semelhantes e viver bem e pensar nossa isso é uma coisa que eu posso aprender com essa pessoa, sabe, é eu não conheço, por isso mesmo, é eu não conheço muitas mulheres pretas lésbicas por aqui, onde estão, eu não acho, eu não acho, porque nem todas tem essa segurança de falar e afirmar que eu sou uma mulher preta lésbica, ou a oportunidade de entender isso, eu posso ser amada também por outra mulher, isso da heterossexualidade compulsória, não tenho que casar com homem perfeito, da nossa vida e sabe, não, acho que por isso é importante também, a gente saber</u></p>	<p>Movimento. Espaço. Lugar de fala. Conexões. Violência. Se posicionar. Lutar.</p>

	<p><u>que existem outras e temos que falar, que tem vivências, vou fazer 33 anos agora e faz pouquíssimo tempo que comecei a me conectar com outras mulheres pretas e correr atrás disso mesmo, de querer estar ali, de fazer parte disso, dessa nova visão, é o que eu acho, a gente tem que falar mesmo, posicionar se não, cara, tem que lutar mesmo, infelizmente a gente tem que lutar pra ser vista, na sociedade mas acho que não é um trabalho perdido não, pelo contrário, é gratificante.</u> Na minha profissão a gente já tem poucas mulheres né, trabalhando, e ainda mais mulheres negras, justamente por isso, cara é muito estudo, acho que em todas as áreas, muito estudo, muita leitura, tempo, e a gente não tem, aquela que a gente tem que começar mais cedo, tem muitas outras coisas, outras responsabilidades, né, que a vida pede da gente e que muitas vezes a gente vai deixando de lado, nossos sonhos, e tal, por isso que hoje eu falo meu eu sou uma mulher preta sapatão mesmo bartender, <u>é juntar as pessoas e fazer com que a gente va junto né.</u></p>	
E 05	<p><u>A informação é melhor arma para combater ideias às fundamentalistas cristãs que estão impregnadas na sociedade. E fazer os recortes de raça e gênero são fundamentais na realidade brasileira.</u></p>	Informação. Raça. Gênero.
E 06	<p><u>Eu acho que sim, com certeza, muito do preconceito direcionado a mulheres negras e lésbicas são preconceitos que as vezes nem passam pelo consciente da pessoa sabe, é uma coisa muito inconsciente e aí quando a gente nomeia um incômodo a gente fala num tom, não é nem acusatório, a gente fala o que a pessoa fez, quando é pessoalmente elas acabam ficando muito ofendidas, dizendo que não é isso, desconversando, então quando vem um material, imagino que vai ser escrito né, mas não endereça a crítica diretamente mas propõe tirar aquilo do campo das ideias e falar como que aquilo acontece na pratica talvez seja</u></p>	Combate ao preconceito. Informação. Conscientização.

	<p> <u>muito mais fácil de conscientizar ao invés de falar, sabe, porque daí é um trabalho da pessoa ler e pensar sobre aquilo que o outro ta falando, eu acho que tem muitas pessoas mais velhas, lá pelos 40, 50 anos que tem muita dificuldade em lidar com pessoas mais novas acusando do que eles fizeram, mesmo que tenham feito, por ser uma pessoa mais nova eles não aceitam, e aí tem todos os atravessamentos da sexualidade, raça, classe, então quando é um trabalho que eles tem que fazer por eles mesmos, sozinhos, de ler e de pensar e de fazer aquilo sozinhos talvez tenha muito mais efetividade também, acho bem legal, até porque a maioria das pessoas não pensam nisso né eu vejo que as pessoas não se colocam a pensar, sabe e é uma construção histórica não pensar sobre o racismo no âmbito pessoal, então, acho bem importante.</u> </p>	
--	---	--

Questão 06 - Você gostaria de falar algo mais? Fique à vontade.

Entrevistada	Expressões-chave	Ideias Centrais
E 01	<p> Então eu achei de modo geral eu achei super interessante a nossa conversa, achei interessante essa cartilha também, gostaria de ter acesso, e enquanto pesquisadora também, eu acabei, ano passado eu acabei meu mestrado em artes visuais mas com pesquisa sobre negras sapatonas também, <u>então eu acho que é muito bacana a gente somar isso, a gente tá no espaço acadêmico fazendo o que a gente faz, fazendo que a nossa vivência no espaço acadêmico é uma revolução, a gente tá movimentando, se encontrando, a gente estar conversando sobre isso já é acho que um ótimo passo dado</u> e é acho que a gente tem que continuar, e é isso e no que eu puder ajudar, gostaria de ler tua pesquisa, ver tuas referencias, não entendo muito da área de biblioteconomia, mas eu imagino que tenha referencias ótimas, enfim acho que é isso a gente tem que espalhar nossa pesquisa pro mundo, pra outras mulheres, eu não sei se tu </p>	<p> Revolução. Informação. Representatividade. Movimentos. Coletivos. </p>

	<p>percebe teu movimento, <u>mas só de ter chegado tua pesquisa até mim eu acredito que já tem muito essa questão de ir pro coletivo né que eu acho que é onde a gente ganha força</u>, eu acho que é isso que eu tenho que contribuir mais é essa questão de ficar a disposição.</p>	
E 02	<p>Eu acho que basicamente nessa proposta que tu falou da cartilha, muito interessante né, o sentido da <u>Mudiá nasceu também com a Jeruse né, uma das fundadoras, Jeruse, eu, Malu e Guilhermina, mas antes da Mudiá eu e Jeruse já conversava muito sobre a necessidade de ter um grupo de mulheres negras em Florianópolis, então se não fosse a Mudiá seria outra coisa, então falar sobre a importância de se identificar né, essas mulheres que ainda se escondem porque tem outras tantas que se escondem, é bem importante a gente pontua isso, por toda essa questão né julgamento da sociedade, preconceito, mulheres mais velhas e talvez a cartilha, claro que não vai, acho que dependendo do formato dela, se tu ampliar a categoria etária, acho que vai atingir lugares que ainda que as pessoas tem dificuldade, nós temos dificuldade de atingir, as pessoas mais velhas e tal, mas principalmente pra essa juventude que convive com uma sexualidade muito precoce por conta da facilidade que a gente tem com internet e tal, mas em contra ponto, está tão difícil de abordar em sala de aula, falar sobre sexualidade, e a gente sabe dos retrocessos que a gente viveu e que seria, nossa um tempo atrás tinha o NIX da UFSC que tinha o Fazendo Gênero que focava justamente na ida nas escolas falar sobre a questão de gênero e sexualidade, se tivesse a possibilidade de voltar isso e incluir essa cartilha com enfoque em pessoas negras sim, mas abrangendo outras pessoas, seria bem, no mínimo interessante, <u>no mínimo, daria um norte pra uma população que tem tanta informação mas que talvez o excesso de informação não oriente.</u></u></p>	<p>Movimentos. Coletivos. Informação. Sexualidade. Orientação.</p>

E 03	Não, acho que é isso!	Coletivos. Informação.
E 04	Primeiro queria agradecer né (risos), agradecer pela iniciativa, você falou um pouco ali sobre como você chegou nesse ponto de falar não, alguém tem que fazer isso mesmo, se não tem alguém precisa fazer e as vezes a gente esquece que também tem esse poder de começar, iniciar movimentos, né, eu conheço a Mudiá há um tempinho, a gente já fez alguns trabalhos juntas, até pela La Kahlo, <u>e precisa ter espaço para mulheres negras, fazer suas exposições, cantar, tocar, mas ainda é muito majoritariamente de mulheres brancas lésbicas, pensando em lesbianidade mesmo, vejo pouco, vejo pouco mesmo</u> por isso, sabe, a gente não ganha tipo, gratificação mesmo pelo que a gente faz, tipo aquele tapinha nas costas mesmo nossa bom trabalho, é bom, é bom ouvir que você ta fazendo um bom trabalho, que o que você faz é válido, da mais gás pra gente continuar, acho que por isso talvez a gente não se sinta tão a vontade de falar, de ter força pra fazer e tal, <u>por isso é importante esses movimentos iniciarem, e ser físico mesmo, tipo, bom que vai ser uma cartilha física, que na internet hoje tudo se perde, a gente ta passando hoje ai por uma coisa que tecnologia ta reinando assim, e as coisas acontecem muito rápido, e é bom ter uma coisa que dure né, que perdure pra que a gente possa também usar como exemplo, olha isso aqui existe, isso aqui é palpável assim como a nossa vivência, o nosso corpo, nossas vontades e me sinto muito feliz por tá participando</u> (risos).	Vivências. Informação. Representatividade.
E 05	Não, acho que é isso mesmo.	Coletivos. Conexões. Informação.
E 06	Achei muito legal sua pesquisa, nunca vi ninguém pesquisar sobre isso, e <u>acho bem importante a seleção das perguntas que foram formando uma narrativa e espero que tu faça a cartilha e que ela seja usada.</u>	Coletivos. Conexões. Informação.

IAD 2 – IDEIAS CENTRAIS

Questão 01 - Quais os preconceitos você, enquanto mulher negra, vivencia na sociedade?

Síntese das Ideias Centrais	Entrevistada
Racismo estrutura. Racismo. Antirracismo. Bullying. Microviolências.	E 01; E 02; E 03; E 04; E 05; E 06.
Espaço social. Militância. Exclusão social. Discredibilidade.	E 01; E 03; E 04; E 06
Hipersexualização dos corpos negros. Performar feminilidade. Estereótipos. Corpo negro.	E 01; E 02; E 04
Não lugar. Lugar de subalternidade. Invisibilidade. Falta de representatividade. Não ser visto. Pré-julgamento.	E 02; E 03; E 04; E 06

DSC 1 – Eu penso que os maiores preconceitos enfrentados por mulheres negras na sociedade é o racismo e o racismo estrutural, bem como as microviolências vividas cotidianamente. Desta forma, os corpos negros sempre foram hipersexualizados ao performar sua feminilidade e, colocados, historicamente, em um não lugar, ou então em um lugar de subalternidade, o que reflete em exclusão social. Aliado a isso, infelizmente estão os pré-julgamentos deste corpo negro ocupar seu espaço social por direito, forçando deste modo, mais racismo com seus estereótipos e invisibilizando, discredibilizando, e não os deixando serem vistos, não tendo representatividade, para que não nos reconheçam e sejamos silenciadas.

Questão 02 - Quais os preconceitos você, enquanto mulher lésbica, vivencia na sociedade?

Síntese das Ideias Centrais	Entrevistada
Performar feminilidade. Estereótipo feminino. Mulheres disfem. Estereótipos lesbofóbicos. Vulnerabilidade.	E 01; E 04; E 06
Preconceitos. Homofobia. Opressão. Violência. Falta de segurança. Violência de gênero. Machismo. Sexismo.	E 01; E 02; E 03; E 04; E 05; E 06
Sujeito fora das normativas. Homossexual. Interseccionalidade. Sexualidade. Gênero e sexualidade.	E 01; E 02; E 03; E 04; E 06
Segurança para assumir. Militância. Falta de atenção na saúde. Saúde mental. Não ser ouvida. Silenciamento. Falta de segurança.	E 03; E 04; E 06
Discredibilidade da família. Vistas como família. Não pertencimento. Falta de representatividade de mulheres lésbicas. Desrespeito.	E 03; E 04
Não ser ouvida. Não pertencimento. Não lugar. Lugar de legitimidade.	E 04; E 05; E 06

DSC 2 – Como mulher lésbica, acredito que a sociedade espera que todas as mulheres performem feminilidade, apresentem um estereótipo feminino para

que sejam aceitas, e quando percebem que nem todas são, a exemplo das mulheres disfem, vem a tona muito preconceito, principalmente violências de gênero, homofobia, machismo e sexismo, dependendo do espaço e contexto social, a exemplo do acadêmico, elas têm então, este lugar de legitimidade. A violência que a sociedade lesbofóbica aplica em cima destas mulheres, enxergando-as como um sujeito fora das normativas, opressão interseccional, discredibilizando-as, não as vendo como indivíduos que constroem família, que trabalham, estudam, movimentam também a sociedade, forçando uma invisibilidade a partir justamente da falta de representatividade, e o sentimento natural desenvolvido por estas é o de não pertencimento, não lugar, não são ouvidas, não são vistas, são silenciadas. A importância da militância a partir deste ponto de vista, é justamente essas mulheres perpassem as opressões, a falta de segurança, desrespeito e falta de atenção até na saúde, para que se empoderem e se afirmem cada dia mais seu gênero, sexualidade e raça.

Questão 03 - Quais os preconceitos você, enquanto mulher negra e lésbica, vivencia na sociedade?

Síntese das Ideias Centrais	Entrevistada
Machismo. Racismo. Homofobia. Lesbofobia.	E 01; E 03; E 04; E 05; E 06
Estereótipo. Performance feminina. Masculinização.	E 01; E 02;
Julgamento. Exclusão. Apagamento.	E 01; E 02; E 04
Não lugar. Falta de representatividade. Constante autoafirmação. Luta. Invisibilidade.	E 01; E 02; E 03; E 04; E 06
Papel na relação lésbica. Crescimento no relacionamento. Relações inter-raciais. Compreensão. Relações abusivas. Falta de amor e afeto.	E 02; E 04
Reconhecimento. Lugar de fala. Compreensão. Trocas de aprendizado.	E 04

DSC 3 – Então, já como mulher negra e lésbica, ao pensar na inteseccionalidade, a sociedade sempre vai nos enxergar de forma masculinizada e questionar assim, nosso papel na relação amorosa e afetiva. Isto, este julgamento nada mais é que machismo, racismo e homofobia, ou melhor dizendo, lesbofobia. Assim, nós acabamos nos questionando dentro de nossas relações afetivas lésbicas, e muitas vezes permanecemos em relações abusivas, com falta de amor e afeto, pois sofremos tanta exclusão, tanto apagamento, falta de representatividade, que nos permitimos a isso. E em determinados momentos da nossa vida, quando percebemos que precisamos de amor e compreensão,

buscamos crescimento nos relacionamentos, muitas de nós vivemos relações inter-raciais, e temos muito diálogo nestas relações para que sejamos reconhecidas, vistas e ouvidas, que tenhamos trocas e aprendizado, pois esta nossa constante autoafirmação, de que somos válidas e dignas de amor, que é uma luta, nos leva a buscar nosso lugar de fala e de reconhecimento e somos ouvidas nas relações.

Questão 04 - Quais os desafios você enfrenta enquanto mulher negra e lésbica na sociedade?

Síntese das Ideias Centrais	Entrevistada
Racismo. Violência. Opressão. Homofobia.	E 01; E 03; E 04; E 0; E 06
Construção política. Classe social. Informação. Cultura. Discussões. Desafios estruturais.	E 01; E 02; E 05
Estereótipo. Performance feminina. Não lugar. Invisibilidade.	E 01; E 04
Autoafirmação. Invalidação. Desvalorização. Falta de reconhecimento. Solidão.	E 01; E 03; E 04
Falta de representatividade. Falta de atenção. Falta de empatia. Lutas.	E 03; E 04; E 06

DSC 4 – Os maiores desafios que enfrentamos como mulheres negras e lésbicas são desafios estruturais como próprio racismo e homofobia, resultado dos julgamentos de estereótipos, de classe social, da falta de representatividade, por estarmos em um não lugar, falta de empatia, são violências e opressões, bem como o fato de sempre estarmos nos autoafirmando enquanto quem somos. Estamos sempre sendo desvalorizadas, invisibilizadas e sentindo-nos na solidão. Penso que para combater isso, é com uma construção política que nos permita trazer mais discussões, informação cultura, além de nossas lutas, para a sociedade.

Questão 05 - Você pensa ser interessante existir uma cartilha que aborde os combates aos preconceitos que as mulheres negras lésbicas enfrentam na sociedade? Em caso afirmativo, explique o porquê.

Síntese das Ideias Centrais	Entrevistada
Formação. Conscientização. Informação. Possibilidade. Conhecimento.	E 02; E 03;
Transformação social. Movimentos. Coletivos. União. Diversidade. Conexões. Acolhimento. Apoio. Reconhecimento. Espaço.	E 01; E 02; E 04
Lugar de fala. Lutas. Combate aos preconceitos.	E 03; E 06
Racismo. Violência. Traumas. Sexismo.	E 01; E 03; E 04; E 06

DSC 5 – Sim, penso ser de muita importância para combater os preconceito, o racismo, o sexismos, as violências em geral, bem como os traumas que carregamos de nossas vivências e validar nossas lutas. Uma cartilha em formato físico, distribuído em lugares estratégicos como escolas, movimentos, coletivos, espaços educacionais e de saúde trará uma transformação social e lugar de fala para mulheres negras lésbicas. Utilizá-la em formações para promover informação, conscientização e possibilidade de conhecimento, faz com que estas mulheres se sintam acolhidas, tenham apoio neste espaço de respeito à diversidade, além de promover união, conexão, força e principalmente reconhecimento.

Questão 06 - Você gostaria de falar algo mais? Fique à vontade.

Síntese das Ideias Centrais	Entrevistada
Revolução. Informação. Representatividade.	E 01; E 02; E 03; E 04; E 05; E 06
Movimentos. Coletivos. Conexões.	E 01; E 02; E 03; E 04; E 05; E 06
Orientação. Sexualidade. Vivências.	E 01; E 02; E 03; E 04; E 05; E 06

DSC 6 – Movimentos e coletivos nos permitem criar conexões com outras mulheres como nós, negras e lésbicas que passam pelas mesmas vivências, preconceitos e desafios pela cor, raça, orientação, sexualidade e gênero. Este projeto e esta cartilha faz a diferença no crescimento e reconhecimento de cada uma de nós, com informação e representatividade, sendo de certa forma uma revolução.